

Juçara de Souza Castello Branco

*Alemães em Lages: uma trajetória de conflitos e alianças
guardadas pela memória*

Orientador: Prof. Dr. Valberto Dirksen

Dissertação apresentada ao Departamento de História
do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis 2001

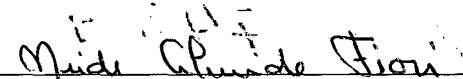
**ALEMÃES EM LAGES:
UMA TRAJETÓRIA DE CONFLITOS E ALIANÇAS
GUARDADAS PELA MEMÓRIA**


JUÇARA DE SOUZA CASTELLO BRANCO

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de
MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL

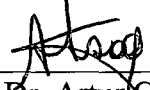
BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Valberto Dirksen - Orientador (HST/UFSC)


Prof.^a. Dr.^a. Neide Almeida Fiori (CSO/UFSC)


Prof. Dr. João King (HST/UFSC)

Prof.^a. Dr.^a. Eunice Sueli Nodari - Suplente (HST/UFSC)


Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
Coordenador do PPGH/UFSC

Florianópolis, 06 de março de 2001.

Resumo

A memória da diversidade etno-cultural-religiosa da população de Lages, cidade do Planalto de Santa Catarina, foi negligenciada por discursos políticos-ideológicos determinados a formular uma identidade nacional homogênea. Novas abordagens de investigação histórica possibilitaram a problematização da memória enquanto um elemento de constituição do sentimento de identidade. Nesta perspectiva os fragmentos da memória de imigrantes alemães e seus descendentes em Lages, entre 1889 e 1945, apontam para faces daquela sociedade que foram esquecidas pelos discursos acima referidos ao mesmo tempo em que relatam uma trajetória de tensões e conflitos, negociações e alianças que se deram naquela cidade de modo diferente de outras regiões de colonização alemã do estado de Santa Catarina.

Abstract

The memory of the ethnic-cultural-religious diversity of the population of Lages, city located in highlands of Santa Catarina, was neglected by political-ideological discourses determined to formulate a homogeneous, national identity. New approaches to the historical investigation questioned memory as an element of constitution of the feeling of identity. From this perspective, the fragments of the memory of German immigrants and their descendants in Lages, between 1889 and 1945, indicate the aspects of that society which have been forgotten by the discourses mentioned above, while giving account of a trajectory of tension and conflict, negotiation and alliance that occurred in that city in a manner different from other regions of German colonization in the state of Santa Catarina.

Este trabalho é dedicado com amor à
memória de Valdevino Candido de Souza,
pela sua serenidade mediante os conflitos, e
a Alice de Liz Scos, pela dignidade da sua
trajetória de vida.

Agradecimentos

Ao chegar ao final deste trabalho fui me convencendo de que uma pesquisa nunca termina, apenas é chegada a hora de cumprir os prazos exigidos, entregar os artigos e versões solicitadas para a dissertação e, por fim, defendê-la. Trata-se da passagem de uma etapa para outra, dentro de uma única trajetória de vida onde foram muitas as pessoas que interagiram de modo contundente e decisivo, levando-me a rever conceitos que anteriormente dava como dados, ou como fechados. Agradeço a todas estas pessoas, porque elas me levaram a ver sob um novo prisma não só a escrita da história, mas também a vida. Esta experiência se deu através dos debates em sala de aula, nos encontros casuais nas escadas corredores e cafés do Centro de Filosofia e Ciências Humanas e do Centro de Educação, na Biblioteca e tantos outros encontros maravilhosos que tiveram hora marcada apenas para começar.

Agradeço particularmente:

- Ao Prof. Dr. Valberto Dirksen, que, antes de qualquer coisa, foi o primeiro a acreditar neste trabalho, de tal modo que me apoiou e orientou com firmeza e segurança no desenvolvimento de um projeto de Iniciação Científica, aprovado pelo CNPq e desenvolvido ao longo de três anos. Posteriormente, também aceitou me orientar durante o Mestrado, dando continuidade a um trabalho que já havia iniciado através de pacientes e repetidas leituras, seguidas de questionamentos e debates. Não posso deixar de agradecê-lo também pelas suas traduções do alemão para o português e pelo fornecimento de fontes raras;

- Ao Prof. Dr. João Klug, que, no ano de 1998, por ocasião da viagem do Prof. Dr. Dirksen à Alemanha para a realização do seu Pós-Doutorado, assumiu a minha orientação, direcionando minhas leituras, bem como a escrita de relatórios e artigos, além de também ter colaborado com o fornecimento de importantes fontes;

- Ao CNPq e a CAPES, que, seja na graduação ou no Mestrado, financiaram a pesquisa que resultou nesta dissertação;

- Aos funcionários da Pós-Graduação Nazaré Wagner, Mauricio Alves e Sandro, os quais em muitos momentos, orientaram e contribuíram com os encaminhamentos burocráticos necessários à manutenção do Mestrado;

- Às professoras e aos professores Cristina Scheibe Wolff, Dante Marcello Claramonte Gallian, Elio Cantalício Serpa, Eunice Nodari, Maria Bernadete Ramos Flores, Paulo Pinheiro Machado e Roselane Neckel Kupka que participaram da minha trajetória, durante o Mestrado, com comentários e sugestões de leitura;

- À Cristiane Bereta da Silva Luiz, Elza Daufenbach Alves, Jaqueline^a M. Zarbato, Luciana Rosar Fornazari, Nucia Alexandra S. de Oliveira, Sheila Magali Vasconcelos, pelos momentos de estudo, leituras, sugestões de trabalho e, sobretudo, pela amizade;

- A Adelbal João Philippi, Beat Richard Meier, Danilo de Castro, José Raulino Jungklaus, Licurgo Ramos Costa, Waldyone Fabíola Mello Pagliarini e Toni Vidal Jochem, pelo fornecimento de fontes e informações pertinentes ao universo da pesquisa;

- À Maristela Moreira de Carvalho, pelas leituras atentas e revisão do texto desta dissertação;

- À Tânea Rondon Quintanilha e Lailah Fernandes de Noronha, pelos serviços gentilmente prestados de traduções do português para o inglês;

- Aos meus pais, João Adão e Ondina, as minhas irmãs, Maria Aparecida e Denise, pelo amor e incentivo em momentos difíceis; também as minhas avós, Alice e Maria dos Prazeres, porque em última instância, a nossa relação levantou questionamentos que me levaram ao envolvimento com o objeto desta pesquisa ;

- Ao meu marido, Roberto, pelo suporte técnico quanto ao uso dos recursos da informática, pela tolerância com a execução deste projeto de trabalho, que invadiu a nossa vida privada em largas proporções e, sobretudo, pelo estímulo sem o qual este trabalho não seria possível;

- A Deus, porque usou de todas as pessoas acima referidas, além de muitas outras para me fazer ver a vida de um modo diferente através da experiência deste trabalho.

Sumário

Apresentação		01
Introdução		03
Capítulo I	Memória e identidade	11
Capítulo II	Um olhar sobre a trajetória	45
Capítulo III	Tensões e conflitos	74
Capítulo IV	Alianças e negociações	108
Considerações Finais		139
Anexos		142
Fontes Consultadas e Referências Bibliográficas		155

Apresentação

Este trabalho foi motivado pelo fato de eu ser integrante de uma família de migrantes. Entre meus antepassados, segundo a tradição oral, encontram-se índios, imigrantes portugueses, alemães e italianos. Uma vez no Brasil, os descendentes destes últimos circularam por diversas regiões do país. Durante a primeira metade do século XX, alguns deles se encontravam na área rural de *Lages*¹ e, por volta de 1950, mudaram-se para a cidade, onde esperavam encontrar melhores condições de vida, desfrutando dos confortos que a luz elétrica oferecia, escolas para os filhos que fossem além do primário, assistência médica e assim por diante. Enfim, eles tinham um encantamento pelo mundo urbano, o qual lhes acendia a esperança de dias melhores. Uma vez na cidade, a realidade se apresentou, por vezes, bem diferente do que o esperado, levando-os a empreender novos projetos migratórios.

Nesta trajetória, levaram consigo a lembrança saudosa de seus antepassados e, por vezes, a certeza de não existir a possibilidade de retornar para o lugar de origem. Estas lembranças os levavam a se identificar com as pessoas de um lugar onde não viviam mais e, muitas vezes, a entrar em conflitos com a sociedade onde agora moravam. O cultivo destas memórias, dentro de minha história pessoal, se deu, não raramente, nos domingos à tarde na casa de meus avós. Eram ocasiões onde a cozinha era aquecida pelo fogão à

¹ O município de Lages está situado na região serrana do Estado de Santa Catarina. Desde sua fundação esta região foi dividida em vários outros municípios desde sua fundação como este trabalho indicará posteriormente.

lenha e saboreava-se café com leite, acompanhado de deliciosas cucas, como nunca mais comi iguais. O aconchego familiar era um solo fértil para a imaginação onde a mesa se transformava num agente facilitador do diálogo entre pessoas que tinham muita dificuldade em expressar seus sentimentos. Sem dúvida, *a mesa é uma máquina social complicada mas também eficaz*² onde se alimentam antigos valores familiares, repassam-se tradições e conceitos de vida. Foi neste ambiente que herdei muitas das memórias de meus antepassados.

Neste sentido, as experiências da minha vida privada, somadas às experiências da vida acadêmica, constituíram o despertar do meu interesse pela memória e trajetória de alemães e seus descendentes em Lages. Durante o curso de graduação de História, o Prof. Dr. Valberto Dirksen incentivou o desenvolvimento do projeto *Alemães e seus descendentes na área rural de Lages durante a Primeira República*. Este projeto foi aprovado pelo CNPq e executado durante o período de 1996 a 1998 através de uma bolsa de Iniciação Científica. De certo modo, a dissertação que segue é a continuidade do trabalho de Iniciação Científica, iniciado durante a graduação, contudo, o levantamento de documentos até então inexplorados, seguidos de leituras teórico-metodológicas, permitiram a construção desta dissertação, mediante novos questionamentos e abordagens.

² GIARD, Luce, Cozinhar. In.: CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 266-7.

Introdução

A história escrita de Lages, diferentemente de muitas outras localidades brasileiras, tem a felicidade de guardar reminiscências da memória de sua sociedade. Esta historiografia preserva informações que se perderam no tempo, principalmente em função dos maus tratos que sua documentação pública recebe. Ela também guarda relatos de pessoas que há muito já morreram. Contudo, existem grupos de pessoas dentro da sociedade lageana que não se identificam com esta história. O objeto de estudo desta dissertação é um destes grupos, composto pelos alemães e seus descendentes que se fixaram nesta cidade.

O indicativo temporal usado neste trabalho parte de 1883 – ano da fundação do primeiro jornal de Lages, o qual se chamava *O Lageano* – ocasião em que trabalhadores alemães começaram a anunciar a prestação dos seus serviços através imprensa lageana, além de também serem representados nas colunas sociais da mesma – e vai até 1945 - período em que o contexto da II Guerra Mundial orientou processos de organização social, acentuando as distinções entre *nós e os outros*³ – quando houve uma negociação dos sentimentos de identidade de uma maneira particular. No entanto, isto não impede que se retroceda ou que se avance com relação ao período proposto.

A compreensão do conceito de identidade, nesta abordagem, inspira-se em Denys Cuche. Segundo este autor, a identidade é uma construção social do âmbito das

representações, contudo, isto não significa que seja uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, a qual produz efeitos sociais reais. Esta construção se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes, suas representações e escolhas.⁴

Partindo do pressuposto de que *a identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõem um grupo aos outros grupos com os quais está em contato*⁵ passo a questionar a identidade lageana construída pelos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Este questionamento se deu a partir da memória dos diversos grupos étnicos, particularmente germânico, existentes naquela cidade. Este questionamento parte da informação de que Lages, em 1929, contava com uma população de 50.000 habitantes, sendo que entre estes havia 200 alemães que viviam nas circunvizinhanças da cidade, além de muitas outras famílias que portavam os nomes dos seus antepassados alemães.⁶

Suas memórias - seja através dos registros escritos ou da história oral - foram problematizadas na perspectiva de compreender a maneira como estes produziram o mundo social, as situações que viveram e as estratégias singulares que acionaram em sua trajetória de vida, seja por meio de dependências que os ligavam, ou dos conflitos que os opunham à sociedade lageana, numa relação de confrontos e alianças.⁷

³ POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade, seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 11.

⁴ CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSP, 1999, p. 182-3.

⁵ *Ibidem*, p. 182-3

⁶ *Dienstreise des Konsuls Dr. Dittmar in Florianópolis über das Hochland des Staats Santa Catarina in das Tal Rio do Peixe (1929)* Bundesarchiv Berlin, R.57/474-29. Tradução do Prof. Dr. Valberto Dirksen.

⁷ CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. In.: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 7, nº 13, 1994, p. 102.

Sua trajetória de vida foi pensada, nesta abordagem, a partir da história oral e dos fragmentos de documentos que registraram a sua passagem por Lages e que, simultaneamente, apontam para os lugares de onde vieram e os motivos que os atraíram para aquela cidade. Estes fragmentos se encontram nas coleções de processos cíveis do Museu do Judiciário Catarinense e documentos de terras e colonização, além de Livros de Registros de Vigários, depositados no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. As informações desta documentação dialogam com as informações de toda uma bibliografia especializada sobre colonização alemã no Brasil, ora confirmando, ora contradizendo a sua trajetória na sociedade lageana.

Eles ingressaram em Lages quando aquela sociedade vivenciava uma relação de conflitos com as populações indígenas, *Xokleng e Kaingang*,⁸ além das tensões sociais entre os muitos pobres que ali viviam como peões e agregados e os poucos ricos fazendeiros. Além destes conflitos, estes indivíduos vivenciaram ainda outros. Eles possuíam modos de ver o mundo e de executar suas práticas cotidianas e religiosas de maneira diferente da população lageana. Tais diferenças foram problematizadas a partir dos relatos da memória escrita, contida em anúncios, crônicas e colunas sociais publicados nos jornais de Lages. A história oral contada por filhos e filhas, netos e netas de alemães estabelece um diálogo com esta documentação, ao mesmo tempo em que acena para os aspectos subjetivos da memória e para os conflitos que opõem grupos sociais. Apesar das construções e invenções da

⁸ *Xokleng e Kaingang*: viviam numa região que engloba a Serra Geral, entre o Estado do Paraná e o Rio Grande do Sul.

memória, há que se considerar que o relato de suas lembranças *restaurou a importância de memórias subterrâneas que [...] se opõem à memória oficial, no caso a memória nacional.*⁹

Nesta abordagem, considero que a história oral é a arte do indivíduo elaborada por meio de conversas onde se esboçam versões sobre o passado, ou seja, a memória. A história oral visa aprofundar os conhecimentos sobre os padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, mediante o impacto que as experiências individuais tiveram na vida de cada um. Neste sentido, *ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixaram de ser profundamente pessoais.*¹⁰

O diálogo entre a história oral e todo o conjunto das fontes até o momento mencionadas, somado aos registros de batismo, de casamento e de óbito e documentações diversas dos arquivos das igrejas Católica,¹¹ Presbiteriana e Luterana, permitiram tecer considerações sobre as alianças e negociações que se deram entre os alemães e seus descendentes dentro da sociedade lageana. Estas alianças representam uma das especificidades mais significativas deste estudo haja vista que apontam para uniões dos mais diversos interesses entre alemães, *teuto-brasileiros e luso-brasileiros.*¹²

⁹ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In.: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989, p. 4.

¹⁰ PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In.: *Projeto História*, São Paulo, nº 15, abr. 1997, p. 15-6.

¹¹ A pesquisa nos registros de batismo arquivados na Cúria Diocesana de Lages é dificultada por alguns problemas: 1) Ilegibilidade e má conservação da documentação; 2) Alguns dos índices indicam apenas o pré-nome das pessoas (João, Maria, etc.) e não nome das famílias (Silva, Vieira, etc.); 3) Os nomes estrangeiros são grafados com muitos erros e inconstância; 4) Existem casos onde os filhos recebiam o nome de família da mãe.

¹² Nesta abordagem, a noção de identidade *teuto-brasileira e luso-brasileira* está associada à construção constante que exalta as diferenças entre ambos, com base no mito das origens alemãs e portuguesas,

A história oral usada neste trabalho auxiliou a problematização da trajetória de alemães e seus descendentes em Lages, em suas relações de negociações e conflitos, na medida que levou em conta:

...a necessidade de o historiador ser fiel não apenas às palavras dos informantes, mas ao sentido da entrevista, evitando, por exemplo, citar trechos onde apenas uma parte das opiniões é revelada, para não lhes alterar o significado global; a necessidade de o historiador explicar, para os informantes, os objetivos do trabalho e os possíveis usos que fará da entrevista; a necessidade de respeitar as solicitações dos entrevistados, como o resguardo da identidade (via uso de pseudônimo e/ou ocultamento de informações que possam levar à identificação do informante); a necessidade de diferenciar a fala de cada um dos entrevistados, evitando diluí-los em um conjunto homogêneo, indiferenciado internamente; a necessidade de diferenciar claramente a voz do historiador da dos entrevistados, etc.¹³

A metodologia adotada na aplicação da história oral neste trabalho visou perceber o modo como os entrevistados e seus antepassados participaram da produção do mundo social e material de Lages, considerando as vivências cotidianas, religiosas e produtivas, além das estratégias usadas mediante os conflitos que os opunham e as dependências que os ligavam. A transcrição destas entrevistas se encontra disponibilizada no Laboratório de História Oral do Departamento de História, da Universidade Federal de Santa Catarina.

O espaço geográfico abordado neste estudo se restringe mais especificamente à cidade de Lages, ou seja, ao seu meio urbano. No entanto, em diversos momentos também

respectivamente, permitindo que os mesmos se localizassem em um sistema social e sejam localizados socialmente. Ver: CUCHE.Op. Cit. p. 177.

¹³ AMADO, Janaina. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. In.: *Projeto História*, São Paulo, nº 15, abr. 1997, p. 149.

se tratará da área rural haja vista que a relação destes dois meios era muito forte nesta sociedade. Contudo, observo que a área rural investigada neste trabalho diz respeito aos territórios que pertenciam a Lages durante o período investigado, ou seja, os atuais municípios de Anita Garibaldi, Bocaina do Sul, Bom Retiro, Campo Belo do Sul, Capão Alto, Cerro Negro, Cerrito, Celso Ramos, Correia Pinto, Índios, Lagoa do Estiva, Otacílio Costa, São José do Cerrito, Palmeira e Paineira.¹⁴

A construção desta dissertação partiu do pressuposto de que a escrita assemelha-se a um experimento de laboratório. As fontes consultadas remetem aos aspectos do passado, que são o objeto de estudo do historiador. No entanto, o modo como a documentação é articulada não passa de uma experiência.¹⁵ Espero que a minha experiência em escrever sobre a memória e trajetória de alemães em Lages tenha sido bem sucedida, aproximando-se das histórias de vida dos indivíduos que são o objeto deste estudo. No entanto, as mesmas fontes, acrescidas de outras, poderão receber novas leituras de outros historiadores que se interessem pelo tema.

Estou certa de que este é apenas o resultado de um primeiro esforço diante de todas as dificuldades em acessar coleções incompletas de documentos, as quais, na maioria das vezes, se encontram mal conservadas ou até em estado avançado de deterioração. Observo que existem três coleções de documentos que, com certeza, seriam de grande valor para o desenvolvimento deste trabalho, mas que, infelizmente, se encontram inacessíveis. A primeira delas se encontra no Arquivo Público Municipal de Lages, localizado no antigo terminal rodoviário da cidade que já foi atingido por enchentes e que não é aberto à

¹⁴ Apesar de todos os desmembramentos, Lages ainda é o maior município em extensão territorial do Estado.

visitação. A segunda é composta por processos crimes da Comarca de Lages, referente ao século XIX, que, segundo informações de funcionários do Museu do Judiciário Catarinense, desapareceu arbitrariamente. A terceira é composta por publicações dos Padres Franciscanos, residentes em Lages, que se encontrava no sótão do Convento, onde havia goteiras e a ameaça de desabamento, fato que os levou a amontoar, de modo caótico, cerca de três mil volumes no canto de uma sala.

Por fim, esclareço que a escrita dos nomes alemães se encontra grafada de diferentes modos na documentação consultada, sendo que procurei manter sua forma original, entendendo que indica um processo de *abrasileiramento* destes nomes. Estas alterações se deram pelo simples fato de que a relação som-escrita é diferente entre o idioma português e o alemão e os responsáveis pela confecção destes documentos não tinham conhecimento da grafia alemã porque, em sua grande maioria, eram luso-brasileiros.

¹⁵ CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 300.

*A poesia da história repousa no fato quase milagroso de que,
por esta mesma terra, por este mesmo chão familiar,
já caminharam outros homens e mulheres,
tão reais quanto nós,
com pensamentos próprios,
levados pelas próprias paixões,
todos mortos agora,
gerações e gerações completamente desaparecidos,
da mesma forma que nós muito em breve desapareceremos como fantasmas
ao raiar do dia.*

G. M. Trevelyan,
Autobiography of an historian, 1949, p. 13.

*Relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade:
saber o que fomos confirma o que somos.*

David Lowenthal.
Como conhecemos o passado. In.: Projeto História, São Paulo, nº 17, nov. 1998. p. 83

Capítulo I

Memória e identidade

Partindo do pressuposto de que *memória e identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos,*¹ esta discussão tem o objetivo de estabelecer um diálogo entre as memórias produzidas a partir da historiografia do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) e as lembranças contidas nos relatos orais dos descendentes de alemães, que viveram em Lages no período anterior à II Guerra Mundial, na perspectiva de problematizar a construção política do conceito de identidade.

Nesta abordagem, considero que a historiografia, ou seja, que a escrita da *história é uma construção sempre problemática e incompleta do que não existe mais,[...] é uma representação do passado.*² De maneira diversa,

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vividos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconscientemente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e

¹ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In.: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, vol. 5, nº 10, 1992, p. 205.

² NORRA, Pierre. Entre memória e história – a problemática dos lugares. In: *Projeto História: Revista do Programa de Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, nº 10, São Paulo, 1993, p. 9.

*manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.*³

As lembranças contidas nos relatos orais dos entrevistados durante os anos de 1997 e 1998, na cidade de Lages, deram conta destes aspectos vivos e latentes da memória. Suas falas apresentaram facetas coletivas, individuais e particulares das experiências por eles vividas naquela cidade, por ocasião da participação do Brasil na II Guerra Mundial. Há que se considerar que este período representa um divisor de águas entre indivíduos que deixaram de se identificar como alemães, mesmo quando eram filhos (as), netos (as) ou bisnetos (as) de alemães que chegaram ao Brasil, em alguns casos, ainda durante a primeira metade do século XIX.

Tais discussões dividem este capítulo em dois momentos. No primeiro, serão problematizadas as construções políticas do conceito de identidade no interior do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, quando a retórica historiográfica participou da modelagem de uma memória coletiva nacional, ao mesmo tempo em que viabilizou o esquecimento da diversidade etno-cultural de minorias, onde se encontram os alemães e seus descendentes que participaram da formação social e cultural da sociedade lageana. No segundo, as discussões recaem sobre a questão memória-identidades, onde as lembranças da II Guerra Mundial são particularmente significativas haja vista que remetem ao momento em que alguns indivíduos de origem alemã, que viviam na cidade de Lages, assumem a identidade brasileira. Esta discussão segue na perspectiva de problematizar a construção e

³ Ibidem. p. 9.

transformação da identidade destes indivíduos, através dos processos de exclusão e inclusão, mediante a sua interação com os demais grupos onde se estabeleceram limites, definindo os que os integravam ou não.⁴

O texto historiográfico adquire materialidade no conjunto de páginas que constituem o livro. E o livro, nesta abordagem, é pensado como um laboratório, onde a escrita é um experimento executado com base em materiais concretos que podem ser compostos por fontes orais, escritas, etnográficas, além de tantas outras. Os autores, por sua vez, realizam seus experimentos interagindo com suas relações de poder, conhecimento e vontade própria.⁵

Neste sentido, considero que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 1838, realizou várias experiências na construção de discursos que se propunham a formular uma identidade brasileira. O Instituto assumiu a incumbência de legitimar o Estado Nacional, recém-criado através da construção de uma história nacional, recriando um passado, solidificando mitos de fundação, ordenando fatos e buscando homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos.⁶

Os discursos do IHGB apontavam para o desejo de unificar a nação através da construção de um passado singular que identificasse seus cidadãos. No entanto, o que se verificou, com o surgimento de diversos institutos por algumas capitais brasileiras foi, a expressão clara do perfil dos grupos econômicos e sociais influentes de cada região,

⁴ POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 11.

⁵ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 300.

⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 99.

representados no interior dos mesmos.⁷ Há que se considerar que a produção dos institutos dialogava com o jornalismo, a filosofia, a política, as ciências e as artes, onde também vigorava a preocupação com a questão da identidade nacional, a abolição, a República, a laicização e modernização do Estado, a educação e a miscigenação.

Com o surgimento do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), durante os primeiros anos da República, proclamada em 1889, iniciaram-se as discussões sobre a identidade catarinense. Os discursos produzidos expressavam uma preocupação com o mito das origens e com os heróis fundantes. Salienta-se o fato de que, por vezes, os sócios do Instituto encontravam em seus antepassados os fundadores, ou os primeiros moradores das cidades e vilas mais antigas do Estado.

Segundo Élio Cantálicio Serpa,⁸ as publicações do IHGSC possuem três fases distintas, sendo que durante a primeira delas (1902-1920) percebe-se uma certa preocupação com a construção de um imaginário em torno da identidade catarinense, com base no passado de luso-brasileiros ilustres estabelecidos no litoral. O conjunto dos textos produzidos não versava sobre índios, africanos, italianos, alemães.⁹ Durante esta fase Lages aparece inserida dentro de *Notas para a História Catarinense*, onde Lucas Alexandre Boiteaux (s.d.) promove uma espécie de mapeamento das populações existentes em Santa Catarina.

⁷ Ibidem. p. 99.

⁸ SERPA, Élio Cantálicio. A identidade catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. In: *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis, 1996, vol. 14, nº 20, p. 63-79.

⁹ Ibidem. p. 66-7.

Entre a primeira e a segunda fase das publicações encontram-se duas obras que tratam, de forma equivocada, dos alemães no Estado de Santa Catarina. Estes textos contribuíram, de certa forma, para a construção de imagens a respeito da localização destes no Estado. O primeiro é *Colonização do Estado de Santa Catarina – dados históricos e estatísticos*, de autoria de Jacinto Antônio de Mattos (1917). Nesta obra são tecidas considerações preliminares - e por vezes questionáveis - do processo de colonização do Estado catarinense durante o século XIX. Este livro foi analisado por Beat Richard Meier¹⁰ (1997-98) que localizou as fontes não citadas pelo autor e, posteriormente, ao analisar o texto, constatou erros e imprecisões nas informações indicadas. Ao tratar do tema *colonização de Santa Catarina*, Mattos não considera o movimento centrífugo para regiões adjacentes. Pesquisas recentes, no entanto, mostram como as colônias serviram como núcleos difusores de colonos para várias regiões do Estado¹¹ inclusive de alemães e teuto-brasileiros para Lages. O segundo texto, *Imigração e Colonização*, de Lourival Câmara (1940), acena para o movimento migratório de alemães para o planalto lageano sem, no entanto, abordar a fundo a questão:

¹⁰ MEIER, Beat Richard. *A análise da obra de Jacinto Antônio de Mattos*. Texto digitado, 1998.

¹¹ VOIGT, André Fabiano. A migração de alemães da Colônia São Pedro de Alcântara para o Vale do Itajaí: uma questão histórica; BRANCO, Juçara de Souza Castello. De São Pedro de Alcântara para o Planalto Catarinense; PHILIPPI, Aderbal João. Migração dos colonos alemães de São Pedro de Alcântara em direção ao Sul do Estado de Santa Catarina até 1900. In.: JOCHEM, Toni Vidal (org.) *São Pedro de Alcântara (1829-1999)*. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999, p. 121-163.

*O colono, o descendente de elemento germano, ou eslavo, ou atlantomediterrâneo, que demandou o Estado em emigração permanente, localizando-se preferencialmente a montante e a jusante dos rios Itajaí e Tubarão, disseminando-se mais tarde planalto acima, na conquista de perpendicularidade.*¹²

Lourival Câmara tece um inventário sobre a presença de estrangeiros no Estado de Santa Catarina, frisando os municípios e distritos onde os mesmos se encontravam. Segundo o autor, os alemães que se fixaram em Lages estavam sediados no distrito de Cerro Negro.¹³ Todavia, as pesquisas sinalizaram para uma outra realidade bem diferente, como será possível perceber ao longo desta dissertação.

A segunda fase da Revista do IHGSC (1943-44) está inserida no contexto da política de *nacionalização*, implementada pelo presidente da República, Gétúlio Dorneles Vargas, durante o Estado Novo, quando foram criadas as *Interventorias*, que nada mais eram do que pequenas ditaduras sustentadas por uma ideologia de exclusão das diferenças culturais e auxiliadas pelo poder militar. Durante este período, o Estado de Santa Catarina está praticamente dividido entre dois grupos. O primeiro deles era representado pelos Ramos¹⁴ e seus correligionários e o segundo, pelos Konder e seus seguidores. Enquanto que os Ramos representavam o planalto de Santa Catarina, onde predominava o latifúndio, os Konder representavam a região nordeste do Estado, onde se concentravam imigrantes e

¹² CÂMARA, Lourival. In.: *Separata da Revista Imigração e Colonização*. Florianópolis: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Departamento de Estatística. Ano I, nº 4, Outubro de 1940, p. 13

¹³ *Ibidem*. p. 23.

¹⁴ A família Ramos, segundo Licurgo Costa, foi o grupo político que permaneceu por mais tempo no poder, em toda a história do Sul do Brasil. Seus integrantes circularam dentro das esferas do poder local, estadual e nacional. In.: COSTA, Licurgo Ramos. *O continente das Lagens – sua história e influência no sertão de terra firma*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982, p. 1249-1251.

descendentes de alemães, italianos e outros grupos étnicos, os quais trabalhavam, predominantemente, na agricultura com base na pequena propriedade e na indústria.¹⁵

Representantes da família Ramos militaram no interior do IHGSC pela construção de uma identidade lageana própria do homem do planalto. Vidal Ramos estava em sintonia com os discursos de uma construção política do conceito de identidade quando escreveu *Notas para a fundação de Lages -1766-1783* (1944). Ele enalteceu *as famílias de procedência conhecida*¹⁶, as quais fundaram a vila de Nossa Senhora dos Prazeres dos Sertões das Lages, e afirmou que *maus elementos foram atraídos pelo privilégio de que gozavam os primeiros povoadores de Lages*.¹⁷ O seu discurso representava apenas a camada social à qual ele próprio pertencia, sendo que pouco considerou as camadas populares e quando o fez foi de modo classificatório e excludente, buscando o mito das origens e dos fundadores.

Durante a terceira fase das publicações do IHGSC (1979-87), o leque de investigação se amplia, mas permanece a proximidade do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina com as esferas do Governo, preocupadas com a idéia de *forjar uma identidade catarinense, num contexto marcado pela heterogeneidade étnica e cultural*.¹⁸ A obra de Walter Fernando Piazza, intitulada *A colonização de Santa Catarina* (1979), é particularmente significativa dentro do contexto desta dissertação. Nela algumas cidades são pensadas como tipicamente alemães, enquanto que outras como tipicamente açorianas

¹⁵ GERTZ, René. *O Fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 176

¹⁶ VIDAL, Ramos. *Notas para a fundação de Lages (1766-1783)*. Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Florianópolis: Vol. XII, 1º Semestre, 1944, p. 43.

¹⁷ Ibidem. p. 43.

¹⁸ SERPA. Op. Cit. p. 73

ou vicentistas e assim por diante. Os diferentes grupos humanos existentes nestas cidades foram representados em mapas que se propunham a demarcar as áreas dos diferentes grupos existentes no Estado. Tal mapeamento, ao propor uma representação cartográfica da preponderância etno-cultural-regiliosa existente em cada uma das regiões catarinenses, desconsiderou ou negligenciou a heterogeneidade das mesmas. Afinal, dentro de uma comunidade supostamente de alemães, por exemplo, havia trabalhadores urbanos e agricultores, comerciantes, industriais, luteranos, católicos, maçons, enfim, indivíduos com ideais e interesses materiais bem distintos,¹⁹ além da presença de pessoas de outras etnias. (ver anexo I)

Seguindo a corrente de pensamento do IHGSC, Licurgo Ramos Costa,²⁰ em seu livro *O continente das Lagens – sua história e influência no sertão de terra firme* (1982) confere uma identidade luso-brasileira para a sociedade lageana, ao esboçar a trajetória dos fundadores da vila de Nossa Senhora dos Prazeres dos Sertões das Lagens, ou dos homens que se fixaram na região durante os seus primeiros anos. Entre os personagens mencionados encontram-se alguns dos seus antepassados, além de muitos elementos das memórias de sua família.

¹⁹ GERTZ. Op. Cit. p. 9.

²⁰ Licurgo Ramos Costa, 04 de outubro de nascido em 1904, em Lages, em meio à elite econômica e política do Planalto Catarinense, está vivo e reside em Florianópolis. Muito cedo ele deixou a sociedade lageana. Durante a década de 1920, foi estudar no Colégio Dom Pedro II, no Rio de Janeiro. Estudou Direito e fez carreira como jornalista e diplomata. As memórias de Licurgo Costa trazem muito de suas experiências pessoais durante a primeira fase de sua vida, antes de 1920, em Lages. Desde a infância, conviveu e aprendeu o exercício da política com de seu pai, avós, tios e primos. Boa parte destes homens da elite lageana estudou, entre o fim do século XIX e o início do XX, no Colégio Nossa Senhora da Conceição. Algumas mulheres desta mesma elite estudaram no Colégio São José. Estes dois colégios ficavam em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, e eram dirigidos por padres e freiras alemães respectivamente, segundo Licurgo Costa. Ao retornar à cidade de Lages, muitos deles mantiveram, por décadas, em suas mãos o poder político e econômico. Entrevista realizada em Florianópolis, em 11 de maio de 1999.

Licurgo Costa afirma que seu livro *pretende ser didático*,²¹ num texto que contém muito de suas próprias experiências. No entanto, sua vida privada quase que desaparece de seus relatos em detrimento da representação das suas posturas pessoais e experiências de homem público, pontuadas em quase cada página da obra. De fato, pode ocorrer, que na sua vida pública tenha absorvido sua vida particular, embora não se deva *considerar esses aspectos como indicadores de dissimulação ou falsificação do relato. O que importa é saber qual é a ligação real disso com a construção da personagem*.²² A ligação entre o discurso historiográfico e o personagem de Licurgo Costa, ao meu ver, está associada ao processo de uma construção política da identidade lageana presente no interior dos discursos do IHGSC.

No entanto, as discussões a respeito de identidade não dão conta da diversidade humana antes marcam a vontade de estabelecer limites, criar fronteiras entre *eles e nós*.²³ O número de abertura da *Revista da Memória*, da Fundação Cultural de Lages, publicado em 1996, sinaliza para a pluralidade étnica e cultural existente na região e que, por vezes, foi negligenciada nos discursos que tinham a identidade como tema:

Diversos grupos de tradições culturais diferentes aqui convivem e estão recriando e produzindo a diversidade e especificidade de nossa terra. Cultura que transparece no modo de falar, de receber as pessoas, do chimarrão, da cozinha de chão, das danças, das tradições, das comidas, do estilo arquitetônico, religião, símbolos de diversos grupos

²¹ COSTA. Op. Cit. p. XII.

²² POLLAK. Michael. Memória e Identidade Social. In.: *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro: CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, vol. 5, nº 10, 1992, p. 203.

²³ CUCHE. Op. Cit. p. 200.

*culturais entre eles dos caboclos, italianos, gaúchos, africanos, alemães, sírio-libaneses, portugueses.*²⁴ (sic.)

Conforme já foi mencionado, a escrita da história é o resultado de escolhas subjetivas feitas pelo historiador. Algumas destas escolhas se manifestaram, ao meu ver, no trabalho de Licurgo Ramos Costa através do seu silêncio sobre a II Guerra Mundial e seus efeitos em Lages. Observo que a frase abaixo é a única informação do autor sobre o tema:

*Da segunda Conflagração Mundial que, de 1939 a 1945, abalou nos seus alicerces a vida do Planeta, não há referências especiais a fazer, na História de Lages, exceto um maior impulso na indústria madeireira ocasionada pela procura do produto, na Europa, após o término da guerra.*²⁵

O silêncio de Licurgo Ramos Costa sobre as tensões e conflitos ocorridos em Lages durante a II Guerra Mundial estão relacionados, ao meu ver, com a sua proximidade com a política do Estado Novo e do então presidente da república Getúlio Vargas. Durante a década de 1920, Licurgo conheceu e tornou-se amigo de Vargas. Em 1937, durante o início do Estado Novo, Vargas o convidou para fundar a Agência Nacional de Jornalismo e, em 1942, ano em que o Brasil entrou na II Guerra Mundial, o indicou para assumir o cargo de Embaixador do Brasil. Licurgo trabalhou nesta função, inicialmente, no México e, posteriormente, nos EUA e em vários países da Europa vindo a ocupar o cargo por mais de

²⁴ *Revista da Memória. Fundação Cultural de Lages.* Lages, 1996, Ano 1, nº 1, p. 10 (os grifo são meus).

²⁵ COSTA. Op. Cit. p. 725

trinta anos. Somado a tudo isto, convém recordar que Licurgo também era parente de Nereu Ramos o qual atuou como Interventor durante o Estado Novo.²⁶

Neste sentido, os relatos orais de descendentes de alemães que viveram em Lages, durante a II Guerra Mundial, entraram em choque com a proposta de identidade lageana contida na obra de Licurgo Ramos Costa. Assim sendo, a história oral permitiu uma problematização das tensões e conflitos que envolvem a questão memória e identidade.

As memórias da II Guerra Mundial relatadas pelas pessoas entrevistadas são permeadas de subjetividades, lembranças, esquecimentos, amarguras, rancores, perdões, conformismos e negociações entre o presente e o passado. A questão não é simples, pois suas falas se relacionam com um contexto local, nacional e internacional, que envolveu grande parte da humanidade, sobretudo entre 1939 a 1945.

Alegrias e tristezas, preocupações pessoais políticas e ideológicas interagiram no momento da entrevista e, num âmbito maior, com os próprios processos das lembranças de cada entrevistado. Segundo Pierre Norra:

*A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente [...] porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensíveis a todas as transferências, cenas ou projeções.*²⁷

²⁶ Licurgo Ramos Costa. Entrevista realizada em Florianópolis, em 11 de maio de 1999.

²⁷ NORRA, Pierre. Entre memória e história – a problemática dos lugares. In: *Projeto História: Revista do Programa de Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, nº 10, São Paulo, 1993, p. 9.

Estas nuances da memória guardam significados nem sempre fáceis de serem decodificados. Entre as falas dos descendentes de alemães que viveram em Lages, antes e durante a II Guerra Mundial, existe uma forte relação entre memória e identidade. Simultaneamente, seus relatos remetem aos conflitos que, naquele momento, mediaram a construção de uma noção de identidade brasileira entre eles. Para compreender estes conflitos, considero importante contextualizar a I e II Guerra Mundial, entendendo que uma é a extensão da outra.

Havia entre a intelectualidade lageana quem acreditasse que a Alemanha possuía projetos imperialistas para o Sul do Brasil, e particularmente em Lages, no início do século XX. Em 1903, o jornalista e político lageano Otacílio Costa, em dois artigos intitulados: *Colonização Alemã – Germanização*, aponta para o *mito do perigo alemão*, considerando seus projetos expansionistas:

*A expansão colonial alemã cresce continuamente. A nossa pátria grande colônia, a colônia do mundo, como já disse um senador da República, há bem poucos dias, é o alvo da política expansionista germânica. Na Alemanha, segundo as últimas notícias que temos lido, se fala das Colônias Germânicas do Sul do Brasil, como se aqui fora terra conquistada, e no congresso de colonização do ano passado, já foi proposto a necessidade de oficializar essa compreensão.*²⁸

Otacílio Costa acreditava nos princípios da Doutrina Monroe: “A América para os americanos”. Segundo ele, *o Brasil dorme sereno um sono indolente, á sombra amiga da*

²⁸ COSTA, Otacílio. Colonização Alemã – Germanização. In.: *O Imparcial*. Lages: nº 2, 06 de julho de 1903 e nº 3 e 13 de junho de 1903.

*árvore frondosa de uma confiança ilimitada [os Estados Unidos da América], não vê que ao seu lado estão vigilantes a procura de um momento azadas para tragá-lo, qual presa inconsciente, monstros gafados de insólitas ambições [a Alemanha].*²⁹

A mentalidade de contar com os norte-americanos como amigos e com os alemães como inimigos, encontrou eco na sociedade lageana na ocasião em que o Brasil rompeu as relações comerciais e diplomáticas com o Império Alemão, em 17 de abril de 1917, logo após o afundamento do navio brasileiro Paraná, incidente atribuído aos alemães.

Diferentemente dos dias atuais, as notícias jornalísticas poderiam chegar aos leitores vários dias após o ocorrido. Especificamente, no caso acima mencionado foram alguns dias de atraso, mas poderiam ser semanas. O fato foi divulgado ardorosamente pelos semanários de Lages. Houve várias manifestações públicas e a população se concentrou na Praça João Ribeiro, no dia 22 de abril, às 19 horas, para uma grande manifestação contra o Império Alemão.

*Depois de ouvir vários oradores, o povo, com a Bandeira Nacional à frente, e banda de música, saiu em passeata pelas ruas da Cidade, que tinha suas casas iluminadas e embandeiradas. Primeiro dirigiu-se ao sobrado do velho e respeitado chefe político da Região Serrana, Cel. Belisario Ramos e (...) depois, a multidão se dirigiu para o sobrado do Coronel João Costa, outro velho e acatado chefe político serrano.*³⁰

²⁹ Ibidem. (os grifos são meus).

³⁰ COSTA. Op. Cit. p. 717.

Chama a atenção o fato de que os coronéis Belisario Ramos e João Costa, opositores políticos, não foram até a manifestação popular, antes, os manifestantes é que foram, primeiro, até a residência de um e, depois, do outro. Ambos, da saca de suas respectivas casas, proferiram discursos inflamados. Não restam dúvidas de que eles aproveitavam a oportunidade para exercitar a oratória diante do povo e, simultaneamente, defender suas posturas político-ideológicas.

Meses mais tarde, outros quatro navios brasileiros foram postos a pique, acirrando a tensão entre o Brasil e a Alemanha. O Presidente Venceslau Braz, com a aprovação do Congresso, declara guerra à Alemanha e prende 46 navios alemães que estavam nos portos brasileiros. Em 25 de outubro de 1917, novamente, os moradores de Lages voltam às ruas, com uma grande passeata de protestos, acompanhados por uma velha banda de música da cidade, eles conduziam a sua frente à bandeira do Brasil, seguida da bandeira do Estado e do Município.³¹ Após o término do comício, houve um levante contra uma oficina mecânica e algumas residências de famílias alemãs residentes em Lages. As autoridades municipais mobilizaram o *Tiro de Guerra 433*³² para assegurar a tranquilidade da cidade, evitando o confronto entre brasileiros e alemães.³³

³¹ COSTA. Op. Cit. p. 716-717

³² Os *Tiros de guerra* foram organizações paramilitares que se formaram em cidades e vilas do país com o propósito de auxiliar o exército brasileiro, caso fosse necessário, em seu estado de guerra, contra a Alemanha. O Tiro de guerra de Lages ao ser incorporado à Confederação dos Tiros de guerra recebeu oficialmente o nº 433. In.: COSTA. Op. cit. p. 721-2.

³³ *Ibidem.* p. 718.

Posteriormente, alguns alemães residentes em Lages se organizaram formando o *Grupo Lageano da Confederação Germânica para a América do Sul – Seção Brasileira*. Segundo Licurgo Costa, eles eram partidários da nação dos seus antepassados e estavam certos de que a Alemanha venceria o conflito. Partindo desta convicção, eles estavam se preparando para tomarem o governo municipal no momento da suposta vitória. As autoridades lageanas montaram um inquérito para averiguar os relatos dos participantes da confederação, no entanto, o assunto acabou no esquecimento após ter sido enviado para a Secretaria-Geral do Governo, em Florianópolis.³⁴

Em 1918, o Brasil enviou à Europa um corpo de aviadores, uma missão médica e uma esquadra para colaborarem com as nações aliadas (Rússia, França, Império Britânico, Itália, Estados Unidos e outros países). No mesmo ano, a guerra viria a terminar. A notícia de que a Alemanha teria solicitado o armistício e que os Aliados só aceitariam uma rendição incondicional chegou a Lages através de um telegrama. Novamente, as ruas de Lages foram palco de uma manifestação popular que tinha a I Guerra como tema. Este evento da história lageana foi descrito primorosamente em artigo do Jornal *O Planalto*, onde o articulista assume uma postura política declarada mediante o referido conflito:

A Alemanha estrebucha...

A manifestação do povo lageano

Por telegrama recebido nesta cidade, segunda feira última, soube-se que os aliados recusaram conceder o armistício pedido pela Alemanha, declarando que só aceitariam a paz ou pela capitulação do país sinistro que

³⁴ *O Lageano*, Lages, 08 de dezembro de 1917. In.: COSTA. Op. cit. p. 718.

ateou a horrorosa fogueira universal da guerra ou pelo seu esmagamento completo pelas armas.

Essa notícia – que terminava dando conta da tomada de Ostende, Zeebrugge e Lille – fez vibrar o povo lageano de intenso entusiasmo. E desse entusiasmo pela atitude inquebrantável dos aliados originou-se a extraordinária manifestação que tivemos ocasião de assistir, na segunda-feira à noite.

Puxada por uma banda musical, partiu a massa popular da frente do Armazém Cruzeiro, à rua Correia Pinto e, avolumando-se de instante a instante, dirigiu-se para a redação do Lageano, onde estacou.

Ali, falou o Sr. José Luiz de Castro, que num ligeiro improviso teceu a apologia aos aliados e evocou o símbolo da paz que se apaixonava, não a paz sonhada pela Alemanha e pelo Kaiser imperialista, mas a paz que será ditada pelos aliados sobre as cinzas ainda fumegantes de Liège Louvain e tantas outras cidades, outras barbaramente bombardeadas pelo inimigo da civilização.

O orador foi muito aplaudido; e a massa popular, de baixo de delirantes vivas ao Brasil, à Inglaterra, a França, aos Estados Unidos e aos demais países aliados – dirigiu-se em seguida para a sede da S. D. Particular Amadores da Arte, onde o Sr. José Gomes leu discurso em que pôs a nu os sentidos dos retovados.

De uma das janelas de nossa redação, em cuja frente o povo veio logo depois estacionar, falou o nosso companheiro Paulino de Athayde; de uma das janelas do prédio, residência do Cel. José Maria D. de Arruda – o Bacharel Vidal Ramos Neto.

Depois o povo dirigiu-se para a Rua Quinze de novembro – onde o jovem João de Deus Carvalho, primeiramente, e depois o nosso ilustre colaborador Major Otacílio Costa – este é um grande arroubo de admiração pela Inglaterra, rainha dos mares, estóica e teimosa, garantia de paz satisfatória – fizeram-se ouvirem discursos entusiasmados.

Da frente do palacete Costa, continuando a marcha, o povo foi estacionar nas proximidades do Club 1º de Junho, de onde falou o Sr. Gentil Viera Borges, que terminou dando morra à Alemanha e vivas ao Brasil!

Na melhor ordem dissolveu-se, em seguida, o povo.

*E assim Lages deu mostras do seu regozijo pelos triunfos que vão sendo alcançados pelos aliados e da sua fé na vitória final da civilização.*³⁵

O jornalista informa que a manifestação popular iniciou em frente ao Armazém Cruzeiro. Os armazéns não se prestavam apenas a função de compra e venda de mercadorias. Por vezes, eles também funcionavam como pontos de encontros entre pessoas que iam e vinham, que circulavam dentro e fora dos arredores da cidade. Nestes espaços, histórias de vida eram lembradas, reinventadas e recontadas, através de um processo dialético entre o passado e o presente, onde a própria existência destes sujeitos era produzida. Simultaneamente, os armazéns, por vezes, sediavam fóruns de debates a respeito de questões econômicas, sociais e políticas. Neste sentido, é significativo que a manifestação popular acima citada tenha iniciado em frente ao Armazém Cruzeiro, lugar onde os mais diferentes segmentos da sociedade poderiam ter acesso às informações publicadas pela imprensa local e, simultaneamente, debate-la.

O final da I Guerra Mundial, ocorrido em 11 de novembro de 1918, foi divulgado pela imprensa lageana com três dias de atraso. A repercussão da notícia ascendeu à empolgação do povo que promoveu uma nova manifestação popular, a qual tinha o propósito de comemorar o fim do conflito internacional.³⁶

Até onde se pode averiguar, salvo o conflito mencionado, os alemães e teuto-brasileiros residentes em Lages não enfrentaram maiores problemas durante a I Guerra Mundial. Diferentemente, a II Guerra Mundial (1939-1945) assumiu um caráter bem

³⁵ A Alemanha estrebucha... *O Planalto*, Lages, nº 71, 24 de outubro de 1918.

³⁶ *O Lageano*, Lages, 08 de dezembro de 1917. In.: COSTA. Op. cit. p. 718.

diverso da primeira, na medida em que representou uma ruptura num sentimento de identidade alemã que alguns indivíduos que possuíam tal origem alimentavam. Até 1942, ano em que o Brasil entrou na Guerra, filhos, netos e bisnetos de alemães que viviam em Lages se identificavam como alemães, independentemente de terem nascido no Brasil.³⁷

O Padre Andréas Wiggers, bisneto de alemães, recorda que, entre seus familiares, o casamento com pessoas que não fossem de origem alemã não era bem visto porque, segundo ele, não faziam parte da mesma estirpe, ou seja, não partilhavam da mesma identidade etno-cultural, defendida com base na memória dos seus antepassados:

*Para os alemães era natural que o rapaz casasse com uma moça da mesma estirpe, então havia este fechamento. Hoje é diferente, mas na época era fundamental.*³⁸

Independente de serem aceitos ou não, tais casamentos aconteceram, como se observará nos capítulos seguintes. O que interessa no momento é perceber uma mudança no sentimento de identificação étnica entre os descendentes de alemães que viviam na sociedade lageana, o qual ocorreu como resposta às tensões que se deram entre estes sujeitos e os que se identificavam como brasileiros. Em Lages este conflito foi particularmente significativo após a implementação da política de nacionalização durante o Estado Novo. Esta política defendia a idéia de homogeneidade etno-cultural-religiosa entre

³⁷ Elizabeth Feldhaus Martinhago. Nascida em Rio Fortuna, em 1935. Entrevista realizada em Lages, em 12 de fevereiro de 1997; Irmã Serafina Scoz. Nascida em São José do Cerrito, em 1916. Entrevista realizada em 16 de outubro de 1996, em Florianópolis; Waltrud Hoechel Marques. Nascida em Blumenau, em 1920. Entrevista realizada em Lages, em 27 de fevereiro de 1998.

³⁸ Padre Andreas Wiggers. Nascido em Cambará, Bom Retiro, em 20 de maio de 1933. Entrevista realizada em 13 de Fevereiro de 1997, em Lages. (os grifos são meus).

os cidadãos brasileiros. Nesta cidade, Otacílio Costa, ao proferir um discurso comemorativo ao Dia do Município, em 1º de janeiro de 1944 dá o tom deste discurso:

*O Município é uma miniatura da Pátria, uma imagem reduzida dela; nas coisas políticas, o primeiro amor do cidadão.*³⁹

O patriotismo local é visto como a raiz do patriotismo nacional. Estas duas unidades políticas deveriam fazer parte de uma rede harmônica de valores e princípios, com uma certa uniformidade e sincronia cultural. Em defesa destas idéias, Otacílio Costa faz uso da obra de Aristides Milton, *A Constituição do Brasil*:

*Os elementos constitutivos da Nação e que lhe dão direito de existir são a raça, a religião, a língua, os costumes, a história, a legislação, cimentando tudo isto por uma vontade comum de seguir o mesmo destino.*⁴⁰

Dentro do contexto da política de nacionalização, Getúlio Vargas, o então presidente e ditador do Brasil, escolheu o lageano Nereu Ramos para ser o interventor do Estado de Santa Catarina. Vargas possuía relações pessoais com esta família, a qual detinha um forte poder oligárquico no planalto catarinense e que se tornou aliada da sua política de nacionalização.⁴¹

³⁹ COSTA, Otacílio. *História de Lages (Apontamentos)*. Lages: Edição do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. 1944, p. 35.

⁴⁰ *Ibidem*. p. 35.

⁴¹ Licurgo Ramos Costa. Entrevista realizada em Florianópolis, em 6 de julho de 2000.

No sul do Brasil, a política de nacionalização teve uma forte preocupação em relacionar o uso da língua ao sentimento de brasilidade. O projeto homogeneizador do Estado Novo viabilizou um controle sobre a sociedade, centralizou as informações e difundiu padrões homogêneos de conduta.⁴² A partir de então, teuto-brasileiros e ítalo-brasileiros que aqui viviam foram obrigados a abandonar o uso do alemão e do italiano, mesmo quando não tinham o domínio do português, sobretudo após 1942, quando o Brasil rompeu suas relações diplomáticas com os países do Eixo - Alemanha, Itália e Japão - durante a 3ª Conferência dos Chanceleres Americanos, realizada no Rio de Janeiro. Durante este mesmo ano, o governo brasileiro aliou-se aos EUA, vindo a ceder espaços territoriais e marítimos na região Norte e Nordeste para a fixação de bases militares norte-americanas.

A política de nacionalização alcançou as famílias alemãs residentes em Lages e algumas delas nos apresentaram os seus relatos sobre aqueles tempos. A história oral ofereceu a estes homens e mulheres a oportunidade de lembrar alguns assuntos *esquecidos*⁴³ pela cronologia oficial ou pela memória política que, por vezes, enquadrou a memória destes indivíduos.

No contexto das relações internacionais, o Brasil e a Alemanha passaram a viver um conflito declarado, quando navios na costa brasileira foram afundados em represália ao apoio que o país se dispôs a oferecer aos EUA. Internamente, cresciam as ações de agentes

⁴² CAMPOS, Cynthia Machado. *A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil*. Campinas: Tese de Doutorado, 1998, p. 49.

⁴³ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In.: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, vol. 2, nº 3, 1989, p. 3-15.

nazistas e as atividades de *quinta coluna*⁴⁴ através de indivíduos que atuavam em favor da Alemanha dentro do Brasil. Acreditava-se que eles faziam espionagens e encaminhavam providências para o caso da Alemanha empreitar uma possível invasão no território brasileiro.

Por vezes, simpatizantes da Ação Integralista Brasileira se identificaram com a proposta dos regimes totalitaristas que norteavam as potências do Eixo. Em Lages, os integralistas começaram a se organizar por volta de 1933, congregando um pequeno séquito composto por João Floriani Sobrinho, Elizário Camargo Branco, José Adriano, pelo alemão Hans Walter Taggesell e pelo português Mário Augusto de Souza.⁴⁵ Informações confidenciais, não confirmadas em documentação, dão conta de que havia filonazistas em Lages, os quais ofereceram guarida, nos campos desta cidade para os refugiados dos exércitos de Hitler, após o fim da II Guerra Mundial.

Os pontos de tensão aumentaram entre brasileiros e estrangeiros - que se identificavam com a etnia alemã - quando o Brasil, em 1943, enviou para o norte da Itália uma tropa de aproximadamente vinte cinco mil soldados, através da Força Expedicionária Brasileira (FEB), para se juntar ao V Exército norte-americano contra os batalhões alemães. Durante as atividades de combate, a FEB sofreu mais de três mil baixas, entre mortos, feridos e prisioneiros. Estas notícias chegavam ao Brasil através da imprensa escrita e do rádio. O Brasil estava em guerra contra a Alemanha e aqueles que falavam o idioma alemão, ou se identificavam como alemães, eram considerados inimigos potenciais dos

⁴⁴ *Quinta coluna* do espanhol *quinta-columna*, termo criado durante a Guerra Civil Espanhola (1936) para designar os que, dentro de Madri, apoiavam as quatro colunas rebeldes que marchavam contra esta cidade. In.: Dicionário Aurélio CR Room.

⁴⁵ COSTA. Op. cit. p. 1337.

brasileiros, mesmo quando eram contrários ao III Reich, ou ignoravam as proporções da conflagração mundial.

Este conjunto de situações gerou tensões e viabilizou conflitos que foram guardados na memória de descendentes de alemães que viviam em Lages durante a II Guerra Mundial. É o que nos mostra o relato de Maria Luiza Suiter Aquino, nascida em Lages, em 1927, filha dos alemães José Suiter e Clara Schottehaml que imigraram para Lages em 1902 e na década de 1920, respectivamente:

A policia foi em todas as casas de alemães. [...] A gente sofreu algumas represálias, mas guerra é guerra, isso é natural em tempo de guerra.

A policia entrou em nossa casa para procurar livros, rádio. Mas nós não tínhamos. Primeiro porque não tínhamos dinheiro para comprar o rádio e, segundo, porque os alemães eram proibidos de terem um aparelho receptor.⁴⁶

A família Taggesell, um pouco mais abastada ao que tudo indica, perdeu uma biblioteca, uma coleção de selos, discos, um rádio e um automóvel Opel Capitã conversível, do qual mais tarde foi devolvido somente a carcaça.⁴⁷

A visita de policiais às casas de famílias alemãs para a averiguação de livros e rádios se deu, por vezes, em tons pouco amistosos. Alice Mendonça, filha de uma alemã e um português, que se conheceram a bordo de um navio que saía da Europa em direção ao

⁴⁶ Maria Luiza Suiter Aquino. Nascida em Lages, em 1927. Entrevista citada.

⁴⁷ BASTOS, Ângela. Campos de Concentração na Ilha. Florianópolis. *Diário Catarinense*, 17 de maio de 1998, p. 23

Brasil logo após a I Guerra Mundial, ofereceu o seu testemunho a respeito das experiências vivenciadas por sua família durante o conflito em questão. A articulista narrou momentos de sua infância como se tivesse voltado no tempo; como se tivesse retornado à meninice. Literalmente, ela revive e representa as palavras que proferiu para os dois policiais que entraram em sua casa, quando ela tinha aproximadamente dez anos de idade: *Papai não está? Como é que vai? A mamãe está de cama.*⁴⁸ A seguir volta ao momento presente e passa a descrever uma das estratégias usadas por seu pai, quando o mesmo reivindicou os seus direitos de cidadão português vivendo no Brasil para defender sua esposa e filhos das tensões reinantes na sociedade lageana naquele momento:

*Eles entraram e não respeitaram. Ergueram a colcha para ver se não tinha nada em baixo da cama. Ai, quando o pai chegou, nós falamos para ele. Ele foi imediatamente à delegacia. Dela eles passaram no rádio que ele solicitou. Nunca mais nos incomodaram.*⁴⁹

Deve-se considerar que o ato da entrevista contém uma dimensão social que possibilita uma interação entre o entrevistado e o entrevistador. Não são apenas as palavras que estão sendo percebidas. Durante a entrevista, o cenário, o conjunto de coisas que cercam o entrevistado e, particularmente, suas expressões faciais e corporais tornam-se objetos de observação passíveis de interpretação. Simultaneamente, o entrevistado também analisa o procedimento do entrevistador e pondera as respostas que lhe apresentará. Olhares evasivos e gestos inquietos sinalizaram para esta relação subjetiva entre entrevistado e

⁴⁸ Alice Mendonça. Nascida em Jaraguá do Sul, em 05 de agosto de 1931. Entrevista realizada em Lages, em em 16 de janeiro de 1998.

⁴⁹ Alice Mendonça. Entrevista citada.

entrevistador. Todos os entrevistados, depois de um instante de silêncio, pediram para que o gravador fosse desligado para relatar algumas das experiências vivenciadas durante aqueles anos, quando julgaram que as mesmas pudessem ser comprometedoras. Quando permitiam que suas falas fossem gravadas, suas afirmações sinalizaram para a tensão e o temor que possuíam de represálias sem, no entanto, deixarem claro os matizes do conflito que os envolvia:

*A nossa família não foi molestada!*⁵⁰
*Lá em casa de noite, nunca aconteceu nada!*⁵¹
*A polícia foi duas vezes lá vasculhar, duas vezes lá em casa...
 mas não encontrou nada. Mas não aconteceu nada!*⁵²

Medindo bem as palavras, aos poucos soltaram o seu testemunho sem deixar claro quem observa e analisa quem: o entrevistador ao entrevistado, ou vice-versa. Envolta neste enigma, as lembranças de Maria Luiza surgem como *memórias subterrâneas*⁵³, enterradas pelo tempo no íntimo de suas lembranças de infância. Ela recorda, de modo um tanto confuso, sobre o exílio a que seu pai e outros alemães que viviam em Lages foram submetidos sem deixar de trazer à tona acontecimentos esquecidos pela memória oficial daquela sociedade:

*Durante a Segunda Guerra foram detidos diversos alemães.
 Acho que eram uns 15 ou mais.*

⁵⁰ Alice Mendonça. Entrevista citada.

⁵¹ Elizabeth Feldhaus Martinhago. Entrevista citada.

⁵² Maria Luiza Suiter Aquino. Entrevista citada.

⁵³ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In.: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, vol. 2, nº 3, 1989, p. 4.

Eles disseram que tiraram os alemães de casa para protegerem suas famílias, porque o povo podia se revoltar ou fazer alguma coisa contra os alemães. E assim, estando só as mulheres e as crianças em casa, ninguém faria nada.

Quanto tempo eles ficaram detidos?

Meu pai [José Suiter] ficou 2 meses, mas é porque ele já tinha 60 anos. Ele já estava velho e eles ficaram detidos primeiro na delegacia, como presos comuns. Depois, não sei como é que fizeram um acordo, mas o diretor da estrada de rodagem dali, perguntou se eles não queriam trabalhar na construção da estrada que fica a 14 Km daqui, a estrada que ia para Florianópolis. Então eles foram para lá, para ajudar, mas aí o diretor disse: “Vocês vão para lá ficar sob o efeito de ordem de um feitor e se vocês quiserem trabalhar, vocês trabalham! Mas não é trabalho! Pegam uma enxada, fazem uma coisinha ou outra, fazem alguma outra coisa. Aí vocês ganham uma comida melhor. Agora se vocês não quiserem trabalhar, vocês ficam dentro da casinha.” A casinha era de chão batido e rebocamos, era para eles todos. Como todos eles eram dispostos, disseram: “Não, nós vamos trabalhar.” Ninguém ia fazer força demais. Então o meu pai roçava antes de fazer a estrada. Era tudo feito a mão. Então eles ganharam comida melhor e foram bem tratados lá e o feitor ainda disse: “Olha, eu vou tratar bem vocês, porque eu não sei se amanhã ou depois, vocês não vão ser meus patrões.... Só peço para vocês não fugirem.” Ninguém fugiu, todo mundo ficou lá, numa boa. Trabalhando. Mas assim não trabalhando muito. Eles faziam alguma coisa e daí a comida deles era melhor. E daí ficaram.⁵⁴

Assim como as memórias escritas, as memórias orais também articulam as lembranças de acordo com as motivações do presente. No entanto, uma das especificidades que a história oral traz consigo é que, dificilmente se consegue levantar experiências vividas para além da terceira geração. Ou seja, um neto vai falar de seus avós, porém, em raríssimos casos, falará dos seus bisavós. No entanto, não se pode negar que, às vezes, os

⁵⁴ Maria Luiza Suiter Aquino. Entrevista citada.

indivíduos e grupos apropriam-se de experiências vivenciadas não apenas por eles, ou por seus contemporâneos, mas também por antepassados, por gente que viveu antes deles, em outras épocas.⁵⁵ Graças a esta faculdade social da memória foi possível recuperar experiências vividas por alemães que foram presos e submetidos a um trabalho compulsório na construção da estrada que liga Lages a Florianópolis. Em sua fala Maria Luiza faz questão de citar nomes e as ocupações dos alemães que, como seu pai, viveram um exílio nas proximidades de Lages, durante a II Guerra Mundial:

*Tinha esse Pulfrich, que estava lá.
Tinha também o Oscar Nüsser, que era meu padrinho. Os dois eram compadres do meu pai.
O José Steffens, que por sinal era brasileiro. Ele gostava muito de política. Ele faleceu faz pouco tempo. Os filhos dele estão por aí.
Tinha o Walter Taggesell, que era agrimensor. Havia outros.
Tinha um de Florianópolis, Frederico Haotmann, ele era escafandrista. Alguém perdeu dinheiro no rio e ele veio aqui para procurar esse dinheiro, mas no fim não acharam nada. Afundou com um cavalo e tudo. Ele foi preso com a mulher.
Tinha o Walter Gilm, o Tup, como era chamado. Eram uns quantos, uns 15.
Tinha o Guilherme Kall, que era mecânico.
E que eu me lembro é só, mas eram uns 15 alemães, mas eles eram todos de paz.*⁵⁶

As memórias de guerra são lembranças secretas que entraram em dissonância com a história oficial contida em discursos totalizantes que, por vezes, englobaram o federal, estadual e o local numa única matriz discursiva e ideológica. Recorrendo a Michael Pollak,

⁵⁵ AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. In.: *História*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, vol. 14, 1995, p. 133

⁵⁶ Maria Luiza Suiter Aquino. Entrevista citada.

estas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio, foram transmitidas cuidadosamente nas redes familiares e de amigos, de uma geração a outra, através da oralidade. Elas permanecem vivas e, longe de serem esquecidas, representam a resistência de uma sociedade civil que se opõe aos discursos.⁵⁷

As lembranças também passam por um processo de negociação entre o passado e o presente, o coletivo e o individual, a memória oficial e a memória das minorias.⁵⁸ Associando, ao meu ver, lembranças de um tempo que lhe foi doloroso com a sua condição atual de senhora de boa posição social, Maria Luiza articula o passado com o presente de modo, por vezes, um tanto quanto estranho. Ela afirma que os alemães residentes em Lages *foram detidos e ficaram lá numa boa trabalhando em troca de boa comida.*⁵⁹ Segundo a entrevistada, o seu pai permaneceu menos tempo no acampamento da estrada em construção do que os seus patrícios, devido a um problema de saúde:

*O meu pai ficou 2 meses, os outros ficaram mais. O meu pai gostava muito de trabalhar no serviço de terra e com isso ele adquiriu uma hérnia de tanto fazer força. Mas ele fez, porque ele quis. Ai aquela hérnia começou a sair, então eles o mandaram para casa para repousar. Ele já tinha 60 anos. Então ele foi um dos primeiros a sair.*⁶⁰

⁵⁷ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In.: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, vol. 2, nº 3, 1989, p. 5.

⁵⁸ *Ibidem.* p. 4.

⁵⁹ Maria Luiza Suiter Aquino. Entrevista citada.

⁶⁰ Maria Luiza Suiter Aquino. Entrevista citada.

A experiência vivenciada por uma outra alemã residente em Lages, Ruth Scholz Mendonça, mãe de Alice Mendonça, oferece uma outra perspectiva dos conflitos sociais ocorridos em Lages, durante a II Guerra Mundial. Sem ter sofrido nenhum tipo de agressão física ou moral propriamente dita, Ruth trocou o ofício de professora ginasial e secundarista pelo de costureira, em resposta às exigências políticas que se colocavam para os cidadãos de nacionalidade alemã residentes no Brasil naquele momento.⁶¹

A escola, enquanto um espaço disciplinador de práticas e condutas, foi um lugar onde se exercitaram as relações de tensões e poder. Elizabeth Feldhaus Martinhago, bisneta, por parte de pai apenas, de um alemão que chegou em Santa Catarina na década de 1860, recorda sobre a comemoração do Dia 7 de Setembro de 1942. Na ocasião, líderes políticos locais compareceram a uma pequena escola da Bocaína do Sul, até então área rural de Lages, para proferirem discursos comemorativos ao referido feriado. Na ocasião, Elizabeth, com aproximadamente sete anos, não compreendeu o conteúdo das falas do orador já que naquele momento, ainda não tinha o domínio do português. No entanto, ela não esquece o que se passou naquele dia. Sem ter noção da complexidade do contexto político ideológico que convulsionava boa parte do mundo - e que tinha sua pior pústula na Alemanha, país de onde seus avós procediam - Elizabeth relembra:

Era um dia de sete de setembro, no tempo da guerra. Eles fizeram um mundo de discursos. Eu estava parada, quieta e... daí uma professora me empurrou na roda e disse: "Canta sua quinta coluna." Mas eu só pulava junto porque eu não sabia cantar. A gente tinha que pular junto porque a gente não

⁶¹ Alice Mendonça. Entrevista citada.

*sabia cantar em brasileiro, cantiga de roda, como eles estavam cantando.*⁶²

O discurso daquela autoridade era um instrumento de poder, independentemente de ser compreendido ou não, e foi reconhecido como tal na medida em que exerceu seu efeito, fomentando conflitos sociais⁶³ e levando a população local a vigiar e punir aqueles que usassem o idioma alemão

A obrigatoriedade do abandono da língua materna ficou nas lembranças dos alemães como a expressão de uma afronta, de tensão e de conflito, que opunham aqueles que alimentavam a idéia de um passado em comum com base na memória da imigração de antepassados que saíram da Alemanha, atravessaram o Atlântico para viver como agricultores nas florestas brasileiras, ou em cidade, como operários. Estes indivíduos mantinham uma relação forte, e até mesmo afetiva, com o idioma alemão que lhes representava:

*Uma espécie de tentativa de ressuscitar vínculos distantes, quase perdidos. [...] No que se referia às lendas, às histórias contadas para filhos e netos nos serões familiares, valia um sentimento muito forte: o sentimento de ter os antepassados nascidos na Alemanha, que estimulava a manutenção da nacionalidade germânica. Nesses momentos valia o uso da língua alemã. Mas tinham claro, sem dúvida, uma questão para a vida: eram cidadãos brasileiros. A língua era um elemento de identificação, mas havia-se que aprender a língua portuguesa, pois esta dava a eles possibilidades concretas de sobrevivência.*⁶⁴

⁶² Elizabeth Feldhaus Martinhago. Entrevista citada.

⁶³ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, p. 91.

⁶⁴ CAMPOS, Op. Cit. p. 211.

Elizabeth recorda que, por vezes, à noite, no sítio de seus pais, sua família foi vigiada a fim de perceberem se eles cultivavam o uso do idioma alemão no âmbito da vida privada. Outras vezes, a sondagem foi menos discreta:

*A gente só ouvia o barulho dos cavalos, em roda de casa. Nós paramos de falar alemão.*⁶⁵

Segundo Cynthia Machado Campos, durante a política de nacionalização:

*Vinculando língua alemã a nazismo, a população brasileira foi mantida em alerta quanto à possibilidade de algum comportamento estranho entre descendentes alemães, tendendo a auxiliar o governo nas perseguições.*⁶⁶

As mulheres entrevistadas disseram *preferir não citar nomes*,⁶⁷ mas não deixam de recordar os momentos nos quais alguns indivíduos se dispunham a vigiar e punir suas práticas culturais, e particularmente lingüísticas, que naquele momento era o elemento mais significativo para serem identificados como sujeitos da cultura alemã. Alice Mendonça lembra as tensões e estratégias vivenciadas por sua família mediante as perseguições feitas pelos adultos:

O meu pai adquiriu um carro à gasolina, que era feio e simples. Não concorria com as limusines que existiam na praça, por isso ele fazia corridas para o interior. Durante algumas corridas ele ouvia os passageiros tramando contra

⁶⁵ Elizabeth Feldhaus Martinhago. Entrevista citada.

⁶⁶ CAMPOS. Op. Cit. p.206.

⁶⁷ Elizabeth Feldhaus Martinhago. Entrevista citada.

*os alemães moradores da cidade. Depois do trabalho, sem que ninguém ficasse sabendo, ele ia correndo avisar os alemães, que eram amigos, para se defenderem das investidas dos inimigos.*⁶⁸

E as implicâncias das crianças na escola:

*Eu era muito manhosa e as meninas faziam só para me irritar: Segunda, terça, quarta e quinta coluna, quinta coluna!... Elas faziam aquela marcação... 'Alemão batata!' 'Alemão batata!' e mais uns palavrões atrás.*⁶⁹

Tais crianças reproduziam as experiências que vivenciavam em suas vidas cotidianas dentro do espaço familiar, as quais eram fomentadas pelos efeitos da política de nacionalização. Sem detalhar os acontecimentos, Maria Luiza, na ocasião com 15 anos recorda:

No tempo da Guerra a gente sofreu... um pouco... porque ele [o pai] era alemão e foi detido. A gente também sofreu algumas represálias, tanto é que eu saí da escola, por causa disso.

Meu pai me tirou da escola porque os professores disseram que não adiantava eu continuar estudando, porque uma filha de alemães nunca seria professora aqui no Brasil.

*A única profissão que a gente tinha por aqui era o magistério e naquele tempo estudar fora era só para rico. E a gente era classe média, então não era possível. Então, como os professores disseram para ele que não era possível, ele me tirou da escola aos 14 anos. Eu tinha 14 anos. Eu chorei muito, mas não deu.*⁷⁰

⁶⁸ Alice Mendonça. Entrevista citada.

⁶⁹ Alice Mendonça. Entrevista citada.

⁷⁰ Maria Luiza Suiter Aquino. Entrevista citada.

Os conflitos sociais em questão, vivenciados por alemães e seus descendentes em Lages durante a II Guerra Mundial, e mais especificamente após 1942, viabilizaram a construção de uma identidade brasileira entre estes indivíduos que até então se identificavam como alemães. O relato de Alice Mendonça acena para as negociações e transformações do sentido de identidade que estes indivíduos tinham de si próprios e a auto imagem que redefiniram em função do outro:

Por força das circunstâncias, o pai sempre afirmava: “Vocês são brasileiros. Vocês são de origem portuguesa. A mãe é alemã, mas vocês são filhos de português. Vocês são brasileiros, nasceram no Brasil, são brasileiros.”⁷¹

A construção de uma identidade brasileira, para os descendentes de alemães, dentro da sociedade lageana, foi um fenômeno que se produziu por meio da negociação direta com vizinhos, amigos, colegas de trabalho e de escola, com o objetivo de obterem aceitabilidade social. Alice recorda:

Nós estávamos tão radicados aqui em Lages. Se nós tivéssemos sido criados em Jaraguá talvez nós não tivéssemos assumido toda aquela gama de influência alemã. Mas nós nos criamos aqui, no meio dos brasileiros. A maioria dos amigos era brasileiros.⁷²

⁷¹ Alice Mendonça. Entrevista citada.

⁷² Alice Mendonça. Entrevista citada.

Esta construção de imagem de si, para si e para os outros não foi isenta de conflitos e confrontos entre indivíduos que se identificavam de modos diversos. Uma vez assumida a identidade brasileira, Alice entrou em confronto com uma amiga de sua mãe, que se identificava como alemã e que teceu uma afronta à dignidade dos brasileiros. A lembrança de sua última surra traz consigo a memória dos conflitos que os sentimentos de identidade geraram:

A última surra que eu ganhei foi por causa da dona Helena [Karl]. Ela disse que brasileiro era vadio. Eu tinha 14 anos e respondi para elas: “É, brasileiro é vadio, mas vocês estão aqui, comendo o pão dos brasileiros.”

Ela disse que não. Ela disse que ela estava comendo o pão ganho pelo esforço do marido dela, que trabalhava também à noite e não sei mais o que...

Dali ela foi direto para a minha mãe. Quando cheguei em casa, levei uma surra. Não por ser justo ou injusto o que eu tinha dito, mas porque os filhos da minha mãe e do meu pai não podiam responder as pessoas mais velhas. Minha mãe disse: “Vocês não aprenderam a responder as pessoas mais velhas, você foi malcriada com uma pessoa mais velha. Então você esta apanhando por isso.”⁷³

Como se observa nos relatos indicados, os *acontecimentos* vividos pelas pessoas entrevistadas e por seus familiares, os *personagens* envolvidos nestes eventos - mesmo quando não foram denominados - e os *lugares* - ora o quarto ou a sala, ora o meio da rua ou o interior da escola e assim por diante - constituem alguns dos elementos da memória de descendentes de alemães que viveram em Lages antes e durante a II Guerra Mundial. Estes elementos foram articulados de acordo com o seu momento presente, através de uma

⁷³ Alice Mendonça. Entrevista citada.

relação muito estreita com um sentimento de identidade particular que cada um deles construiu sobre si próprio, de modo que se pode considerar que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva.*⁷⁴

A análise das fontes consultadas, historiografia e oralidade, deram conta de que a primeira se inclinou para o coletivo, enquanto que a segunda voltou-se para o individual, sendo que ambas ora convergiam e ora divergiam significativamente. Produzindo memórias de naturezas diferentes, a história escrita e a história oral dão conta de que existe uma relação dialética entre memória e identidade. Esta relação envolve conflitos entre grupos que se opõem onde e, a partir dela, *identificação pode funcionar como afirmação ou como imposição de identidade.*⁷⁵

Entendendo que a identidade se constrói e se transforma constantemente no interior de trocas sociais,⁷⁶ o capítulo seguinte abordará a trajetória dos alemães e seus descendentes que se fixaram em Lages, em suas relações de conflito ao longo do processo migratório.

⁷⁴ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In.: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, vol. 5, nº 10, 1992, p. 204.

⁷⁵ CUCHE, Op. Cit, p. 183.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 183

Capítulo II

Um olhar sobre a trajetória

A imprensa lageana publicou, em 18 de junho de 1899, uma parte de um relatório, apresentado ao conselho Municipal de Lages, onde o Major Vidal de Oliveira Ramos Junior fazia menção à *imigração espontânea que, de modo animador, começa a afluir para o município de Lages, procedente dos núcleos coloniais alemães e italianos do Estado*.¹ Este pequeno fragmento do referido relatório aponta para a heterogeneidade dos alemães que viviam naquela cidade.

No entanto, há que se considerar que a história da imigração alemã no Brasil também foi marcada pela heterogeneidade cultural, contando com indivíduos de diferentes dialetos, que procediam de diferentes regiões, sendo que havia os intelectuais e os que mal sabiam escrever ou eram analfabetos. Entre estes se encontravam agricultores, artesãos, trabalhadores urbanos, comerciantes e industriais que, por sua vez, professavam a religião católica, luterana, judaica, ou, em alguns casos, eram ateus.

Este universo de multiplicidades foi um campo de tensões entre eles, tensões estas que se somaram a novos conflitos que esses passaram a estabelecer com os brasileiros. Para entender a especificidade destas relações na sociedade lageana, passo a problematizar a trajetória de alguns dos alemães e seus descendentes que se ali se fixaram. Início, pois, com

¹ *República*. Florianópolis, nº 136 nº 136, 18 de junho de 1899.

alguns fragmentos da memória dos primeiros alemães que passaram a viver no Planalto Lageano e sigo abordando a trajetória de pessoas que migraram para a cidade de Lages no final do século XIX e o início do XX.

Contudo, deve-se considerar que a trajetória de alemães que se fixaram em Lages faz parte de um contexto maior, inserido num universo de mudanças sociais e econômicas que convulsionaram o Ocidente a partir da Revolução Industrial, iniciada durante o século XVIII. A partir desse momento, com o declínio do feudalismo, milhões de pessoas tiveram suas vidas modificadas pelas novas leis do mundo capitalista moderno. Estes indivíduos tiveram que enfrentar um processo rápido e violento de industrialização que ameaçava suas práticas produtivas e, por extensão, rever uma série de hábitos cotidianos que faziam parte de uma herança cultural herdada de seus antepassados, sobretudo no que diz respeito aos conhecimentos técnicos. Por exemplo, o sapateiro tinha domínio pleno da confecção do sapato quando trabalhava nas oficinas artesanais. Com o advento da industrialização, o sapato passou a ser confeccionado na linha de montagem, onde havia um operário para recortar o couro, outro para costurar, outro para colar a sola e assim por diante. O trabalho de cada um destes artesãos passou a fazer parte de uma engrenagem humana, onde, isoladamente, o serviço de cada um não valia nada.

A Revolução Industrial alcançou os Estados Alemães tardiamente, quando então, tais transformações sociais e econômicas tornaram-se um peso a mais para uma população que sofria com uma história de guerras e que enfrentava a perspectiva de novas instabilidades com o estabelecimento da Confederação dos Estados Germânicos, com sede em Frankfurt, em 1815. Este quadro de incertezas foi um solo fértil para a propaganda emigratória promovida pelo governo brasileiro nos Estados Alemães. Entre 1822 e 1828,

após a Independência do Brasil, Dom Pedro I, em conjunto com alguns de seus ministros, promoveu projetos de imigração, tanto para a formação de núcleos coloniais, como para a organização de batalhões de estrangeiros no exército em formação.²

Nesta ocasião, o major Jorge von Schaeffer, pessoa de confiança de D. Pedro I e de Dona Leopoldina, foi o principal arregimentador de colonos e soldados nos Estados Alemães. O agenciador apresentava uma espécie de cartão postal descritivo das regiões que o governo brasileiro pretendia colonizar através da mão-de-obra branca. Os anúncios continham também as promessas que o governo brasileiro oferecia aos emigrantes. A propaganda acendeu esperanças nas pessoas vítimas do flagelo das guerras:

A aguda crise gerada pelas chamadas guerras da libertação (1813-15), desarticulou a sociedade e atingiram muitas famílias, tornando-as vulneráveis à propaganda emigratória que em nome de D. Pedro I o Major Jorge von Schaeffer procedia na Europa.³

A propaganda emigratória brasileira chegou à Alemanha num momento em que a agricultura passou a ser considerada uma *indústria* como qualquer outra, onde o agricultor deveria pensar como um empresário, já que *o mundo rural como um todo era um mercado, uma fonte de trabalho, uma fonte de capital.*⁴

Até a Revolução Industrial a terra era, para o agricultor, muito mais do que sua fonte de lucro pois estava relacionada à sua própria vida e através dela se davam práticas

² MACHADO, Paulo Pinheiro. *A política de colonização do Império*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999, p. 20.

³ FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Alemães na Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p. 12.

⁴ HOBBSAWM, Eric J. *A era do Capital: 1848-1875*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 3ª ed., 1982, p. 196.

cotidianas. O crescimento da indústria, a privatização das terras comunais e a quebra de antigos vínculos de subordinação, desarticularam o artesanato doméstico e modificaram por inteiro a vida dos homens e mulheres do campo.⁵ Contudo, a vida nas cidades era certamente mais dramática.⁶ Os artesãos foram subitamente transformados em operários, sendo expostos a longas jornadas de trabalho sob o ritmo das máquinas, com baixos salários, em locais insalubres, sem direitos ou garantias sociais. O grande excedente de mão-de-obra gestou um novo problema: o desemprego para muitos.

No cenário germânico tal estado de coisas impulsionou a emigração de milhares de pessoas para o Brasil, num período que pode ser dividido em três grandes momentos:

1ª fase – (1815-1865) Esta fase pode ser ainda dividida em três momentos:

a) 1815-1830 Os emigrantes em sua maioria são do sudoeste da Alemanha;

b) 1830-1850 A emigração se amplia para os estados centrais e do leste;

c) 1850-1865 São oriundos mais do norte e leste, de regiões agrárias com sérios problemas.

2ª fase – (1865-1895) Predominam os diaristas, os operários, pequenos artesãos.

3ª fase – (1895-1914) Predominam os emigrantes solteiros, operários de indústrias.⁷

⁵ MACHADO. Op. Cit. p. 44.

⁶ HOBSBAWM, .Op. Cit., p. 222.

⁷ KLUG, João. As razões da imigração. In.: *São Pedro de Alcântara 1829-1999: aspectos de sua história*. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999, p.31.

Existem autores que defendem que durante este período, de 1824 até 1914, cerca de 93.000 alemães emigraram para o Brasil⁸, sendo que boa parte deles ou até mesmo a grande maioria, vivia profundas relações de conflito. Estes conflitos se davam em função das transformações nos seus modos produtivos de trabalho, da crise econômica, das perseguições religiosas e políticas, dos desajustes a um novo sistema econômico baseado na mão de obra assalariada e industrial, e do processo de industrialização que gerou muitos desempregados.

Alguns destes alcançaram êxito ao chegar no Brasil, outros nem tanto. Destes últimos, muitos tentaram novos projetos migratórios e entre estes se encontram os alemães e seus descendentes que se fixaram em Lages. Estes procediam das três fases acima mencionadas. Portanto, a *colônia alemã de Lages*⁹ é composta por sujeitos possuidores de diferentes tradições e que apresentavam experiências cotidianas, lingüísticas, religiosas, culturais e produtivas bem distintas.

Investigando a historiografia e a documentação da Diretoria de Viação de Terras e Obras Públicas, os Livros de Registros de Vigários, depositados no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, os processos cíveis do Museu do Judiciário Catarinense, além de artigos de jornais da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, foi possível perceber que os descendentes de alemães que se fixaram em Lages haviam-se estabelecido anteriormente no Rio Grande do Sul - como colonos ou mercenários do Imperador D. Pedro I - e em colônias de Santa Catarina.

⁸ CUNHA, Jorge Luiz da. Alemães emigrantes: as causas. In.: *São Pedro de Alcântara 1829-1999: aspectos de sua história*. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999, p.17.

⁹ Entende-se por *colônia alemã de Lages*, nesta abordagem, o conjunto de alemães e teuto-brasileiros que se fixaram na área rural ou urbana da região de Lages, a partir da primeira metade do século XIX.

A sua trajetória dentro do Brasil se relaciona com a história dos conflitos que assolaram o país durante o século XIX, quando, entre 1811 e 1817, Dom João VI promoveu uma política expansionista pela qual a Província da Cisplatina foi incorporada ao reino luso-brasileiro através da Guerra, que foi igualmente denominada Cisplatina. Em 1825, a guerra reiniciou e, desta vez, colonos alemães, recém chegados ao Brasil e estabelecidos na colônia São Leopoldo, fundada em 1824, participaram do conflito como voluntários, segundo Jean Roche. Além destes, mercenários alemães, integrantes das tropas de Dom Pedro I, também participaram da conflagração pela qual o reino luso-brasileiro perdeu a Província Cisplatina.¹⁰

Na década seguinte, um novo conflito, a Revolução Farroupilha (1835-45), envolveu os alemães fixados no Rio Grande do Sul.¹¹ Durante dez longos anos, legalistas e revolucionários se opuseram na luta pela independência da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. A comunidade alemã residente na província, composta por colonos e mercenários do Imperador Dom Pedro I, participou desta guerra civil fornecendo

¹⁰ ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969, vol. I, p. 14-16.

¹¹ A Revolução Farroupilha foi um dos sintomas da insatisfação que os brasileiros viveram durante o período imperial, com o centrismo monárquico, instalado na década de 1820 e seguido de instabilidade e incertezas na década seguinte, com a abdicação do Imperador D. Pedro I, em 1831. Pela constituição se o herdeiro não tivesse 18 anos, um príncipe da família real seria escolhido. caso isso não ocorresse, seria formada uma regência de três membros escolhidos na câmara dos deputados e senadores. Como estes estavam de férias, foi escolhida uma regência trina provisória e mais tarde com a eleição dos deputados e senadores, elegeu-se a regência trina permanente. Em 1834, por um ato adicional, a regência trina foi substituída por uma regência una. No ano seguinte, o padre Diogo Antônio Feijó foi escolhido para ser o Regente do Império. No entanto, o clima de incertezas políticas possibilitou o surgimento de várias revoltas em diversas regiões do Brasil, entre elas a Revolução Farroupilha que, como já foi mencionado, iniciou em 1835 e perdurou por uma década. Ideais republicanos e federalistas motivaram as lideranças gaúchas a empreenderem esta guerra civil para manifestarem o seu descontentamento com o presidente da província que o Império lhes destinou, com o centrismo monárquico e com a política econômica para o Sul do Brasil.

aproximadamente oitocentos soldados para as forças do Império e seiscentos para os farroupilhas.¹² Segundo Hilda Flores:

O livre trânsito de piquetes militares, de ambas as facções, pelas Picadas interioranas de São Leopoldo, requisições, saques, incêndios, recrutamentos e assassinatos provocaram um leque migratório em busca de lugar mais seguro, estendendo a colonização alemã até Triunfo, Rio Pardo, Santa Maria, Passo Fundo e até a fronteira, no acompanhamento dos exércitos.¹³

Este leque migratório transportou famílias do Rio Grande do Sul para o Planalto Lageano e Laguna,¹⁴ sendo que entre elas estão alguns colonos alemães e mercenários do Exército de Estrangeiros de D. I Pedro I. Há que se considerar que Lages foi a primeira conquista dos farrapos fora do Rio Grande do Sul. A vila foi tomada em 9 de Março de 1838. Nesta ocasião, 1.300 revolucionários integrantes das tropas republicanas do Coronel José Mariano de Mattos, ministro da guerra e marinha da República Piratini,¹⁵ foram recebidos festivamente pelo Juiz de Paz, João Rodrigues Barbosa, que providenciou hospedagem e um grande churrasco comemorativo.¹⁶ Os lageanos aboliram o regime imperial e declararam o território parte integrante da República Piratini, ou Riograndense,

¹² BECKER, Klaus. A colônia alemã de São Leopoldo e a Revolução Farroupilha. Conferência pronunciada em sessão solene em homenagem aos 161 anos da colônia alemã de São Leopoldo e em comemoração ao sesquicentenário da Revolução Farroupilha. Prefeitura Municipal de São Leopoldo, 25 de julho de 1985. Fotocópia. 12 p. In.: MACHADO, Op. cit. p. 22.

¹³ FLORES. Op. cit. p. 129 (os grifos são meus).

¹⁴ CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. 2ª ed. Florianópolis, 1970, p. 124.

¹⁵ BOITEUX, Lucas. *Notas para a História Catarinense*, p. 333.

¹⁶ VARELA, Alfredo. Política Brasileira. Livraria Chardron: Porto, 1929. In.: COSTA, Licurgo. *O continente das Lagens – sua história e influência no sertão de terra firma*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982, p.254.

como também foi chamada.¹⁷ No entanto, nem toda a população local era favorável aos revolucionários, sendo que muitos se mantiveram fiéis ao regime Imperial.¹⁸

Diante da adesão de parte da população lageana à República Piratini, o governo catarinense estabeleceu algumas estratégias repressoras, proibindo a exportação de todos os artigos de comércio de qualquer ponto da província para o município de Lages, pelo período de um ano, ou até que os revolucionários desocupassem a região.¹⁹ Dois anos de tensões e conflitos, com idas e vindas por parte dos revolucionários e das tropas do Governo Imperial, se seguiram até que os Farroupilhas foram definitivamente expulsos de Lages, em abril de 1840. Neste mesmo ano, na expectativa de acalmar os ânimos e conter o aumento de revoltas que pululavam pelo Brasil, D. Pedro II teve sua maioridade antecipada para 14 anos para poder assumir o trono. No entanto, o período de instabilidade e revoltas perdurou por vários anos em diferentes pontos do país.

Lentamente, após a retirada dos revolucionários, Lages foi retomando sua vida rotineira. É a partir deste momento que colonos da colônia São Leopoldo e mercenários do Imperador D. Pedro I começaram a adquirir visibilidade na documentação eclesiástica e cível da referida localidade. Com o final da guerra, alguns ex-mercenários também se estabeleceram na vila, entre eles: André Goos (granadeiro)²⁰, Alberto Meyer (soldado)²¹,

¹⁷ CABRAL. Op. cit. p. 126.

¹⁸ COSTA. Op. Cit. p. 262.

¹⁹ BOITEUX. Op. Cit., p. 334.

²⁰ LEMOS, Juvencio Saldanha. *Os mercenários do Imperador – A primeira corrente imigratória alemã no Brasil (1824-1830)*. Porto Alegre: Palmarinca, 1993, p. 436.

²¹ Ibidem. p. 452.

Jorge Meyer (granadeiro)²², Jorge Trueter (1º sargento)²³ e Ulrich Haeberle (soldado)²⁴. Alguns destes homens fazem parte de um livro de memórias escrito pelo viajante Robert Avé-Lallemant, que esteve em Lages durante o inverno de 1858. O articulista conta que se hospedou na casa do comerciante Jorge Trueter, sobre o qual se refere com apreço:

*Em primeiro lugar meu generoso e bem educado senhor Trüter, um hanoveriano de Klaustal, geralmente estimado, que tinha lutado na batalha de Waterloo e mais tarde veio com tropas alemãs para o Brasil, onde, sob o comando do Marechal de Barbacena, segundo ele próprio costuma expressar-se, “ajudou a perder a batalha de Rosário”. Nessa fatal batalha perdeu o Brasil o Estado de Montevidéu e, com ele, uma preciosa pérola de seu diadema de províncias.*²⁵

Jorge Trueter migrou para o Brasil, na década de 1820, como primeiro sargento do 27º Batalhão de Caçadores do Exército de Estrangeiros.²⁶ Ele lutou na Guerra Cisplatina e, posteriormente, migrou para Lages, onde faleceu também sua esposa, a portuguesa Rita de Cássia de Lobo Trüter, como os registros civis da comarca de Lages indicam.

As memórias de Robert Avé-Lallemant também se referem a um outro ex-mercenário que vivia em Lages, bem como sobre a vida errante que os imigrantes levaram,

²² Ibidem. p. 452.

²³ Ibidem. p. 469.

²⁴ Ibidem. p. 438.

²⁵ AVÉ-LALLEMANT, Robert, (1812-1884). *Viagens pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)*; Belo Horizonte: Ed. Itatiaia: São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980, p. 71.

²⁶ LEMOS. Op. cit. p. 469.

durante a ascensão da Revolução Industrial da Alemanha, até encontrar um pouso seguro que garantisse condições para a sua sobrevivência:

Outro alemão era o meu próprio conterrâneo senhor Kelling²⁷, que depois de muitas alternativas na vida campestre no Mecklemburgo e na Pomerânia, conseguiu na isolada Lajes, com seriedade, laboriosidade e constância, uma nova e boa existência e soubera conservá-la com a estima dos moradores circunvizinhos.²⁸

Também os registros civis da comarca de Lages indicam que, além destes homens, outras famílias com os mesmos nomes dos mercenários do exército de Dom Pedro também se fizeram presentes na cidade durante o século XIX. Estas famílias são: Krister²⁹, Kelling³⁰, Küster³¹ e Damm³².

Entre os alemães que viviam no Rio Grande do Sul e que migraram para Lages se encontram *alguns artífices³³*, sendo que *alguns seleiros vieram de São Leopoldo e na localidade estabeleceram seus negócios e suas famílias.³⁴* Entre eles estão Leonardo

²⁷ O senhor Kelling, mencionado por Avé-Lallemant, possivelmente deve ser Wilhelm Kelling, que pertencia ao Esquadrão de Lanceiros. In.: LEMOS. Op. cit. p. 444.

²⁸ AVÉ-LALLEMANT. Op. cit. p. 71.

²⁹ LEMOS, Op. Cit. p. 446.

³⁰ Ibidem. p. 444.

³¹ Ibidem. p. 447.

³² Ibidem. p. 430.

³³ AVÉ-LALLEMANT. Op. cit. p. 71.

³⁴ Ibidem. p. 71.

Koeche e Henrique Buz, que construíram um curtume num terreno que dava fundos para o Rio Cará, onde as mulheres da cidade lavavam roupas.³⁵

Durante a primeira metade do século XIX chegaram também em Lages alemães ou descendentes, vindos da colônia São Pedro de Alcântara. Este era apenas o começo de um movimento de alemães estabelecidos em colônias do Vale do Rio Itajaí e do Rio Cubatão, em direção àquela cidade, como o indicam os registros de batismos da Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres de Lages³⁶.

Os processos cíveis da primeira instância referente à Comarca de Lages, depositados no Museu do Judiciário Catarinense, confirmam este processo migratório e apontam para algumas especificidades observáveis entres os alemães que viveram em Lages durante o século XIX.

Lourenço Waltrick reúne vários dos aspectos que foram comuns entre os alemães e seus descendentes que viveram em Lages. Sendo natural da Alemanha, chegou ao Brasil em 1828, a fim de se estabelecer na colônia São Pedro de Alcântara com seus pais e irmãos. No entanto, ele permaneceu por poucos anos na colônia. Sem poder precisar quando Lourenço migrou para Lages, posso afirmar que em 02 de janeiro de 1843 ele e sua primeira esposa, Maria Joaquina Coelho de Ávila, batizavam um filho - de nome Ignácio - na Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres de Lages.³⁷

³⁵ COSTA. Op. Cit. p. 861

³⁶Índice de Batismos 1838-1851 Livro 5 a 9; Índice de Batismos 1840-1903, Livro 10 a 35; Índice de Batismos 1884-1889 (1253586), Livro 30 A; Índice de Batismos 1885 (1253586), Livro 33; Índice de Batismos 1895-1899 (1253586), Livro 34 e 35. Este levantamento contou parcialmente com a colaboração de Beat Richard Méier. Acervo da Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres da Catedral Diocesana de Lages.

³⁷ Livro de Batismo nº 6, folha 53 v. Acervo da Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres da Catedral Diocesana de Lages.

O testamento de Lourenço Waltrick, escrito em parte de próprio punho, em 15 de junho de 1872, foi anexado ao seu inventário, realizado após a sua morte, em 1881. Este documento dá conta de que Lourenço se casou 3 vezes e sempre com mulheres brasileiras. Com a primeira, Maria Joaquina Coelho de Ávila, teve quatro filhos; com a segunda, Maria da Conceição Trindade, teve um filho que nasceu morto, sendo que ela veio a falecer também poucos dias após o parto; com a última, Nascimenta Ribeiro de Andrade, teve mais sete filhos. Como Lourenço e seus descendentes, o casamento entre alemães e brasileiros foi uma prática bastante usual em Lages. No que tange à vida econômica, seu inventário indica que foi um homem rico, negociante, fazendeiro e possuidor de escravos. No mesmo documento também declara ser católico.³⁸ Em Lages, no mesmo período também havia alemães de confissão luterana, como se verifica no próximo capítulo.³⁹

No entanto, nem todos os que migraram para Lages foram bem sucedidos como Lourenço.⁴⁰ Os processos de inventário de Leonardo Keche Junior (1880), Carlos José Waltrick (1882), Luís Mascheck (1884), Christiano Küster (1895), Luiz Wolff (1895),

³⁸ Inventário (1881). Lourenço Waltrick: falecido; Nascimenta Ribeiro de Andrade: inventariante. Cx. N5.

³⁹ Ibidem. p. 788

⁴⁰ Inventário Pobre (1880). Leonardo Keche Junior. Cx. N5;

Inventário Pobre (1882). Carlos José Waltrick. Cx. N5;

Inventário Pobre (1884). Luís Mascheck. Cx. N4.

Inventário Pobre (1895) Christiano Küster. Cx. M8;

Inventário Pobre (1895) Luiz Wolff. Cx. M8;

Inventário Pobre (1895). Bernardino Luiz Wolff: falecido. Emília Xavier Leite: inventariante. Cx. M8;
Inventário Pobre (1897) Manoela Schumacher. Cx. M7.

Bernardino Luiz Wolff (1895), Manoela Schumacher (1897) sinalizam para uma parcela empobrecida da comunidade alemã residente em Lages.⁴¹

Através de um outro tipo de processo cível, o Arrolamento de Bens, as condições de uma outra família alemã que ali vivia podem ser problematizadas. Por ocasião da morte de Luiz Matto Weller, casado com a costureira Emilia Weller, ficaram órfãos de pai Rodolfo, com 10 anos de idade, e Júlia, com 9 anos. Os bens deixados pelo falecido para sua família compunham-se de:

*Um terreno com uma pequena casa em construção na Praça Pe. Antônio.[...] Além deste prédio, só existem mais uma mesa de jantar e a cama do casal, cujos objetos não podem valer mais de 20 mil réis cada um.*⁴²

Tendo em vista que o prédio estava em construção, Emilia resolveu solicitar um *Arrolamento dos Bens* do casal a fim de vendê-lo para comprar uma casa nova que havia sido edificada por Victor Antunes de Oliveira. O imóvel no qual a família Weller passou a morar constava de:

*Uma casa com uma porta e uma janela na frente, sita a rua Raulino Horn, antiga rua do Tanque Novo, com casinha e demais benfeitorias e uns terrenos anexos à dita casa.*⁴³

⁴¹ Inventário (1881). Lourenço Waltrick: falecido; Nascimento Ribeiro de Andrade: inventariante. Cx. N5.

⁴² Arrolamento de Bens (1896). Luiz Mattos Weller: falecido; Emilia Weller: inventariante. Cx. M 7.

⁴³ Arrolamento de Bens (1896). Luiz Mattos Weller: falecido; Emilia Weller: inventariante. Cx. M 7.

Como a família Weller, outras famílias de colonos alemães se fixaram na área urbana de Lages no mesmo período. Este movimento migratório foi relatado e discutido pelo Major Vidal José de Oliveira Ramos Junior, em relatório de 1º de janeiro de 1899, que foi enviado ao Conselho Municipal, como se verifica:

Colonização

No intuito de atrair a imigração espontânea que, de modo animador, começa a afluir para o nosso Município, procedente dos núcleos coloniais alemães e italianos do Estado, a Superintendência Municipal foi autorizada, pela Lei nº 42 de 05 de Janeiro do ano passado, a conceder lotes suburbanos, por aforamento, pelo prazo máximo de cem anos. Esta lei estabelece, com maior clareza, as vantajosas condições em que devem ser concedidos os lotes; não obstante, parece-me, que ela não produzirá os resultados que se esperavam, porque, como sabeis, o ideal do imigrante ou colono e tornar-se proprietário, pelo que dificilmente ele tomará por meio de arrendamento, embora por longo prazo, a terra que o seu trabalho deve fecundar. Cumpre, porém, não desanimar, atentas as grandes vantagens, que dessa nascente imigração deve resultar para a nossa terra. Se é verdade que a falta de vias de comunicação, para a saída dos produtos da nossa lavoura, não nos permitem aspirar a fundação de um núcleo colonial, não é menos certo que uma pequena colônia melhorará sensivelmente as nossas condições de vida, e que o trabalho do colono uma vez que ele seja bem localizado, encontrará razoável remuneração. O nosso solo produz com exuberância quase todos os gêneros alimentícios que, em grande escala importamos para o consumo: o que nos falta, portanto, é o agricultor bem orientado e habituado ao arroteamento da terra, por processos menos primitivos do que os empregados pelos lavradores indígenas. O nosso povo, em sua maioria, é pouco inclinado à agricultura, dedica-se de preferência, à indústria pastoril ou ao pequeno comércio, profissões sem dívida menos trabalhosas, embora menos lucrativas. A maior parte, dos que se dedicam à cultura da terra, está habituado a só tirar dela aquilo que é prodigalizado pela sua exuberância, sem necessidade de muito trabalho, e, como as necessidades

*da vida não são muitas, e o tormento da fome é coisa desconhecida nesta região, onde, com razão, se diz que pode-se viver sem trabalhar, não é de supor que se modifique, tão cedo, a inclinação do nosso povo. Por tudo isto, uma boa imigração terá ainda a grande vantagem de servir de ensinamento, em uma zona cuja grandeza futura provirá da agricultura.*⁴⁴

A Lei nº 42, de 5 de julho de 1898, mencionada pelo Superintendente Municipal de Lages, Vidal José de Oliveira Ramos Junior, concedia lotes coloniais suburbanos de, no máximo, oito hectares, os quais deveriam ser pagos anualmente a um valor de no mínimo cinco mil réis por hectare. Estes lotes coloniais deveriam ser destinados preferencialmente à vinicultura, arboricultura, horticultura, além de cereais e outros produtos agrícolas próprios daquela região.

Vidal José de Oliveira Ramos Junior acreditava que a Lei nº 42 não surtiria os efeitos desejados haja vista que os colonos tinham o ideal de serem proprietários de suas terras e a legislação prescrita dava aos concessionários apenas o direito de usar a terra pelo prazo máximo de cem anos, mediante a um pagamento anual pelo uso da mesma, como se fosse um locatário. Vidal José de Oliveira Ramos Junior defendia o ideal de que o futuro econômico da região estava na agricultura, que era negligenciada pelos lageanos. Para tanto, ele nutria esperanças de que a revisão da referida lei poderia atrair agricultores dos núcleos coloniais do Estado, trazendo desenvolvimento agrícola para Lages.

O ponto de vista de Vidal José de Oliveira Ramos Junior era compartilhado pelo jornalista e tabelião de imóveis, Fernando de Athayde, que, através de um artigo, nos

⁴⁴ Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Lages, em 01 de janeiro de 1899, pelo Superintendente Major Vidal de Oliveira Ramos Júnior. São Leopoldo: Typ. Rothermund, 1899, p. 11-12.

agracia com uma breve descrição de Lages, onde conclui que a lavoura da região é acanhada por falta de pessoas que se dediquem a este trabalho.

Situada em terreno ondulado, cercada de fertilísimos campos, cortada por numerosos arroios e banhada pelo pequeno rio Carahá tributário do Caveiras, a cidade de Lages, vista de qualquer lado apresenta um aspecto agradável.

Tem perto de 300 casas, divididas em nove espaçosas ruas, quase todas bem alinhadas, sem edifício público algum digno de menção.

Possui, entretanto, um lindo teatro intitulado S. João [...].

A sua população é calculada em mais de sete mil almas. Tem quatro escolas, sendo 2 para cada sexo, além de um colégio particular, várias casas de negócio, uma farmácia, duas bandas de música, uma tipografia, onde se publica o Lageano, jornal fundado em 1883 pelo cidadão João da Cruz e Silva.

A principal fonte de riqueza do município, que compreende as freguesias de Baguaes e Painei, é a criação de gado que exporta para o litoral e para Estado do Rio Grande do Sul.

Há grande quantidade de terras lavradas no território de Lages, as melhores de serra acima; mas devido a falta de colonização e boas estradas, a sua lavoura é bastante acanhada.

A povoação de Lages foi fundada no século XVII por alguns paulistas: criada vila com a denominação de N. S. dos Prazeres de Lages, por carta régia datada de 26 de abril de 1765, foi elevada a categoria de cidade pela lei provincial n. 500 de 25 de maio de 1860.

F. A. D' Athayde⁴⁵

Enquanto Vidal José de Oliveira Ramos Junior nutria expectativas com relação ao desenvolvimento de uma agricultura destinada à comercialização, Fernando de Athayde

⁴⁵ ATHAYDE, F. A. D'. Lages. In.: *República*, Lages, 04 de fevereiro de 1891. (os grifos são meus).

alimentava esperanças com a comercialização de terras, pois era proprietário do único tabelionato de imóveis da cidade. Há que se considerar que em Lages, neste momento, a agricultura era de subsistência e que havia um processo de ocupação das terras devolutas por parte de posseiros,⁴⁶ empobrecidos pelas desigualdades sociais vigentes na região. O pleito de Vidal José de Oliveira Ramos Junior e Fernando de Athayde começou a ser atendido com a implantação da 6ª agência de Terras do Estado, com sede em Lages, sob o gerenciamento de *Jacinto Antônio de Mattos*.⁴⁷

A memória da ocupação dos campos de Lages se perdeu, em parte, junto com os documentos da 6ª agência de terras, os quais se extraviaram pela ingerência de seus funcionários. Apenas a partir de 1917 - quando a mesma respondia pelo nome de Agência do IV Distrito do Comissariado Geral do Estado, sediada em Lages, sob a administração do Engenheiro Constâncio A. Krummel - é que se pode averiguar com maior propriedade o movimento migratório, para Lages, de colonos do Vale do Itajaí e Cubatão. Segundo relatório de Krummel, enviado para a Diretoria de Viação, Terras e Obras Públicas:

A completa reorganização desta repartição, absorveu a princípio, totalmente o meu tempo, assim como a grande acumulação de requerimentos de terras por despachar. A isso tudo se associava a dificuldade da completa falta de dados a respeito da gestão do meu antecessor, a falta de escrituração capaz dos negócios e trabalhos desta repartição, a desordem e confusão do arquivo e a completa falta de proficiência

⁴⁶ Edital sobre legitimação de posse. In.: *O Imparcial*. Lages, nº 25, 14 de novembro de 1903.

⁴⁷ MATTOS, Jacinto Antônio de. Diretoria de Terras. In: *O Imparcial*. Lages, , nº 17, 19 de setembro de 1903.

*técnica no serviço de medição e desenhos dos trabalhos topográficos.*⁴⁸

O referido antecessor foi o alemão João José Rath, que havia feito carreira inicialmente como agrimensor, passando a advogado provisionado, jornalista, e chegando a ocupar o cargo de Cônsul da Alemanha em Lages⁴⁹, sendo auxiliado pelo escriturário teuto-brasileiro Ernesto B. Goss. No entanto, a pluralidade dos cargos por ele ocupados pouco ajudou na manutenção da documentação que registrava esta face da ocupação dos campos de Lages por parte de pequenos e médios agricultores.

De qualquer forma, a documentação de 1917, organizada por Krummel, proporciona condições de se problematizar a ocupação dos campos de Lages, a qual estava ocorrendo naquele momento, como um dos seus relatórios indica:

*Tendo-me chegado inúmeros pedidos de informações a respeito de terras devolutas, e sendo os correspondentes filhos de colonos que residem nas velhas colônias de Therezopolis, Capivary, S. Isabel, Angelina e outros lugares, onde as terras além de já cansadas, ainda se acham de tal modo subdivididas, que a prole dos colonos velhos, excelentes agricultores, não encontra mais os meios de estabelecer.*⁵⁰

A presença, desde o século XIX, de teuto-brasileiros como agricultores nos campos de Lages é um fato e, como foi indicado, pode ser melhor verificada através do Índice de

⁴⁸ Relatório, de 1917, apresentado à Diretoria de Viação, Terras e Obras Públicas Coronel Antônio Maria Barroso Pereira pelo Engenheiro Constâncio A. Krummel, da Agência do IV Distrito do Comissariado Geral do Estado, sediada em Lages. Código: 4ºDist. C.G. Lages r.1917 2-30-1.

⁴⁹ COSTA. Op. Cit. p. 1160

⁵⁰ Relatório, de 1917, apresentado a Diretoria de Viação, Terras e Obras Públicas pelo Engenheiro Constâncio A. Krummel, Agente do IV Distrito do Comissariado Geral do Estado de Lages. Código: 4ºDist. C.G. Lages r.1917 2-30-1. (grifos meus)

Solicitadores de Títulos de Concessão de Terras do Estado de Santa Catarina.⁵¹ No entanto, esta questão não faz parte do objeto desta pesquisa, pois demandaria um estudo específico sobre o assunto, o qual se apresenta rico e complexo (ver anexo II).

As terras comercializadas tinham um custo, mas eram consideradas baratas por quem tinha algum capital. Esta particularidade das terras em Lages, segundo Paulo Setúbal, ofereceu condições para que *qualquer proprietário que tivesse 10 milhões de campo*⁵² *não passasse de chacareiro*⁵³.

A memória da trajetória de filhos de colonos que residiam nas colônias dos Vale do Itajaí, Cubatão, Braço do Norte pode ser recuperada através dos relatos de pessoas que participaram deste processo migratório e que atualmente são idosos. Elizabeth Feldhaus recorda que, quando menina, sua família mudou-se de Rio Fortuna, no Vale do Braço do Norte, para a localidade da Bocaína do Sul, que naquela época pertencia a Lages. Amigos e parentes já haviam se fixado na região. Segundo ela:

*Eles eram todos colonos fortes. Se fosse hoje, diria que eram fazendeiros. Naquele tempo era colono forte. Papai tinha doze mil metros de terra. Primeiro comprou cinco quando veio de lá e depois prosperou e comprou mais sete mil e oitocentos. Ele tinha doze milhões de terra.*⁵⁴

Há que se lembrar que alguns dos alemães que imigraram para o Brasil tornaram-se proprietários de terras suficientes para extrair, pela primeira vez, em terras brasileiras, o

⁵¹ Índice de Solicitadores de Títulos de Concessão de Terras do Estado de Santa Catarina, referente à cidade de Lages.

⁵² Um milhão de campos é uma unidade agrária equivalente a 1000 m x 1000 m, ou seja, 1.000.000 m².

⁵³ CORRÊA, Nereu. *Paulo Setubal em Santa Catarina*. Florianópolis: UDESC, 1978, p. 7.

⁵⁴ Elizabeth Feldhaus Martinhago. Entrevista citada.

sustento para si e suas famílias. Através do trabalho livre e doméstico produziam víveres e produtos artesanais para o seu sustento. Então, o que levou estes colonos a deixarem suas colônias? Problemas de natureza burocrática e administrativa emperraram os projetos que, em teoria, se propunham a realizar.

A colônia alemã de São Pedro de Alcântara, a mais antiga de Santa Catarina, fundada em 1829, teve seu desenvolvimento comprometido pela Lei Orçamentária, de 15 de dezembro de 1830. Por meio desta lei foram cortados quaisquer gastos com a colonização estrangeira dentro do território nacional.⁵⁵ A falta de infra-estrutura e as expectativas frustradas com a colônia levaram alguns colonos de São Pedro de Alcântara a migrarem para outras regiões, inclusive Lages.

Os projetos de colonização estavam *longe da perfeição estabelecida na legislação e nos planos traçados no âmbito do Ministério da Agricultura*.⁵⁶ A falta de segurança gerada pela deficiência de serviços públicos essenciais, como a abertura de estradas para escoar a produção, a falta de escolas, assistência e orientação médica, foram alguns dos problemas enfrentados por estes colonos. A estas tensões se acrescentava a falta de terras para os filhos dos colonos que casavam e começavam a formar uma nova família. Os que puderam, voltaram para a Alemanha, porém a grande maioria se viu obrigada a ficar. Os problemas que cercaram estes colonos eram reflexo do descumprimento dos projetos de colonização,

⁵⁵ VOIGT, André Fabiano. A migração de alemães da colônia São Pedro de Alcântara para o Vale do Itajaí: uma questão histórica. In.: *São Pedro de Alcântara 1829-1999: aspectos de sua história*. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999, p. 122.

⁵⁶ SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania – A imigração alemã e o Estado brasileiro. In.: *Trabalho apresentado no XVII Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu, MG: 22-25 de outubro de 1993, p. 107.

caracterizados pela desorganização, quase sempre provocada pela falta de recursos públicos para a efetivação do estabelecimento das colônias.⁵⁷

Além das tensões ocasionadas pela falta de infra-estrutura, os colonos enfrentaram outras situações de desconforto ocasionadas, sobretudo, pelo medo. O receio do conflito com os índios os levou a empreender lutas sangrentas, motivadas pelo medo e pelas idéias preconceituosas que concebiam das populações indígenas. Para os colonos, os índios eram considerados selvagens, ou seja, praticamente animais, que a necessidade, sob seus pontos de vista, autorizava matar. Neste conflito, que se deu entre flechas e tiros, os índios foram as maiores vítimas. Este conjunto de problemas levou muitos colonos a migrarem para outras regiões do Estado ou do país. Os que optaram por se estabelecer em Lages, por vezes, encontraram os mesmos problemas que se somaram a outros, como se verificará nos capítulos seguintes.

Se até o momento, em grande parte sinalizamos para os filhos, netos e bisnetos de alemães que se fixaram em Lages, daqui para frente às memórias escritas e a tradição oral apontam para a história de pessoas de nacionalidade alemã, que pelos mais diferentes motivos se fixaram na pequena cidade do Planalto Serrano, fundada por Correia Pinto. Este último grupo de alemães é composto pelos frades franciscanos, que chegaram em Lages em 1892, seguidos pelas irmãs da Divina Providencia, que se fixaram na cidade em 1901, além de pessoas que saíram da Alemanha em virtude de questões políticas envolvendo o anti-semitismo e tensões decorrentes do pós I Guerra Mundial.

A trajetória dos frades franciscanos no Planalto Lageano foi registrada em relatos

⁵⁷ Licurgo Ramos Costa. Entrevista realizada em Florianópolis, em 03 de fevereiro de 2000.

escritos pelos primeiros freis que viveram em Lages, sobretudo Frei Rogério Neuhaus. Estes relatos, posteriormente, foram publicados em fascículos da coleção a *Vida Franciscana*, editada desde o início do século XX. Publicações desta coleção nos informam de que a ação missionária dos franciscanos iniciou-se em Lages com Frei Tomé de Jesus e Frei Manuel da Natividade Teixeira, em 20 de junho de 1767, poucos meses após o estabelecimento, por Correia Pinto, da póvoa de Nossa Senhora dos Prazeres das Lagens.

O trabalho da ordem, no Planalto Lageano, foi retomado em 1892, após a morte do vigário da Paróquia de Lages, Padre Antônio Esteves de Carvalho. O reinício da ação missionária franciscana em Lages deu-se através dos freis alemães Herculano Limpinsel e Rogério Neuhaus, acompanhados de Irmãos Leigos.

Uma vez estabelecidos ali, estes freis deram início à construção do Colégio São José, destinado para meninos. Até então a cidade não contava com ensino secundário.⁵⁸ Quando as instalações do colégio ficaram prontas, Frei Rogério entrou em contato com congregações religiosas femininas, pleiteando que alguma delas assumissem o ensino destinado para meninas naquela cidade. As Irmãs da Divina Providência, de origem alemã, aceitaram a proposta, vindo a dar início ao trabalho em 18 de agosto de 1901.⁵⁹

A entrada destes religiosos na cidade de Lages guarda alguns significados singulares, sobretudo quando se considera que eles assumiram o papel de educadores,

⁵⁸ *Vida Franciscana*, Ano XXIV (XLIV), nº 34, julho, 1967, p. 19-21.

⁵⁹ BAGGIO, Frei Hugo D. , OFM. *Frei Rogério Neuhaus, o missionário do planalto catarinense*. Edições Loyola: São Paulo, SP, 1983, p. 45.

disciplinadores e divulgadores da fé cristã, a partir da sua ótica de mundo e de vida enquadrada em padrões europeus, como se verificará nos capítulos seguintes.

Por fim, deve-se considerar sobre os que saíram da Alemanha por razões políticas. A história oral transmitida pelos filhos destes alemães ajuda a recuperar aspectos da trajetória destas pessoas. Em alguns casos, sem terem vivenciado o que estão relatando, os entrevistados indicam que internalizaram algumas experiências vividas pelos seus pais quando ainda estavam na Alemanha ou quando estavam atravessando o Atlântico em direção ao Brasil.

Célia Toledo Lucena afirma que *o olhar para trás, o juntar traços vivenciados no passado reforçam em migrantes os sentimentos de pertencimento do grupo.*⁶⁰ Juntando memória e imaginação eles falam como se fossem testemunhas oculares de um passado que não viveram. É graças a estes relatos que podemos acessar detalhes da trajetória migratória destes indivíduos. Os entrevistados relembram sobre um tempo distante que se aproxima do presente através do ato de olhar para o passado, por vezes buscando referenciais de vida que contribuam para a constituição de um sentimento de identidade ou pertencimento social.

José Suiter tinha uma vida confortável na Alemanha, sendo filho de um madeireiro com 120 empregados. Contudo, a contrariedade com relação ao domínio judeu na região em que vivia tê-lo-ia o levado a emigrar. Em entrevista ao jornal *Correio Lageano*, João Suiter e Clara Suiter, seus filhos, contam que:

⁶⁰ LUCENA, Célia Toledo. Memória de famílias migrantes: imagens do lugar de origem. In.: *Projeto História*, São Paulo, nº 17, p. 398.

Ele fez um trabalho lá na Alemanha para os judeus e eles nunca quiseram pagar. Ele foi procurar um advogado e todos os advogados eram judeus. Então ele se desgostou. Como ele tinha um irmão que morava aqui ele veio para o Brasil. Mas, ele esteve primeiro na Argentina. Ele saiu em 1905 da Alemanha e depois morou uns anos na Argentina e depois veio para o Brasil e ficou definitivamente em Lages.⁶¹

Este relato aponta para o anti-semitismo existente na Europa há séculos e que tomou caráter político durante o século XIX. O anti-semitismo deste período representou um ódio especificamente aos judeus, muito embora os povos semitas também sejam compostos por sírios e árabes. O movimento anti-semita promoveu perseguições aos judeus e à religião judaica em países onde a população israelita era numerosa, como a Alemanha. O ódio contra os judeus teve sua pior fase a partir de 1933, quando o Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores desencadeou uma onda sistemática de perseguições a este povo.⁶²

Ao que tudo indica, esta corrente de idéias alcançou os pensamentos de José Suiter. Contudo, seria precipitado afirmar que ele fosse um nazista, por mais que se antipatizasse com os judeus. Sua filha recorda que seu pai foi à Alemanha em 1924, ocasião em que conheceu e casou-se com sua mãe. Durante esta mesma viagem teve a oportunidade de conhecer Adolf Hitler durante os primeiros anos de sua trajetória

⁶¹ O engenheiro alemão trouxe conhecimento europeu à pequena Lages. In.: *Correio Lageano*. Lages, 25 de outubro de 1997, p. 10.

⁶² O Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores organizou-se enquanto um movimento ideológico e político em 1919, através da liderança de Adolf Hitler. Sua base ideológica fundava a idéia da supremacia dos indivíduos da raça alemã que, por sua vez, formaria um Estado Alemão supremo aos demais estados devido ao fato de ser composto por indivíduos de sangue alemão. Este pensamento nutriu perseguições ideológicas contra imigrantes, ciganos, homossexuais e judeus, sendo que estes últimos eram considerados a pior das espécies humanas. In.: *Dicionário Enciclopédico Brasileiro*. Editora Globo: Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo, 1963, p. 117, 795, 2725.

política. José Suiter foi convidado por um amigo a ir conhecer Hitler, que se encontrava na casa de um vizinho. Durante o encontro, José Suiter disse a Hitler:

- Você não acha que está querendo muita coisa pretendendo ser o Primeiro Ministro?

Hitler respondeu:

- Eu não vou ser apenas o Primeiro Ministro. Eu vou ser o Chefe do povo alemão!⁶³

José Suiter retornou para o Brasil recém-casado e nos anos que se seguiram teve dois filhos, João e Maria Luiza, os quais nos presentearam com as memórias acima mencionadas.

Neste mesmo período, a família Scholz também atravessou o Atlântico em direção ao Brasil. Em 1927, eles deixaram para traz uma condição de vida estável a fim de fugirem das tensões sociais, políticas e econômicas que assolavam a Alemanha e que culminariam num novo conflito mundial.⁶⁴ Um dos membros desta família era Ruth Scholz, nascida em 08 de agosto de 1908, na cidade de Marburg. Alice Mendonça, sua filha, recorda:

A mãe já ia entrar para medicina quando veio para cá, com 18 para 19 anos.

Ela veio porque meu avô quis emigrar com a família. Ele já tinha estado aqui antes e achava que era uma boa terra, boa para morar, um país bom, livre.

Lá ele era funcionário de estradas de ferro e se aposentou lá. Ele também era veterinário. Ele veio para o Brasil porque

⁶³ Maria Luiza Suiter Aquino. Entrevista citada.

⁶⁴ Alice Mendonça. Entrevista citada.

*achou que tinha mais chances. Eles chegaram aqui e logo em seguida se divorciaram.*⁶⁵

Aquela viagem traria rumos totalmente inesperados para aquela jovem que contava com dezenove anos. Durante a travessia do Atlântico, Ruth Scholz conheceu João Mário Mendonça, um jovem português de Orleães, em Algarde, pelo qual se apaixonou. Cinco meses após terem firmado seus pés em terras brasileiras, o jovem casal selou suas vidas com o compromisso do matrimônio. Juntos começaram uma vida marcada por muitas lutas. O casamento não recebeu o apoio da família de Mário, sobretudo de seu irmão, que já morava no Brasil e que tinha planos para a sua chegada. Alice afirma:

*Meu pai rompeu com toda a sua família. Imagine casar com uma imigrantezinha alemã!
Naqueles tempos, os casamentos eram meio arrumados.
A família do meu tio já tinha arrumado uma noiva para o meu pai. Mas ele conheceu minha mãe na viagem, se apaixonou por ela e não quis a outra noiva, que eles tinham arrumado.
O meu pai era um português muito durão. Depois que ele dizia que pau era pedra, era pedra mesmo. Então rompeu com a família e nunca voltou a procurar o irmão.*⁶⁶

A trajetória de vida desta família, que aparentemente gozava de boa condição social e econômica na Europa, tomou novos rumos no Brasil. Mário Mendonça trabalhava como motorista do Batalhão do Jaraguá do Sul. Por volta do ano de 1935, ele foi transferido para

⁶⁵ Alice Mendonça. Entrevista citada.

⁶⁶ Alice Mendonça. Entrevista citada.

o Batalhão de Lages e⁶⁷, mais uma vez, parentes e amigos ficaram para trás. O processo migratório foi um projeto familiar que evolvia apenas o casal e os filhos:

Ele veio na frente. Veio encontrar casa para morar. Depois foi nos buscar.

Nós moramos, logo que chegamos, em Lages, no centro. Existe a casa até hoje. Fica perto do terminal urbano. É uma casa baixinha, pequenina, ao lado da firma do Zago. Logo em seguida, nós passamos a morar numa casa que não existe mais naquela rua que desce do atual Correio. Tinha uma casa longa ali. Durante muitos anos vivemos em casa alugada. Casa própria nós só tivemos apenas esta aqui no bairro popular de Lages.⁶⁸

Nos primeiros tempos a adaptação foi difícil. Alice recorda: *nós éramos uma ilhazinha!*⁶⁹ Uma vez superados os transtornos com a mudança, a família adaptou-se à nova cidade. Ruth, a mãe, por uma casualidade começou a trabalhar como professora e só se afastou do ofício em dois momentos: primeiro, por ocasião da II Guerra Mundial, quando professores estrangeiros, sobretudo alemães, foram impedidos de exercer a ofício e, segundo, por ocasião de sua aposentadoria:

Minha mãe começou a trabalhar dando aulas particulares de latim. O meu irmão mais velho fazia o ginásio e acompanhava os estudos de um figurão aí! Mas ele não sabia latim, porque não tinha estudado latim. Então o meu irmão disse: Mãe dá aula de latim para o fulano? Daí ela deu aulas particulares de latim para o fulano. Depois veio mais um coleguinha do fulano, daí veio mais outro, mais outro e mais outro.

⁶⁷ Alice Mendonça. Entrevista citada.

⁶⁸ Alice Mendonça. Entrevista citada.

⁶⁹ Alice Mendonça. Entrevista citada.

Depois, eu e minha amiga saímos do complementar e entramos na escola normal. Nós saímos do segundo grau lá e entramos no segundo grau aqui. Nós não tivemos latim no primeiro ano. Então, a mãe, durante as férias, nos preparou no latim, para a gente poder acompanhar no segundo ano o latim, em casa.

Dali para frente começaram a aparecer alunos. Então ela dava aula de francês, de latim, de matemática e de inglês.⁷⁰

As lembranças das pessoas entrevistadas recuperaram o relato de algumas experiências de vida de alemães que imigraram para Lages durante as primeiras décadas do século XX. Detalhes, emoções, ódios e paixões transparecem no brilho dos olhos, em gestos e expressões que transmitem alegrias e tristezas. *A história oral permite articular o passado no presente, faz com que o entrevistado volte à sua origem e busque os princípios da sua identidade.⁷¹*

As memórias de imigrantes frequentemente envolvem os relatos de uma trajetória familiar, onde pessoas queridas, por vezes, foram deixadas para trás. Quem migra não traz consigo tudo o que gostaria e uma das poucas coisas que carrega do lugar de onde veio é a saudade que alimenta a lembrança do que ficou e de um tempo que só será revivido na memória. De tanto falar no passado, os seus filhos e netos incorporam a sua saudade e internalizam as experiências relatadas como se, de fato, também tivessem participado delas. Deste modo, particularidades da sua trajetória de vida e de seus antepassados podem ser consideradas e analisadas.

⁷⁰ Alice Mendonça. Entrevista citada.

⁷¹ LUCENA, Célia Toledo. Memória de famílias migrantes: imagens do lugar de origem. In.: *Projeto História*, São Paulo, nº 17, p. 400.

A diversidade dos relatos orais e escritos aponta para a heterogeneidade das histórias de vidas dos imigrantes alemães e seus descendentes que se estabeleceram em Lages. Eles não imigraram por aventura. A imigração se apresentou como uma possibilidade diante dos conflitos gerados pelas crises econômicas, sociais e políticas que convulsionavam o seu país de origem. Uma vez estabelecidos no Brasil, alguns prosperaram, enquanto que outros, diante de novas crises econômicas, buscaram novos lugares para se estabelecer.

Após terem se estabelecido em Lages, somaram-se a este quadro de problemas os conflitos sociais que travaram com a sociedade lageana em decorrência das diferentes visões de mundo que possuíam e o modo como interpretavam o universo social. No entanto, estabeleceram também alianças e negociações. Esta relação de avanços e recuos expressa, de algum modo, as especificidades das suas vivências, como se verificará nos próximos capítulos onde direcionamos o olhar sobre os trabalhadores urbanos.

Capítulo III

Tensões e conflitos

O estudo das trajetórias dos alemães e seus descendentes que se fixaram em Lages no período estudado, transcorre por processos dinâmicos e instáveis nas suas relações sociais, ao mesmo tempo em que revela detalhes dos seus modos de vida, suas práticas cotidianas e visão de mundo.

Os relatos orais destes indivíduos dialogam - ora confirmando, ora contradizendo - com os relatos escritos contidos em memórias, artigos e anúncios de jornais, documentos e relatórios oficiais. As concordâncias e discordâncias deste diálogo tecem aspectos da sua trajetória permeada por relações de tensões e conflitos, negociações e alianças dentro da sociedade lageana. Ao longo deste capítulo serão investigadas as relações conflituosas que foram vivenciadas pelas famílias de alemães que ali se estabeleceram.

Inicialmente, há que se considerar que quando ali chegaram os primeiros alemães, a sociedade lageana vivia profundas relações de tensões e conflitos com as populações indígenas do planalto catarinense. Estes conflitos datavam desde os primeiros anos da ocupação vicentista nas terras habitadas pelos *Xokleng* e os *Kaigang*.¹ Estas duas nações

¹ *Xokleng* e *Kaigang* viviam numa região que engloba a Serra Geral, entre o Estado do Paraná e Rio Grande do Sul.

indígenas ocupavam a região que atualmente é compreendida como planalto dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Como nômades, eles viviam numa freqüente caminhada pela região, caçando e colhendo frutos para a sua subsistência. O pinhão, fruto que se encontrava com abundância em toda aquela região, era a sua base alimentar.²

O projeto colonizador, implementado pela Coroa Portuguesa aos campos do Sul, veio a esbarrar nos meios de vida e na própria subsistência daquelas populações indígenas, fomentando conflitos entre as duas partes. Uma vez fundada a vila de Lages, Vidal Ramos afirma que:

Para diminuir os perigos das emboscadas dos indígenas, nos matos do rio Caraá, Correia Pinto mandou represar um pequeno córrego que ficava nos fundos dos quintais de um lado da rua que tem hoje o seu nome, formando um grande tanque, para lavar roupas.³

Segundo Silvio Coelho, estes conflitos eram a expressão da disputa por territórios nos quais os índios e os colonizadores tinham interesse.⁴ Nesta disputa pelo domínio da terra, o poder de extermínio da pólvora se sobrepôs ao da flecha. Paulatinamente, os índios foram empurrados para a borda do planalto e daí para a floresta que cobria as encostas e

² SANTOS, Silvio Coelho dos. *Índios e brancos no sul do Brasil; a dramática experiência dos Xokleng*. Porto Alegre, Movimento; Brasília, Minc / Pró-Memória/ INL, 1987, p. 64.

³ VIDAL, Ramos. *Notas para a história da fundação de Lages (1766-1783)*. Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Florianópolis: Vol. XII, 1º Semestre, 1944, p. 24.

⁴ SANTOS. Op. cit. p. 64.

*vales*⁵ até serem aldeados, na segunda década do século XX, no posto Duque de Caxias, atual município de Ibirama.⁶

Relatos contidos em documentos e em memórias escritos testemunham sobre o modo como os alemães que viviam em Lages participaram deste conflito. Os escritos do médico alemão Robert Avé-Lallemant dão as primeiras pistas para se tratar deste assunto. Esses escritos são memórias das viagens que realizou na Província de Santa Catarina, durante as quais ele excursionou à vila de Lages em torno de 1858.

Quando Avé-Lallemant já estava de partida em direção a Desterro/Florianópolis, avistou *na orla da mata, uma cruz*. O costume de fincar cruzes ao longo da estrada era usado para recordar o local da morte, geralmente trágica, de homens e mulheres, adultos e crianças. Neste caso, especificamente, a referida cruz sinalizava o lugar da chacina que vitimou a família de *André Goss*,⁷ ex-granadeiro do exército de estrangeiros de D. Pedro I, residente em Lages desde a primeira metade do século XIX.⁸ O articulista comenta o ocorrido:

Aqui foram assassinadas pelos bugres, em pleno dia, a senhora e a cunhada de um alemão com quem em Lages falei muitas vezes. O homem pouco antes quebrara a perna e não podia socorrer as senhoras. Quando, de muleta, tentou arrastar-se para o lugar onde se dera a cena brutal, os

⁵ Ibidem. p 38.

⁶ PELUSO JÚNIOR, Victor Antônio. *Estudos da geografia urbana de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1991, p. 52.

⁷ LEMOS, Juvencio Saldanha. *Os mercenários do Imperador. A primeira corrente imigratória alemã no Brasil (1824-1830)*. Palmarina: Porto Alegre, 1993, p. 436.

⁸ AVÉ-LALLEMANT, Robert, (1812-1884). *Viagens pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia: São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980, p. 87.

*botocudos fugiram para o mato. O homem, André Goss, vive desde então em Lages e tornou a casar-se.*⁹

Esta chacina se deu na Estrada Geral que ligava Lages a Desterro/Florianópolis, e figura entre outros confrontos que aconteceram. Em virtude dos enfrentamentos entre a sociedade lageana e as populações indígenas, ocorridos ao longo da referida estrada, o delegado de polícia da comarca de Lages, Guilherme Ricken, escreveu ao Presidente da Província, João José Coutinho, o seguinte:

*É, porém preciso que com vagar se dê providências mais enérgicas para afugentar de uma vez estes Índios, aliás se tornará em pouco tempo de vez intransitável aquela estrada.*¹⁰

Tal pleito continha o relato de uma outra chacina ocorrida, em 1853, na mesma estrada onde alguns anos antes havia se dado a morte dos familiares de André Goss. A mortandade vitimou nove pessoas da família Miranda e ocorreu há aproximadamente três quilômetros da sede do atual município de Bocaina do Sul. Para averiguar os fatos, foi montado um processo onde Lourenço Waltrick testemunhou que *vinha de Santa Catarina [Florianópolis] com tropas de cargueiros, quando se deu o fato; e que viu muitos rastros de bugres no Areião e Rio Bonito*¹¹. A tragédia também contou com o

⁹ Ibidem. p. 87.

¹⁰ Ofício do Delegado de Polícia de Lages, Guilherme Ricken, para o Presidente da Província de Santa Catarina João José Coutinho, de 1853.

¹¹ COSTA, Otacílio. Lages de outrora. IN.: *Guia Serrano*. Lages, 24 de setembro de 1944. Acervo particular gentilmente cedido por Licurgo Costa.

testemunho de Lúcio Ferreira de Andrade, Ignácio Cavalheiro, ambos naturais de São Paulo.

Observa-se que o termo bugre era uma expressão pejorativa, usada para se referir aos índios existentes na região. Do termo surgiu a expressão bugreiro para definir a função exercida por homens que eram muitas vezes contratados pelos fazendeiros para exterminar as populações indígenas. Os bugreiros entravam na mata, localizavam os acampamentos indígenas e, na calada da noite, matavam impiedosamente todos os que encontravam pela frente, deixando com vida apenas as crianças e mulheres, que eram levadas para as fazendas.¹²

Somadas aos conflitos com as populações indígenas, a sociedade lageana também vivenciou muitas tensões internas que, por vezes, envolveram as vidas dos alemães que se estabeleceram em Lages.

Além das populações indígenas, os campos de Lages também eram habitados por luso-brasileiros que comprovadamente chegaram à região antes da chegada de Correia Pinto. A esta população de indivíduos sem muitos direitos instituídos juntou-se uma outra, formada por cerca de quatrocentos escravos e agregados que acompanhavam alguns poucos fazendeiros que seguiam Antônio Correia Pinto de Macedo na missão de fundador da vila.¹³

Assim sendo, pode-se considerar que a sociedade lageana nasceu dividida em

¹² PELUSO JÚNIOR, Op. Cit. p. 55

¹³ Ibidem. p. 43.

dois grupos: um pequeno número de famílias ricas, que detinha o poder sobre a terra e um grande número de homens e mulheres pobres, vivendo na condição de escravos, peões e agregados. Estes fazendeiros, em conjunto com alguns outros que chegaram durante os primeiros anos da ocupação dos campos de Lages, se tornaram poderosos, vindo a concentrar e deter o poder e terras em suas mãos. Segundo Vidal Ramos:

*Grandes famílias procedentes dos centros mais civilizados do Brasil colonial, [que] predominaram, como era de se esperar, na formação do núcleo de população que se irradiou pelos vastíssimos campos do planalto catarinense.*¹⁴

Estas *grandes famílias* receberam terras através de concessões ou de sesmarias, sistema de doação de áreas incultas destinadas à criação de gado. Esse sistema perdurou até 1822. Depois vieram a Lei de Terra de 1850 e o Regulamento de 1854¹⁵, instrumentos legais que em Lages foram usados para legitimar antigas posses, legalizar compras feitas de antigos sesmeiros ou concessionários, ou ainda para ampliação do patrimônio de homens que já eram fazendeiros. O Governo Imperial Brasileiro sancionou sobre terras devolutas, sesmarias, posses e áreas destinadas à colonização através da Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850. Esta legislação, que ficou conhecida como Lei de Terras de 1850,

Dispõe sobre as terras devolutas no Império, acerca das que são possuídas por títulos de sesmaria sem preenchimento das condições legais, bem como por simples títulos de posses

¹⁴ VIDAL. Op. Cit. p. 44.

¹⁵ COSTA, Otacílio. Lages de Outrora. In.: *Guia Serrano*: Lages, 13 de junho de 1943. Acervo particular de Licurgo Costa.

*mansas e pacificas: determina que, medidas e demarcadas as primeiras, sejam elas cedidas a título oneroso, assim para empresas particulares, como para o estabelecimento de colônias nacionais e de estrangeiros, autorizado o Governo a promover a colonização estrangeira na forma que se declara.*¹⁶

Por ocasião desta legislação, o vigário era o responsável pela demarcação de lotes de terras no território de suas paróquias haja vista que a Igreja acumulava algumas funções do Estado, como uma herança do *regalismo português*.¹⁷ Assim sendo, sesmeiros, posseiros, concessionários e proprietários que não tinham registros legais compareceram a presença do Padre Antônio Esteves de Carvalho, Vigário da Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres de Lages, para legalizarem suas terras. Estes registros se encontram nos Livros de Registros de Vigários da Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres de Lages, de número 8, referentes aos anos de 1850 a 1857. Esta documentação contém 513 registros de legitimação de terras, sendo que destes 19 pertenciam aos seguintes alemães: André Goos, Leonardo Thibes, Adam Get[?]em, Lourenço Waltrick, Antônio Waltrick, Antônio Mathias, Jorge Schumacher, Jorge Trueter, Nicolau B[?]g[?] e Jacob Thibes. Observa-se que alguns concessionários possuíam vários registros referentes a propriedades situadas em lugares distintos, inclusive entre as famílias alemãs, como é o caso de Lourenço Waltrick, Antônio Waltrick, Leonardo Thibes e Jorge Trueter.¹⁸

¹⁶ Coleção das Leis do Império do Brasil de 1850. Tomo XI, Parte I, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1885, p. 233-7.

¹⁷ *O processo de colonização do Brasil pelos portugueses foi, desde o início o século XVI, marcado pela expansão da fé católica pelo Novo Mundo, reafirmando a tradição Ibérica de identificação da autoridade secular (o Rei) com a autoridade divina (Deus). A partir desta premissa, consolidou-se no catolicismo romano em Portugal uma tradição de independência em relação à Santa Sé no que diz respeito às decisões eclesásticas, o que foi caracterizado como regalismo português.* In.: VOIGT. Op. cit. p. 14.

¹⁸ Livro de Registro de Vigário nº 8, 1850/57, p. 5, 21, 23, 37, 38, 41, 77, 78, 80, 100, 108, 111, 122, 123.

Desde então, até pelo menos o final da década de 1920, as famílias mais antigas de Lages detiveram o poder e o controle das terras em suas mãos através de uma relação de parentesco e um *absurdo sistema de heranças*, segundo o Cônsul Dittmar, que visitou Lages em 1929, quando teve oportunidade de constatar a situação.¹⁹ Tal sistema de heranças previa uniões matrimoniais entre os filhos da elite. Estes casamentos permitiam a união de fortunas através da uniões de famílias ricas e poderosas que detinham o domínio da terra nos campos de Lages. Portanto, este sistema dificultava substancialmente o acesso a propriedade por parte das camadas populares.

A maior parte da população não era possuidora de terras. Tais homens e mulheres viviam como peões ou agregados dos fazendeiros. Suas relações nem sempre eram pacíficas.²⁰ Mortes brutais, problemas com quadrilhas de salteadores, que atacavam as fazendas roubando gado e outros pertences, além dos conchavos entre os ditos criminosos e os soldados auxiliares e ordenanças - estes formados por pessoas com péssimas condições de vida e que eram muitas vezes obrigados a exercer tal função - sinalizaram para as profundas diferenças sociais e econômicas existentes entre pessoas que viviam lado a lado diariamente.²¹

Os atentados contra as vidas de fazendeiros lageanos levou muitos a construírem

¹⁹ Dienstreire des Konsuls Dr. Dittmar in Florianópolisüber das Hochland des Staats Santa Catarina in das tal Rio do Peixe (1929) Bundesarchiv Berlin, R.57/474-29. Tradução do Prof. Dr. Valberto Dirksen.

²⁰ COSTA, Licurgo Ramos. *O continente das Lagens – sua história e influência no sertão de terra firma*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982, p. 78-9 e 101.

²¹ SERPA, Élio Cantalício. Os indômitos povos de que ella a Villa de Lagens se compõe pela maior parte. In. *Revista Catarinense de História*. Nº 2, 1994, p. 16-23.

dormitórios próprios que lhes oferecessem segurança enquanto dormiam. Licurgo Costa recorda:

Os quartos, via de regra, eram internos – as alcovas – sem janelas para o exterior, preocupação decorrente do receio de ataques por parte de escravos, desafetos ou assaltantes.²²

Os alemães que chegaram em Lages não estiveram isentos das tensões que convulsionavam aquela sociedade. Contudo, o levantamento desta problemática fica prejudicado pelo desaparecimento dos documentos criminais da Comarca de Lages, referentes ao século XIX. Ainda assim, é possível perceber as marcas destes conflitos na coleção de processos cíveis depositados no Museu do Judiciário Catarinense, referente ao mesmo período mesmo não sendo possível averiguar os motivos e circunstâncias em que estas mortes aconteceram. Esta documentação guarda a memória dos assassinatos de Cristiano Küster, em 1º de outubro de 1893, e seus filhos, José Maria Küster de Camargo, de cinco anos de idade, e Clodomira Küster Camargo²³, ambos mortos em 4 de fevereiro de 1895. Observa-se que se tratava de uma família empobrecida, que possuía um rancho muito estragado, coberto com tábuas, em uma pequena parte de terra lavradia, na Serra do Cerrito, em meio a uma comunidade cabocla.²⁴ Não restaram registros sobre as tensões que ocasionaram estas mortes. Contudo, pode-se levantar a hipótese de que as disputas pela

²² COSTA. Op. cit. p. 442

²³ Na documentação pesquisada não há referências à idade de Clodomira, contudo supõe-se que esta era adulta devido ao fato de ser casada com José Nogueira.

²⁴ Inventário Pobre (1895) Christiano Küster. Cx. M8, p. 2 e 3.

ocupação da terra naquela região foram pontos de atritos entre a população local e as famílias de alemães que chegaram, sobretudo, a partir da metade do século XIX.

Um outro inventário da mesma natureza sinaliza para uma outra história de vida, marcada pelos desajustes econômicos. Bernardino Luiz Wolff faleceu em 24 de maio de 1894, deixando órfão um filho de um ano e cinco meses de idade e uma dívida ativa de duzentos mil reis ao Tenente Coronel José Antunes Lima. Sua esposa, Emilia Xavier Leite, por ocasião da montagem do processo de *Inventário Pobre*, sugeriu ao escrivão, Felipe Nicolau Góss, que tal quantia fosse retirada da partilha dos bens do casal, que se compunha de: 8 vacas solteiras, 6 ditas com crias, 5 novilhas de 2 anos, 6 terneiros de ano, 3 cavalos mansos e 1 égua mansa.²⁵

O *Auto de Declaração* de bens feito por Maria Francisca Paes de Faria também aponta para uma história de vida marcada pelas dificuldades econômicas vivenciadas na cidade de Lages. Guilherme Siebert de Amaral, ao morrer, em abril de 1892, deixou sua família em condições de miserabilidade. Na ocasião, Maria Francisca, sua esposa, entregou Maria Clara, sua filha mais velha, com nove anos de idade, a Júlio Augusto da Costa, Manoel, com sete, a Antônio Florêncio dos Santos, e Eduardo, com seis, a Manoel Ignácio Luiz. A viúva entregou os seus três filhos aos referidos tutores, declarando entender que eles teriam melhores condições de sustentá-los.

Outros documentos apontam para a diversidade das trajetórias de vidas destes alemães nos campos de Lages. Os processos de inventários, considerados convencionais, recebiam a denominação apenas de *Inventário*. Entre estes se encontra o *Inventário* de

²⁵ *Inventário Pobre* (1895) Bernardino Luiz Wolff: falecido, Emilia Xavier Leite: Viúva/ intentariante. Cx. M8, p. 2 e 3.

Frederico Straubel, no qual a família declarou ser possuidora de uma máquina de costura para sapateiro, um relógio de parede, uma casa destinada à moradia, coberta com tabuinhas bem velhas, além de duas partes de campos e matos, situadas no distrito de Painei.²⁶

O *Inventário Amigável*, feito após a morte de Maria Cristina Lohre Schumacher, aponta para uma realidade econômica aparentemente estável e pouco comum a famílias de alemães nos campos de Lages, durante o século XIX. Nesta ocasião, a família Schumacher era possuidora de campos e matos nas Pedras Brancas, onde havia uma *casinha, quintal, lavoura, mangueira, ramada, curtume, arvoredos e mais benfeitorias, e inclusive todos os móveis, acharam valer tudo a quantia de três contos de reis.*²⁷ Jorge Schumacher e sua esposa, Maria Cristina, também tinham 20 mulas e cavalos, além de campos e matos no quarteirão dos Índios.²⁸ As terras desta família haviam sido legitimadas em 19 de abril 1856²⁹, por ocasião dos efeitos da Lei de Terras de 1850.

A situação econômica e social destes indivíduos foi implementada pelos conflitos culturais decorrentes das diferentes visões de mundo que encontraram na sociedade lageana. As memórias de Catarina Deschamps Steffen registradas numa carta escrita à sua neta Bila, na qual descreve sua primeira viagem a Lages durante o fim do século XIX,

²⁶ Inventário (1896) Frederico Straubel: falecido. Cx. M7, p. 2 e 3.

²⁷ Inventário Amigável (1896) Maria Christina Lohre Schumacher: falecida, Jorge Schumacher e nove filhos: herdeiros. Cx. 7/8.

²⁸ Inventário Amigável (1896) Maria Christina Lohre Schumacher: falecida, Jorge Schumacher e nove filhos: herdeiros. Cx. 7/8.

²⁹ Livro de Registros de Vigários, nº 8, 1850-1857, p. 80.

remetem a estas diferentes visões de mundo. Catarina era moradora de São Pedro de Alcântara e, no início do século XX, migrou para Lages com seu marido e filhos:

Saimos de casa a 18 de dezembro, julgando estar em Lages pelo Natal. Naquele tempo gastava-se 6 dias a cavalo, em bom tempo; nós gastamos 15. Chegados a um lugar chamado "Tanque" pelo Figueiredo, pousamos num rancho onde dormiam ... pulgas e ronqueira de porcos durante tôda a noite. Começou a chover torrencialmente durante dois dias. No 3º dia iniciamos a viagem até Canoas. Lá chegados, o rio estava tão cheio que não havia meio de transpô-lo; nada de balsa ou ponte, o rio sempre crescendo. Altas arvores a beira do rio, só apareciam os galhos. Ali paramos quatro dias, inclusive o Natal, em um rancho de porcos, onde haviam tantas pulgas como nunca vi durante toda a minha vida! Cozinhávamos no chão.³⁰

Catarina Deschamps Steffen narra sobre a hospitalidade por ela encontrada numa estância da Serra, a qual lhe causou profunda estranheza dado que o universo das suas experiências de vida estava limitado a práticas e costumes vivenciados na colônia alemã de São Pedro de Alcântara:

Na 1ª noite nada dormimos. Havia uma casa vizinha, ali nos queixamos, compadeceram-se da situação, nos ofereceram camas, conforme as possuíam, não como as nossas em S. Pedro! À noite, antes de entrar na cama, despi a camisa, deixando cair no chão não forrado de madeira, e vestia-se a limpa para poder descansar. As camas feitas no chão eram forradas de galhos de árvores, estendendo-se por cima baixeiro (enxerga colchão simples) e

³⁰ Carta de Catharina Deschamps Steffen para neta Emília (Bila) em 1944. O texto foi traduzido por Atilia Viera da Rosa. Fonte gentilmente cedida por Iza Viera da Rosa Grizard, em entrevista realizada em 17 de dezembro de 1998, em Florianópolis.

pelegos e depois um lençol . Esse, nas dobras que faziam eram pretas de pulgas.³¹

A tradição oral guardou um outro relato referente aos encontros e desencontros entre o alemão José Suiter com tropeiros lageanos, no início do século XX, no porto de Florianópolis. João Suiter³², seu filho, conta que seu pai emigrou da Alemanha para a Argentina, onde trabalhou alguns anos como técnico industrial. Posteriormente, migrou para o Brasil, aportando em Florianópolis. Logo que chegou, presenciou a seguinte cena:

O comprador, para concluir o negócio, pediu um recibo e o tropeiro tirou um fio de seu bigode dizendo: Toma, este é o meu recibo.³³

O jovem operário alemão, José Suiter, interpretou os termos da negociação como um sinal de probidade e honradez entre o comprador e o vendedor. Suas conclusões tinham como base as regras de um mundo capitalista, de onde ele próprio originava. Lealdade e honestidade foram traduzidas como expressões sinônimas e, com base nisto, decidiu que iria viver em Lages. Seu filho recorda:

Meu pai pensou: Se um fio de bigode vale um recibo, ele [o tropeiro] deve vir de uma terra de gente muito honesta.³⁴

³¹ Ibidem (grifos meus)

³² Maria Luiza Suiter Aquino. Entrevista citada.

³³ *Correio de Lages*, Lages, 25 de outubro de 1997, p. 10.

³⁴ *Correio de Lages*, Lages, 25 de outubro de 1997, p. 10.

No entanto, os negócios feitos no fio do bigode não pressupunham, necessariamente, honestidade. Os termos desta negociação pressupunham uma lealdade³⁵, mantida por uma questão de honra entre as partes. A quebra do termo poderia custar a própria vida daquele que desonrou o contrato.

Conflitos sociais decorrentes de diferentes visões de mundo também foram relatados por Waltrud Hoechel que recorda sobre os modos de sua mãe que, por vezes, causaram estranheza nas vias de Lages:

*Na rua, a mamãe falava com todo mundo e naquele tempo mulher nenhuma falava com nenhum outro homem que não fosse seu marido. Mas a mamãe conversava com os amigos do meu pai que encontrava na rua.*³⁶

O modo de ser de sua mãe nem sempre foi aceito e compreendido por sua família e, particularmente, por seu marido, que não se relacionava bem com os comentários e olhares reprovadores:

*O meu pai às vezes ralhava com ela. Ele dizia: “Você é expansiva demais, você pensa que está em Berlim! Você está aqui, numa cidadezinha do interior!”*³⁷

Segundo a filha, a mãe *tinha idéias bastante avançadas para aquela época*.³⁸ No entanto, o que se configura são as tensões, conflitos e embates entre pessoas que portavam

³⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 38.

³⁶ Waltrud Hoechel Marques. Entrevista citada.

³⁷ Waltrud Hoechel Marques. Entrevista citada.

³⁸ Waltrud Hoechel Marques. Entrevista citada.

universos culturais distintos, onde os mesmos gestos ou comportamento eram lidos e interpretados de formas diversas. Se para Maria Brandes Hoechel, mãe de Waltrud, cumprimentar e conversar com os conhecidos do seu marido na rua era um ato normal, para muitos homens e mulheres da sociedade lageana, tal ato era, muitas vezes, motivo de escândalo. Maria era natural de Blumenau e havia estudado em Berlim, onde tomou contato com uma sociedade liberal, diferente de Lages.

Segundo Licurgo Costa, no princípio do século XX o lageano tinha um *ar severo*, *quase irado*³⁹ e, por vezes, estranhava quem se comportasse de diferente modo, apresentando uma expressão descontraída e sorridente na rua. Sobre isto comenta que:

Havia em Lages uma eminente família que o destino político fez mudar-se para Florianópolis e depois para o Rio, e que reaparecia pelo seu velho burgo, com frequência mas, sobretudo nos tempos de eleição. Nosso pai, que era um lageano típico e homem de lúcida inteligência, boa cultura humanística e razoável senso de humor, disse-nos um dia, ao voltar a casa, depois de encontrar um deles na Rua: 'Essa gente mudou muito, e para pior. Cumprimenta os outros rindo'.⁴⁰

Algumas fotos de mulheres lageanas do mesmo período confirmam a rudeza e austeridade, conferindo-lhes uma fisionomia quase masculina. Tal postura se relaciona com os códigos de sociabilidade vigentes para os lageanos, mas que nem sempre eram cumpridos, como observa Licurgo Costa:

³⁹ COSTA, Op. Cit. p. 534.

⁴⁰ Ibidem. p. 534-5, (os grifos são meus)

*Uma tia nossa, bonita, moça, simpática, alegre, tirou uma fotografia, no famoso 'retratista' porto-alegrense, Caligari. O fotógrafo apanhou-a quando esboçava um sorriso, por certo belíssimo. Um primor da arte fotográfica.*⁴¹

O sistema normativo da sociedade lageana, por mais estruturado que fosse, não eliminou as possibilidades de escolhas conscientes da jovem senhora. No entanto, sua postura entrou em conflito com os valores da coletividade local:

*Pois quando o Caligari mandou entregar a encomenda, o marido sumariamente a confiscou porque 'era uma vergonha que uma mulher séria tirasse retrato sorrindo'. O fato foi muito comentado, ou melhor, cochichado na família toda, e ninguém ousava dizer que o meu tio enérgico estava errado.*⁴²

As memórias das experiências que envolveram as posturas e condutas destas duas mulheres, uma luso-brasileira e a outra teuto-brasileira, remetem às tensões e conflitos sociais que envolveram as questões de gênero em Lages, o que sem dúvida merece um estudo específico futuramente.

As relações de tensões e conflitos abordadas até aqui adquiriram uma significação ainda maior, ao meu ver, no universo da religiosidade que alemães e seus familiares encontraram em Lages. Início, pois, considerando que até onde se pode averiguar, os alemães e seus descendentes que se fixaram em Lages eram católicos e luteranos, sendo que alguns destes últimos, por falta de ministração de sua igreja, migraram para a Igreja Presbiteriana como se verificará. Afirma Licurgo Costa:

⁴¹ Ibidem. p. 535.

⁴² Ibidem. p. 535

*Entre os imigrantes alemães que se estabeleceram em Lages no último quarto do século passado, alguns eram filiados a Igreja Luterana, mas a ausência de pastores desta confissão levou a maioria a afastar-se dela.*⁴³

No entanto, evangélico-luteranos, na maioria alemães, chegaram em Lages bem antes do fim do século XIX. Em 1866, foi realizado um recenseamento nesta cidade, que era composta até o momento das paróquias de Nossa Senhora dos Prazeres, São João de Campos Novos, Nossa Senhora do Patrocínio dos Bagaes e Nossa Senhora da Conceição de Curitiba. Este levantamento verificou a existência de uma população de 9356 pessoas, que estavam divididas em 9117 católicos e 239 não católicos. É possível que estes últimos fossem evangélicos-luteranos, já que havia 260 estrangeiros vivendo na região investigada e os imigrantes africanos não eram computados.⁴⁴ Três anos mais tarde:

*Em 11 de abril de 1869, Frederico Kelem, Carlos Schmites, Frederico Enesco, João Rünenster e Artur Roepling, requereram à Câmara 30 palmos de terras, junto ao cemitério Público, para fazerem o deles, visto que sendo protestantes, não poderiam ser enterrados no Cemitério Municipal. A Câmara concedeu.*⁴⁵ (sic.)

Até então, os cemitérios eram administrados pela Igreja, que acumulava funções do Estado. Através da união da Igreja Católica Apostólica Romana ao Império do Brasil, os

⁴³ COSTA, Op. Cit. p.421

⁴⁴ Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de Santa Catarina, na sessão ordinária, pelo Presidente Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque, no ano de 1867, Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1867.

⁴⁵ COSTA, Op. Cit. p. 788

registros religiosos de batismo, casamento e óbito, acumulavam funções civis e eram administrados única e exclusivamente pelos vigários, representantes da Igreja Católica nas mais distantes localidades brasileiras. Esta era mais uma das heranças do *regalismo português*.⁴⁶

Após 1861, os registros religiosos da Igreja Luterana passaram a ter efeitos civis. No entanto, esta Igreja não assistia todos os seus fiéis residentes no Brasil, em virtude de que estes foram migrando numa velocidade que a mesma não acompanhava. Este foi o caso de Lages, onde a Igreja Luterana se estabeleceu quase um século após a chegada dos seus primeiros fiéis.

Hilma Holler recorda que, na década de 50, seu pai, Erich Max Holler, levava de Jipe, o pastor da paróquia de Barracão, atualmente Alfredo Wagner, até Lages para ministrar cultos, uma vez por mês, mais ou menos. Nesta mesma década se deu o início da construção de uma igreja de madeira e fixação de um pastor para atender a comunidade local. Nesta ocasião, algumas famílias de luteranos, que congregavam na Igreja Presbiteriana desde o início do século XX, retornaram para a Igreja Luterana.⁴⁷ A construção da atual Igreja Luterana de Lages foi realizada na década de 70, no local onde anteriormente se situava o antigo templo, que foi demolido.⁴⁸ No entanto, há que se

⁴⁶ VOIGT, André Fabiano. *Imigrantes entre a cruz e a espada: imigração alemã, confissão religiosa e cidadania no Vale do Itajaí (1847-1863)*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 1999, p. 17.

⁴⁷ Documentação da Sociedade Auxiliadora Feminina da Igreja Presbiteriana de Lages, década de 1930, e Registros retroativos de batismo da Igreja Luterana de Lages, década de 1950.

⁴⁸ Hilma Holler. Nascida em Alfredo Wagner em 1934. Entrevista realizada em Lages, em 27 de fevereiro de 1998.

considerar que o trabalho de pastores luteranos em Lages iniciou antes da década de 1950. Segundo a entrevistada, após 1930, os luteranos residentes em Lages começaram a receber visitas pastorais,⁴⁹ durante as quais alguns integrantes das famílias Sell, Rambusch e Scholz foram batizados.⁵⁰

Imigrantes alemães católicos vivenciavam um *catolicismo ultramontano*⁵¹ e neste sentido também encontraram dificuldades na manutenção das suas práticas religiosas em Lages haja vista que:

*Tratava-se de um mundo cristão e católico diferente do modelo instaurado, no século XVI, pelo Concílio de Trento e, a partir de 1815, no período da Restauração, modelado pela maneira de entender e de ser católico que se desenvolveu, especialmente, na Itália, na França e em certas regiões da Alemanha: o catolicismo ultramontano.*⁵²

Na região do Planalto Catarinense, durante o século XIX e início do XX, a população mesclava crenças africanas e indígenas a ritos de um catolicismo de tradição medieval ibérica, com suas procissões e benzeduras.⁵³ Curandeiros, benzedores, mandraqueiras, puxadores de reza, adivinhas, penitentes e capelães leigos, muitas vezes se

⁴⁹ Hilma Holler. Entrevista citada.

⁵⁰ Registros retroativos de batismo da Igreja Luterana de Lages, década de 1950.

⁵¹ O *catolicismo ultramontano* foi à tendência da Igreja em afirmar os princípios hierárquicos da política organizacional burocrática fortemente centralizada, autoritária e que relegava aos leigos, papel secundário em assuntos de cunho religioso, constituindo-se em alvo de críticas por parte de setores anticlericalistas, notadamente de liberais, que fazem referência a 'padres ultramontanos' assumindo conotação de estrangeirismo cultural. In: 53 In.: SERPA, Élio Catalício. *Igreja, elites dirigentes e catolicismo popular em Desterro/Florianópolis, Laguna e Lages – 1889-1920*. São Paulo: USP, Tese de Doutorado, 1993, p. 10-11.

⁵² SERPA, Élio Catalício. *Igreja e Poder em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 10

⁵³ SERPA. (1993). p. 41-55.

apresentavam como única alternativa para sanar as dificuldades e carências do meio em que viviam, através de práticas mágico-medicinais.⁵⁴

Esta religiosidade era acompanhada de muitas festas, onde o sagrado e o profano se misturavam.⁵⁵ Robert-Avé Lallemand, em suas memórias, se refere à festa de São João Batista e ao momento em que os foliões passavam em procissão pelas ruas de Lages e paravam em frente às casas, onde lhes eram oferecidas bebidas e guloseimas. Eles *chegaram também à casa do senhor Trüter, que queria obrigá-los a entrar para servir-lhes alguma coisa,*⁵⁶ como era o costume local.

Os cultos e festas aos santos protetores, sob o comando leigo, os encontros comunitários em momentos fortes do ano, como o Natal, a Quaresma, o Pentecostes, e os ciclos que acompanhava a morte de alguém (velório, sepultamento, sétimo dia, aniversário de mês e ano)⁵⁷, eram características fortes na religiosidade lageana até o fim do século XIX.

Nesta sociedade, o sacramento do batismo pouco significava em termos espirituais, antes, tinha um sentido maior na esfera social. Homens e mulheres empobrecidos estreitavam suas relações com o fazendeiro rico convidando-o para padrinho de seus filhos e, deste modo, estabelecendo uma aliança de *compadrio*. Muitas vezes, o batismo dos filhos e o casamento dos pais se davam no mesmo dia, em ocasiões festivas, quando as crianças,

⁵⁴ QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do contestado: 1912-1916*. São Paulo. Ática, 1981. p. 53 In.: SERPA, Élio Catalício. *Igreja, elites dirigentes e catolicismo popular em Desterro/Florianópolis, Laguna e Lages – 1889-1920*. São Paulo: USP, Tese de Doutorado, 1993, p. 43.

⁵⁵ SERPA. (1993). p. 43 (os grifos são meus).

⁵⁶ AVÉ-LALEMANT, Op. cit. p. 85.

⁵⁷ BESEN, José Artulino Besen. *Duas Formas de Catolicismo – O processo da Romanização em Santa Catarina*. In.: *Encontros Teológicos*. Ano 9, nº 2, 1994, p. 54.

já crescidas, corriam a frente dos padrinhos.⁵⁸ Frei Rogério Neuhaus relata que em viagem pastoral, durante o mês de dezembro de 1895, realizou 300 batizados e 40 casamentos na paróquia de Campos Novos e 118 batizados e 26 casamentos na paróquia de Curitibanos.⁵⁹

As expressões desta religiosidade popular foram favorecidas pela ausência de padres na região. Durante o século XIX e o início do XX, as igrejas e capelas católicas eram escassas na vasta região de todo o Planalto Catarinense. Esta situação foi relatada em 1895 por Frei Rogério Neuhaus, que havia assumido, em 1892, a assistência espiritual da população residente numa região que começava nos campos do Rio Grande do Sul e acabava no Paraná, região interligada por péssimas estradas e pontes. Frei Rebento e Frei Rogério eram os dois únicos sacerdotes da região naquele momento:

Frei Rebento e eu, com o irmão Frei Higinio. As paróquias de Curitibanos e de Campos Novos, com a morte do vigário Pe. Tomás Sobrinho, estavam sem padre, pelo que o Sr. Bispo passou a administração das mesmas. E como nesse tempo o Pe. Inácio Rueckert tinha se retirado de S. Joaquim, tínhamos aos nossos cuidados toda a serra.⁶⁰

A romanização da Igreja⁶¹ no Brasil iniciou após 1899, com o Concílio Plenário

⁵⁸ SERPA (1993). p. 41-6.

⁵⁹ BAGGIO, Frei Hugo D., OFM. *Frei Rogério Neuhaus – o missionário do Planalto Catarinense*. São Paulo: São Paulo. Edições Loyola e Vozes, 1983, p. 42.

⁶⁰ *Ibidem*. p. 42

⁶¹ O *catolicismo romanizado*: evidencia sua vinculação com a Sede Romana em resposta aos esforços dos Romanos Pontífices o qual desde o século XVI se empenhava em assumir efetivamente a direção da religião católica cujas verdades dogmáticas eram extraídas do Concílio Tridentino; enfatiza a primazia do clero sobre o leigo contrapondo-se à Reforma Protestante que acentuava a presença e a atuação do leigo na religião; reforça as diretrizes advindas do Concílio de Trento referentes à obediência aos dogmas e propunha uma ampla reforma moral do clero e da sociedade; enfatiza a transformação pessoal; valoriza a vida sacramental

Latino-Americano em Roma, em resposta à convocação de Leão XIII.⁶² O alcance desta reforma no interior da Igreja Católica inserida no Brasil foi lento e desenvolveu particularidades em cada região.

Em Lages este processo contou com o trabalho dos frades franciscanos. Com a morte do padre Antônio Esteves de Carvalho, o Frei Amado Bahlmann assumiu a paróquia Nossa Senhora dos Prazeres de Lages logo após o Natal de 1891, a pedido de Dom José Pereira da Silva Barros, bispo do Rio de Janeiro e responsável pela referida diocese.⁶³

Após a posse solene alguns franciscanos - frei Mariano, Frei Mauricio, Pe. Germano e Irmão Humberto - foram encaminhado até Lages a fim de trabalharem como pedreiros, vidraceiros, encanadores, decoradores e inventores, elaborando instrumentos necessários para a construção de suas primeiras instalações.⁶⁴ Uma vez concluído o serviço, o trabalho missionário ficou sob a responsabilidade do frei Rogério Neuhaus e frei Herculano Limpinsel, que iniciaram uma ação missionária no Planalto Catarinense.

Segundo os relatos do Irmão Humberto Themans, o Frei Rogério não viajou com os seus confrades devido a uma desinteria aguda que o assolou por três dias na ocasião da partida dos seus confrades. Após ter se recuperado do seu convalescimento seguiu para Lages a fim de assumir o seu ministério na referida paróquia.⁶⁵

onde o culto eucarístico, pela necessidade de afirmação do dogma da transubstanciação, adquire destaque no catolicismo romanizado. In.: AZZI, Riolando. O episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular. In.: *Revista Eclesiástica Brasileira: Vozes*, 1976. Vol. 36, fasc. 141, p. 103-108.

⁶² BESEN, Op. cit. p. 54.

⁶³ NEIVA, Frei Sebastião da Silva, OFM. *Vida Franciscana*, ano XXIV (XLIV), junho, 1967, nº 34, p. 20

⁶⁴ BAGGIO. Op. cit. p. 37.

⁶⁵ THEMANS, Irmão Humberto. Viagem ao Brasil e começo da missão. In.: *Vida Franciscana*. Rio de Janeiro: Coleção centenário, 1992, nº 3, p. 45.

Estes religiosos carregavam com sua bagagem a idéia de que *deviam os homens do Planalto ser brutais*.⁶⁶ Esta mentalidade foi adquirida, inicialmente, através dos comentários pejorativos que colonos dos vales do Itajaí e Cubatão fizeram a respeito dos homens e mulheres do Planalto Catarinense. As diferentes visões de mundo e juízos de valores entre imigrantes alemães, neste caso os franciscanos, e os moradores do planalto foram representadas em escritas memorialistas e artigos publicados na imprensa. Entre elas estão as memórias do Irmão Humberto Themans que recorda como era aquela cidade e sua sociedade, particularmente em seu modo de se relacionar com a Igreja Católica Apostólica Romana, no fim do século XIX:

*Lages era naquele tempo uma cidadezinha de 1.000 habitantes e porque não havia estrada que conduzisse para lá, mantinham poucos habitantes. No planalto, tinham contato com a população das cidades da costa. Com a religião e moral, a situação era bem triste. O velho professor que era também sacristão e o vigário Pe. Antonio de Carvalho, teriam em vão nos domingos esperado até 10, 11 horas os fiéis para a missa e finalmente disseram: "Queremos começar. Hoje não virá mais ninguém". Os dois sacerdotes que tinham administrado a paróquia nos últimos 25 anos não tinham dado bom exemplo. Por esta ocasião tivemos informações dos padres nativos que tinham morado em Santa Catarina.*⁶⁷

Os comentários do Irmão Humberto Themans trazem o estranhamento

⁶⁶ Ibidem. p. 45.

⁶⁷ Ibidem. p. 45.

impressões de um imigrante europeu, católico e alemão, diante dos hábitos e costumes dos moradores de Lages. Entendendo que a sociedade de onde ele procedia, no caso a alemã, era portadora do ideal de civilização, o Frei Humberto condenou as práticas religiosas e morais que presenciou no Planalto. Contudo, ele se penitencia e transfere para a Igreja Católica a responsabilidade do estado moral e espiritual daquela comunidade:

*Não podemos julgá-los com muito rigor, se considerarmos as circunstâncias em que vivem. (...) aqui nunca apareceu um Bispo para visitar ou para crismar, de modo que os vigários nunca se encontram com seus bispos. Os vigários moravam distantes um dos outros, a dias de viagem. De maneira que anos a fio não se viam.*⁶⁸

Irmão Humberto Themans também constatou que *em Lages, havia muitos maçons*,⁶⁹ grupo com o qual os franciscanos mantinham uma rixa que adquiriu expressões na imprensa local.⁷⁰ A maçonaria havia se instalado em Lages em 1887, com a fundação da Loja Maçônica Luz Serrana. Seus membros faziam parte da elite local, sendo que entre eles se encontravam alguns teuto-brasileiros: Antônio Koeche, Leonardo Koeche Júnior, Martinho Nerbass e Chistiano Bräescher.⁷¹ A corporação contava com um jornal maçom, *O Lageano*, o qual defendia os interesses da mesma. Este jornal, por vezes, teceu críticas ao Padre Antônio Luiz Esteves de Carvalho, antecessor dos franciscanos, pela quebra de preceitos canônicos entre os quais salta aos olhos o fato de ser pai de 12 filhos.

⁶⁸ Ibidem. p. 46

⁶⁹ Ibidem. p. 45.

⁷⁰ Danilo de Castro. Nascido em 02 de dezembro de 1919. Entrevista realizada em Lages, em 10 de janeiro de 2001.

⁷¹ COSTA, Op. Cit. p. 1418.

Anos mais tarde, em 1901, os maçons fundaram mais um jornal, *O Imparcial*, enquanto que, em 1903, os franciscanos fundaram o semanário *O Cruzeiro do Sul* e *A Sineta do Céu*. Os jornais maçons e católicos foram fortes opositores que usaram a imprensa para realizarem debates de cunho político, ideológico e religioso.⁷²

Contudo, os maçons não foram os únicos almeçados pelas intenções e ações disciplinadoras dos franciscanos. Nas atribuições do seu ministério, o Frei Rogério se deslocava de uma região para outra montado no lombo de mulas ou burricos. Esta prática se dava em memória aos tempos de Francisco de Assis, quando andar a cavalo denotava um status, que o fundador da ordem não queria ter. Nas memórias sobre suas viagens missionárias, o frei Rogério Neuhaus descreve o distanciamento que encontrou entre os católicos do Planalto e recepção dos sacramentos:

*Quase não se conhecia a recepção aos sacramentos da confissão e da comunhão. Mesmo os melhores elementos não se tinham confessado desde doze anos atrás, isto é, desde a missão pregada pelos padres Jesuítas.*⁷³

Estes fatos sobre a sociedade lageana eram conhecidos por alguns colonos que viviam no Vale do Cubatão e do Itajaí e, sem dúvida, pesavam em suas decisões quando consideravam a possibilidade de migrar para Lages. A discussão entre Anna Hemkemaier e

⁷² COSTA. Op. Cit. p. 1421.

⁷³ BAGGIO. Op. cit. p. 34.

Humberto Kauling sobre a idéia da família se mudar para Lages se tornou memorável de tal modo que seu neto, o padre Andreas Wiggers, fala sobre o episódio como se tivesse presenciado o fato, ocorrido antes do seu nascimento:

- Mas Humberto, nós vamos para um lugar que nem igreja tem!

- Anna! Eu prometo que para onde nós formos eu vou ser o primeiro a construir um lugar para nós realizarmos o nosso culto, a nossa reza.⁷⁴

Seguindo o projeto migratório do marido, a família de Humberto Kauling se mudou para Barra do João Paulo, em Bom Retiro, onde construíram uma capela de madeira, como era o pleito de Anna Hemkemaier. Posteriormente se mudaram para Lages.⁷⁵

Como a família Kauling, outras famílias de alemães e italianos católicos que viveram na área rural de Lages também vivenciaram a prática dos cultos domésticos. Irmã Serafina Scoz recorda que seus pais, Serafim Scoz e Benta Umbelina Schlichting, conduziam os filhos no sentido de começarem o dia rezando à mesa, antes de iniciarem as refeições:

Todo mundo deveria levantar às cinco horas da manhã para tomar café e depois começar a fazer o serviço. Mas antes de tudo nós rezávamos: 'Óh Santíssima Trindade que sois um só Deus em três pessoas [...]'. É uma oração meio compridinha. Depois nós rezávamos três Pais-Nossos e três Ave-Marias para Nossa Senhora nos livrar dos perigos do corpo e da

⁷⁴ Padre Andreas Wiggers. Entrevista citada.

⁷⁵ Padre Andreas Wiggers. Entrevista citada.

*alma. Por fim, o papai e a mamãe pediam a benção dos céus sobre nós.*⁷⁶

Estas práticas isoladas de algumas famílias de alemães que viviam em Lages no começo do século XX, sinalizaram para o catolicismo ultramontano do qual eles eram seguidores, haja vista que a Alemanha havia sido alcançada pela reforma religiosa proposta pelo Concílio de Trento, no século XVI, e pelo período de Restauração, após 1815. Suas práticas podem ter entrado em conflito com as práticas religiosas encontradas em Lages, mas, no meu entender, não provocaram mudanças contundentes. Diferentemente, os missionários franciscanos, enquanto alemães, interferiram de modo contundente nas práticas religiosas desta sociedade, defendendo formas e modos de vivenciar o catolicismo de acordo com a sua visão de mundo e com as propostas de romanização da Igreja segundo a qual todos os fiéis católicos deveriam submissão ao papa, que dirigiria sua Igreja através dos sacerdotes:

*Com o estabelecimento da Ordem Franciscana, em Lages, as festas profanas tomaram outras características, abandonou o aspecto profano em que o padre assumia o controle efetivo das solenidades, muito embora nos jornais os convites para as festas partissem dos festeiros. O que ocorria era que o vigário, de acordo com os Estatutos da Irmandade de Nossa Senhora dos Prazeres, escolhia os festeiros entre os congregados mais abastados em fortuna e a mesa elegia um festeiro, uma festeira, três mordomos e três mordomas que eram responsáveis pelo abrilhantamento das festividades.*⁷⁷

⁷⁶ Irmã Serafina Scoz. Entrevista citada.

⁷⁷ SERPA. (1997). p 214.

Tratava-se de uma relação de negociações, avanços e recuos onde os Freis franciscanos encontraram na educação uma das estratégias mais bem sucedidas para a execução do seu projeto de reformulação de condutas e práticas religiosas. Através da construção do Colégio São José, concluída em 1899, Frei Rogério declarou que pretendia instruir a mocidade masculina *profundamente na religião e nos princípios da ciência*.⁷⁸

Após a conclusão do Colégio São José, Frei Rogério Neuhaus pleiteou às irmãs da Divina Providência que assumissem a instrução feminina em Lages. Atendendo a solicitação, elas se instalaram na cidade em 1901, dando início a um trabalho que excedeu a instrução escolar. Segundo Frei Rogério:

*Poucos anos da vinda das irmãs, quando ao se entrar em qualquer casa da cidade ou numa fazenda, via-se imediatamente se tiveram uma filha no colégio Santa Rosa de Lima, das irmãs da Divina Providência. [Isto se devia ao] toque civilizado que o ambiente apresentava.*⁷⁹

Em 1914, o prédio do Colégio São José foi vendido para a Câmara Municipal, que o transformou no hospital Nossa Senhora dos Prazeres o qual funcionou sob a responsabilidade das Irmãs da Divina Providência. Nesta mesma época, os franciscanos construíram o seu convento e a sua capela ao lado do hospital.⁸⁰ Mais tarde, as religiosas

⁷⁸ BAGGIO. Op. cit. 45.

⁷⁹ Ibidem. 45

⁸⁰ *Vida Franciscana*, Ano XXIV (XLIV). Junho /1967, n. 34, p. 21-24.

também assumiram a maternidade e o asilo. No entanto, o aspecto mais significativo do seu trabalho está associado à difusão de valores que elas, em conjunto com os padres franciscanos, promoveram em Lages.

Contudo, muitas vezes eles receberam a reprovação da comunidade local. Um correspondente de Rio Bonito escreveu ao jornal *O Planalto*, em 1918, um artigo tecendo severas críticas a atuação do Padre Gabriel Zimmer, em sua comunidade:

Ouvimos que o Sr. Padre Gabriel pretende fundar mais uma capela de culto católico, em Canoas.

Julgamos de pouca ou nenhuma conveniência este empreendimento, porque existem cinco capelas no distrito e a população de Canoas não precisa dessa capela, tanto mais que tem uma na Barra do João Paulo, que se dista apenas uma légua de Canoas.

No João Paulo, a duas e meias léguas outras, no Rio Bonito, quatro léguas, outra além de mais duas que existem no Bom Retiro e Águas Brancas.

E ainda mais porque o Sr. Padre Gabriel não se descuida de percorrer o distrito, distribuindo seus serviços sacerdotais...

Notamos sim, que S. R. nem sempre tem para o povo as atenções que de um sacerdote se deve esperar.

Em dias do mês passado S. R. avisou que na capela do Rio Bonito se rezaria terço, à noite. De fato, na tarde do dia marcado, S. R. passou na frente da capela, onde já começava a juntar-se o povo, indo hospedar-se na casa de Germano Hemkmeyer, uns 600 metros a diante.

Com sua chegada o povo reuniu-se, mas recebeu o recado de que S. R. se achava cansado e não viria rezar o terço.

No dia seguinte, segundo nos disseram, S. R. de lá mesmo da hospedagem, abalou para diante.

Sem comentários!

*O Correspondente.*⁸¹

Observa-se que, em Rio Bonito, residiam familiares de Anna Hemkmeyer, aquela que titubeou em mudar-se para a região em função da falta de templos católicos. Como se verifica, com o passar dos anos, a falta de capelas deixou de ser um problema grave na região. Contudo, isso não representou a falta de assistência espiritual para uma população que, por vezes, entrava em descontentamento com o clero.

A imprensa foi um espaço de embates e debates entre representantes da sociedade lageana e da Igreja onde ambas, por vezes, se criticavam mutuamente nas entrelinhas de artigos que, inicialmente, poderiam parecerem elogiosos mas que continham provocações e críticas declaradas. O jornal *Correio de Lages*, de 1926, guarda um artigo intitulado *Tradições Serranas*, escrito pelo padre Geraldo José Pauwels S.J., de Porto Alegre. Inicialmente, as palavras do articulista enaltecem as *virtudes lageanas*, suas tradições e bons costumes:

Nesta como na viagem passada observei com profunda satisfação que nas famílias do planalto ainda vigoram os tradicionais bons costumes brasileiros. Vi pedirem ainda todos os filhos sem exceção a benção aos pais, e não fumarem os mesmos na presença dos seus progenitores.

Não me envergonho de declarar que às vezes fiquei deveras comovido, notando que um filho, que mesmo já era chefe de família, pedia com toda a reverência a benção a seu pai e sua mãe, ou com perfeita naturalidade depunha o cigarro logo que o pai se aproximava do grupo, onde estava palestrando.

Nem pense que aí eu vejo apenas uma relíquia historicamente preciosa dos tempos de antanho. Não caro

⁸¹ Correspondência de Rio Bonito. *O Planalto*. Lages, nº 77, 12 de dezembro de 1918.

leitor, o que nisso enxergo, é a tendência instintiva dum povo ainda sadio de defender o que a nossa santa religião lhe é objeto mais caro – a família.⁸²

Na segunda parte do artigo o tom da escrita se torna menos gentil e passa a ser mais repressiva sobre os defeitos que, em seu ponto de vista, assolam a sociedade lageana:

Sim, bem haja esta gente que apesar das deféiturias correntes modernas sabe manter a autoridade paterna na família; pois salva a família, salvo está seu próprio futuro. [...].

Dizem que onde há muita luz não falta sombra se quanto a serra devo confirmar o dito, posso logo acrescentar que a sombra parece projeção de defeitos recentes. Um fato é que a, oração noturna, realizada com a presença de todos os membros da família parece estar caindo em desuso. Seria pena. Pois além de também neste caso se tratar dum digno costume brasileiro, traz consigo a desvantagem de os pequenos aprenderem mais dificilmente as belas orações costumeiras.⁸³

Por fim, o padre Geraldo José Pauwels S. J., chega ao ponto que de fato lhe interessa. Convictos de suas certezas, ele condena de modo contundente a comemoração do carnaval que se estendeu até a manhã da Quarta-feira de Cinzas:

Depois há outro fato ainda que julgaria pura impossibilidade, se não me tivesse assegurado sua veracidade pessoas incapazes de faltar com a verdade: É que no carnaval passado, os bailes teriam sido prolongados até o clarear da 4ª feira de Cinzas. Mas isso constituiria não só uma falta imperdoável contra os antigos costumes do Brasil, senão também e, sobretudo contra o Espírito da nossa Santa

⁸² Tradições Serranas. *Correio de Lages*. Lages, nº 81, 20 de fevereiro de 1926.

⁸³ Tradições Serranas. *Correio de Lages*. Lages, nº 81, 20 de fevereiro de 1926.

*Religião! Quero crer que tenha sido uma exceção engendrada por quem não sabe ou não quer guardas os limites do conveniente. Parece-me que neste particular uma combinação amigável dos presidentes dos diferentes clubes seja suficiente, para acabar com uma praxe tão ofensiva aos sentimentos religiosos do povo lageano.*⁸⁴

A relação dos alemães, integrantes do clero ou não, com a sociedade lageana era heterogênea, marcada por avanços e recuos e, sobretudo, mediada pelas estratégias que cada indivíduo articulava particularmente sendo que, são inegáveis as vivências e experiências que produziram naquela sociedade.

Em 1929, Lages recebeu a visita do Cônsul da Alemanha, Dr. Dittmar, o qual estava avaliando se a região oferecia condições, ou não, para a implantação de projetos de colonização alemã.⁸⁵ Segundo o cônsul:

*...o alemão goza de boa aceitação e os poucos alemães aí residentes desempenham um papel importante, o que não deve ser tributado em último lugar aos franciscanos alemães e às irmãs alemãs na escola e Igreja.*⁸⁶

Concordo que o trabalho dos franciscanos, bem como o trabalho das Irmãs da Divina Providência, foi significativo e imprimiu marcas na cidade e na sociedade lageana. Contudo, os alemães e/ou seus descendentes laicos também participaram efetivamente da história daquela sociedade como esta dissertação vem apontando.

⁸⁴ Tradições Serranas. *Correio de Lages*. Lages, nº 81, 20 de fevereiro de 1926.

⁸⁵ *Correio de Lages*. Lages, nº 234, 13 de junho de 1929.

⁸⁶ Dienstreire des Konsuls Dr. Dittmar in Florianópolis über das Hochland des Staats Santa Catarina in das tal Rio do Peixe (1929) Bundesarchiv Berlin, R.57/474-29. Tradução do Prof. Dr. Valberto Dirksen.

O cônsul Dittmar afirma que:

Numericamente a germanidade na cidade é fraca (8 famílias alemãs e 12 famílias de origem alemã). Inclusive no restante do município vivem poucos de fala alemã.⁸⁷

No entanto, também afirma que, *segundo estimativas, são 200 [alemães] sobre uma população de 50.000 habitantes⁸⁸* e abre uma nova consideração:

Contudo encontram-se muitos nomes de famílias alemãs cujos portadores sucumbiram na brasilidade e não entendem mais uma palavra sequer em alemão.⁸⁹

As falas do cônsul não deixam dúvidas de que para ele a germanidade está vinculada à manutenção do idioma alemão. Seu ponto de vista desconsiderou os valores que alemães carregaram por gerações e que continuaram se fazendo presentes em suas vidas, mesmo quando estes abandonaram as práticas lingüísticas dos seus antepassados.

Deve-se considerar que o componente lingüístico é um elemento forte na noção de nacionalismo próprio da cultura alemã.⁹⁰ Esta convicção levou muitos a crerem que o abandono do idioma alemão representava a perda da germanidade. No entanto, a cultura de um povo pode ir bem além das suas práticas lingüísticas.

⁸⁷ Ibidem.

⁸⁸ Ibidem.

⁸⁹ Ibidem.

⁹⁰ CAMPOS, Cynthia Machado. *A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil*. Campinas: Tese de Doutorado em História pela UNICAMP, 1998, p. 23

Entendo que muitas pessoas com nomes alemães, que o cônsul Dittmar afirma terem caído na brasilidade, carregavam consigo valores, especificidades que devem ser averiguadas. Afinal, o ingresso de estrangeiros no Centro-Sul do Brasil mudou a paisagem social com sua presença nas atividades econômicas, seus hábitos alimentares e seus costumes.⁹¹ Com certeza em Lages não foi muito diferente. O estudo das suas trajetórias de vida aponta para tensões e conflitos, mas também aponta para alianças e negociações, através das quais participaram da construção da cidade de Lages e da formação cultural daquela sociedade.

O estudo dos processos dinâmicos e instáveis da trajetória de vida destes alemães e seus descendentes apontam especificidades na memória da sociedade lageana, como se observará no último capítulo desta dissertação.

⁹¹FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 5. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1997, p. 281.

Capítulo IV

Alianças e negociações

Um artigo de página inteira do jornal *Correio Lageano*, de 25 de outubro de 1997, trazia o seguinte título: *O engenheiro alemão trouxe o conhecimento europeu à pequena Lages*.¹ A matéria tratava de alguns aspectos da trajetória migratória de José Suiter, alguns detalhes de sua vida profissional enquanto técnico que viveu mais de cinquenta anos em Lages e, simultaneamente apontava para uma das negociações mais expressivas que alemães e seus descendentes estabeleceram com a população que vivia na cidade de Lages durante a primeira metade do século XX.

Ao chegarem naquela cidade muitas destas famílias alemãs abandonaram o uso do idioma materno, como já foi mencionado, e, usando de uma outra linguagem, transportaram para Lages alguns valores, conceitos e conhecimentos técnicos adquiridos por eles mesmos ou por seus antepassados na Alemanha. Esta linguagem adquiriu expressão na construção de prédios públicos e residenciais, móveis, utensílios e objetos domésticos, além da implantação de sistemas elétricos, hidráulicos e outros mecanismos.

¹ O engenheiro alemão trouxe o conhecimento europeu à pequena Lages. In.: *Correio Lageano*, Lages, 25 de outubro de 1997.

Uma vez instalados na cidade, eles também estabeleceram novas alianças, casando com pessoas de antigas famílias daquela sociedade, como se observará ao longo deste último capítulo.

Henrique Kroker é um dos primeiros alemães que chegou em Lages. Sua entrada na vila foi favorecida, durante o ano de 1847, justamente pela necessidade que se tinha dos seus conhecimentos técnicos, conforme Otacílio Costa relata na coluna *Lages de Outrora*:

Encontramos o registro de um título que nomeava Henrique Kroker para o cargo de Demarcador Geômetro do conselho e declarava que, atendendo a necessidade que se tinha desse empregado, ficava o mesmo dispensado da circunstância de ser estrangeiro não naturalizado.²

O primeiro *Recenseamento Geral* do Brasil data de 1872 e foi realizado a partir das áreas de abrangência das paróquias existentes no país, considerando-se *a raça*, o estado civil, a religião, a nacionalidade, o grau de instrução, as deficiências físicas, as faixas etárias e as profissões. Esta última era dividida do seguinte modo: profissões liberais, militares, marítimos, pescadores, capitalistas e proprietários, industriais e comerciais, manuais ou mecânicas, agrícolas, pessoas assalariadas e sem serviço.

Entre as várias tabelas contidas no censo de 1872, existem números diferentes para o total da população de Lages.³ A tabela das profissões indica que são 5.926 e a tabela das faixas etárias aponta para 5.862, o que vem a sinalizar a imprecisão dos dados que servem

² Lages de outrora. In.: *Guia Serrano*. Lages. 24 de setembro de 1944.

³ Tabela de índices populacionais considerados quanto às profissões manuais e mecânicas, referente ao censo de 1872.

tão somente para oferecer uma noção das características básicas daquela sociedade. Este recenseamento também indica que em Lages os estrangeiros se concentravam nas profissões técnicas que, por sua vez, também eram executadas por brasileiros, como o quadro abaixo indica. Observa-se que o quadro das profissões deste documento não aponta a nacionalidade dos estrangeiros:

Operários (total)	Nacionais	Estrangeiros	Escravos
Artistas (17)	7 homens e 8 mulheres	2 homens	
costura (194)	162 mulheres	2 mulheres	30 escravas
terra (4)	4 homens		
metais (14)	11 homens e 3 mulheres	3 homens	
madeira (29)	22 homens e 7 mulheres	6 homens	3 escravos
tecidos (11)	10 homens e 1 mulher	1 mulher	
edificações (9)	8 homens e 1 mulher	1 homem	3 escravos
couro/peles (6)	4 homens		2 escravos
vestuário (10)	5 homens e 4 mulheres		1 homem
chapéus (3)	3 homens		
calçados (7)	7 homens		1 escravo

Outros números são significativos para a compreensão do campo de atuação destes estrangeiros em Lages, considerando que entre eles havia: 1 pescador, 7 industriais e comerciantes, 4 lavradores, 1 criadora, 1 jornaleiro e 1 jornaleira, 4 empregadas domésticas, 19 homens e 6 mulheres sem profissão. Ou seja, exceto a mulher que era criadora de gado, os demais estrangeiros que trabalhavam naquela freguesia eram trabalhadores rurais ou urbanos, sendo que estes últimos também prestavam serviço para os moradores do meio rural.

Em 1872, Lages tinha 95 estrangeiros, sendo que eram: 21 alemães, 15 africanos livres e 32 escravos, 3 franceses, 1 inglês, 2 italianos, 2 japoneses, 3 norte-americanos, 5 orientais, 1 paraguaio e 10 portugueses.

No mesmo ano em que se realizou o Recenseamento Geral do Brasil, Lourenço Waltrick, alemão residente em Lages, encontrava-se adoentado, motivo que o levou a providenciar seu testamento. Este documento foi anexado ao seu inventário por ocasião de sua morte, em 1881. Este processo dá conta de que ele era homem rico, possuidor de bens móveis e imóveis no campo e na cidade, além de ser proprietário de duas escravas em 1881.⁴

Um outro documento, o livro 1 de registro de batismos da Paróquia Nossa Senhora dos Prazeres de Lages, indica que Lourenço Waltrick já era possuidor de escravos desde os seus primeiros tempos em Lages. Ele possuía uma escrava de nome Francisca, a qual batizou um filho de nome Manuel em 11 de agosto de 1844 e outro, de nome Francisco, em 19 de outubro de 1850. As certidões declaram que o pai era incôgnito e que os padrinhos de Francisco foram João e Antônia, escravos de Maria dos Santos.⁵

Na segunda metade do século XIX Lages contava com brasileiros que eram filhos de alemães. Antônio Waltrick é um destes casos. Ele era o irmão mais novo de Lourenço Waltrick. Nasceu na colônia São Pedro de Alcântara e era o primeiro filho nascido no Brasil, do casal Sebastião Waltrick e Maria Anna Guilhermina.⁶ Em 1872, Antônio já era pai de muitos filhos e, conseqüentemente, originou uma segunda geração de descendentes dos alemães de São Pedro de Alcântara em Lages, como o indicam os livros de batismo da paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres de Lages referentes às décadas 1850 a 1880.

⁴ Inventário (1881). Lourenço Waltrick: falecido; Nascimento Ribeiro de Andrade: inventariante. Cx. N5.

⁵ Livro de Batismo 1, nº 6, folha 54 e nº 9, folha 37 v/ 38 da Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres de Lages.

⁶ Inventário (1881) Lourenço Waltrich. Cx. N5, p. 7.

Além de família Waltrick, houve muitas outras que migraram da colônia alemã de São Pedro de Alcântara para Lages, dando origem a uma população de descendentes de alemães que ali viveram ao longo do século XIX (ver anexo III).

Os alemães que chegaram no Brasil a partir de meados do século XIX colaboraram com a transmissão daquilo que Norbert Elias chamou de *processo civilizador*,⁷ haja vista que emigraram motivados por um processo de profundas mudanças que envolvia o processo de industrialização e que, por extensão, alcançou as mais diferentes práticas da vida cotidiana destes sujeitos.

A partir da segunda metade do século XIX, Lages, bem como boa parte da sociedade brasileira, começou a compartilhar de um conjunto de idéias, valores, comportamentos vivenciados na Europa, através da difusão de códigos de conduta, maneiras, gostos e linguagens vindos de França. Esta corrente de transformações culturais e tecnológicas ficou conhecida como *Bella Époque* e situou-se mais especificamente entre 1880 e 1910. Dentro deste período, em 1900, realizou-se em Paris uma Exposição Universal para comemorar a virada do século com suntuosos jardins tropicais, máquinas mirabolantes e os últimos prodígios técnicos e científicos, a começar pela rede elétrica que iluminava o Palácio da Indústria. A exposição celebrou solenemente o crepúsculo do século XIX e a aurora do século XX. Era uma grande festa onde a burguesia capitalista comemorava o seu enriquecimento com a revolução industrial e com a expansão imperialista, certa de que tinha a missão de orientar e promover o progresso da humanidade.

⁷ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

Este espírito cruzou o Atlântico, chegando às grandes cidades brasileiras que lentamente foram difundindo as novidades européias para o interior do Brasil, onde cada comunidade fez sua própria leitura das novidades propostas pelos franceses.⁸ Os grandes centros urbanos do país passaram por transformações do espaço urbano através da busca pelo embelezamento, conforto, higiene e segurança. Estas aspirações expressavam tanto um ideal de civilização, quanto os interesses burgueses, implícitos na renovação urbana.⁹

Lages, a exemplo de Desterro/Florianópolis e de outras cidades de Santa de Catarina, vivenciou este processo com menos intensidade,¹⁰ contudo, ele aconteceu como Elio Serpa aponta:

uma pequena parcela da população lageana tinha contato com outros valores da sociedade burguesa através dos comerciantes que traziam novidades de Porto Alegre, São Paulo, Laguna e Desterro/Florianópolis, além da presença de pessoas de outros países e até de outras províncias ou estado.¹¹

Em Lages, a implantação de tais concepções, por vezes, contou com o trabalho ou até com a iniciativa de artesãos e técnicos alemães ou filhos destes, que através de

⁸ TEIXEIRA, Francisco Maria Pires. *História concisa do Brasil*. Pires Teixeira. São Paulo: Global, 1993, p. 209-211.

⁹ PESAVENTO, Sandra. Um novo olhar sobre a cidade: a nova história cultural e as representações do urbano. In.: *Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade*. Porto Alegre, Canoas, São Leopoldo. Ed. Universidade, UFRGS, ULBRA, UNISINOS, 1994, p. 140.

¹⁰ SERPA, Elio. A reformulação das condutas e das sociabilidades em Lages durante a Primeira República. In.: *Revista da Memória*. Fundação Cultural de Lages. Lages: ano 1, nº 1, 1996, p. 15.

¹¹ *Ibidem*. p. 15.

pequenos detalhes ou grandes projetos contribuíram com a implantação material do projeto civilizador.

O espaço urbano passou por um processo de re-ordenamento iniciando pela re-nomeação de algumas ruas e praças. Posteriormente, em 1888, as ruas de Lages, receberam 46 placas de identificação, confeccionadas pelo pintor José Wolff em tabuletas com a medida de 55 cm por 30 cm, em fundo preto e com letra gótica de 12 cm, em tinta branca. José Wolff havia sido contratado pela Câmara de Vereadores da cidade, através do vereador José Augusto de Arruda, para a execução do serviço, que custou 218\$880. A mesma sessão da Câmara de Vereadores, que decidiu que as ruas seriam identificadas, também deliberou que as casas passariam a ser numeradas.¹²

O tempo da vida urbana também passou a ser disciplinado através do *magnífico relógio* construído pelo relojoeiro *Einecke* e instalado no alto da antiga matriz.¹³ Anos mais tarde, em 1920, os sinos, afixados no alto da torre da Catedral Diocesana de Lages, passaram a dar novos ritmos aos movimentos urbanos e práticas cotidianas que, paulatinamente, foram embaladas pelos sons das *horas canônicas*.¹⁴

Os relógios de bolso lentamente foram ganhando lugar entre uma população que começava a viver no compasso do ritmo das badaladas do sino que vinha do alto da igreja. Para atender esta demanda, durante as primeiras décadas do século XX, as relojoarias de

¹² COSTA, Licurgo Ramos. *O continente das Lagens – sua história e influência no sertão de terra firma*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. p. 1627.

¹³ Guia Serrano. Lages, 09 de outubro de 1941.

¹⁴ Horas canônicas: 1. Na liturgia católica, cada uma das partes em que se divide a recitação do ofício divino ou breviário: matinas, laudes, vésperas, prima, terça, sexta, nona e completas. 2. Coleção de orações para as diferentes horas canônicas. 3. Horas certas, regulares. In.: *Dicionário Aurélio CR Room*.

Paulo Baier¹⁵ e Ervin Specht ofereciam grande variedade de relógios de bolso, relógios de pulseiras e fitas para relógios.¹⁶

Segundo Licurgo Costa os imigrantes, sobretudo os que chegaram em Lages no fim do século XIX e início do XX, eram vistos como agentes da modernidade que poderiam trazer novas tecnologias à cidade. O articulista afirma que eles:

*Era visto com consideração e respeito por que falava outra língua, tinha vindo da Europa, de um país que tinha luz elétrica, trens e outras coisas da modernidade que não existiam em Lages.*¹⁷

A introdução da eletricidade como força motriz nas fábricas e na iluminação elétricas das cidades iniciou na Europa em 1870. Em Santa Catarina, a primeira usina hidroelétrica foi instalada na cidade de Blumenau, em 1909, vindo a cooperar com o aquecimento da industrialização da região. *Com a eletricidade e, conseqüentemente, com as várias formas de iluminação, o mundo fica muito diferente: o dia confunde-se com a noite, rompe-se o limite 'natural' da noite.*¹⁸

Os projetos de eletrificação de Lages, seguidos pelos primeiros experimentos na década de 1910, ficaram por conta de José Suiter. Maria Luiza Aquino, sua filha, recorda e comenta sobre os projetos modernizadores de seu pai para a cidade que havia escolhido para viver:

¹⁵ *O Clarim*. Lages, 05 de Julho de 1911.

¹⁶ *Correio de Lages*. Lages, 18 de outubro de 1924.

¹⁷ Licurgo Costa. Entrevista realizada em Florianópolis, 11 de maio de 1999.

¹⁸ AUED, Bernadete Wrublewski. *História de profissões em Santa Catarina: ondas largas civilizadoras*. Florianópolis: Ed. do Autor, 1999, p. 75.

O ideal do meu pai era construir a luz elétrica em Lages. Então ele foi o primeiro a instalar um sistema de luz elétrica de Lages. Ele fez instalação de luz elétrica em fazendas, no cinema e no Clube 1º de julho. Só que o rio Carah era pequeno e tinha pouca potência. Ele fez também encanamentos de água. Ele fazia de tudo para sobreviver.¹⁹

Poucos anos mais tarde, Frederico Guilherme Busch, empresário de Blumenau, ganhando uma concorrência pública, recebeu o direito de fornecer o abastecimento de luz elétrica para a cidade. Para comemorar mais esta marca da modernidade que chegava a Lages, promoveu-se uma solenidade inaugural no Salão de Honra da Superintendência Municipal em 1º de novembro de 1917. Inicialmente foram poucos os pontos que receberam o abastecimento de luz, gerado através do salto do Rio Caveiras.²⁰

O conhecimento que alemães trouxeram da Europa também foi usado na construção de casas, sobrados, prédios públicos, móveis, utensílios domésticos. Com a chegada do século XX, as casas da cidade de Lages sofreram transformações em resposta às prescrições dos códigos de posturas. O aspecto exterior dos prédios públicos e construções mudava e dentre esta mudança estavam algumas construções pensadas e desenvolvidas por alemães.

As famílias mais ricas importaram o *desing* de moradia de outros lugares de tal modo que Lages não tem mais residências com um estilo característico, que revelem uma tradição local.²¹ Neste mesmo período, casas com a frente do telhado abatido, no estilo de *chalet* germânico, passaram a fazer parte da paisagem lageana, segundo Victor Peluso

¹⁹ Maria Luiza Suiter Aquino. Entrevista citada.

²⁰ COSTA. Op. cit. p. 752 e 812.

²¹ PELUSO JÚNIOR, Victor Antônio. *Estudos da geografia urbana de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1991, p. 96.

Junior.²² Estas casas faziam parte da influência de alemães que viviam naquela cidade.

Licurgo Costa recorda que no início do século XX:

Os imigrantes mais abastados, passados cinco ou seis meses após terem se instalado na cidade, construíam retirados da cidade, em chácaras, casas de madeira pintadas de azul parecidas com aquelas que se vê às margens do Rio Reno.²³

Ele também recorda sobre dois destes alemães, que chegaram em Lages no começo do século e estabeleceram a construção de residências no estilo das construções do seu país natal:

Nicolau Werner e seu irmão Pedro Werner vieram da Alemanha aproximadamente em 1910 ou 1915. Eram católicos. Nicolau Werner morava perto do rio Ponte Grande [atual Conta Dinheiro]. Foi o primeiro fabricante de cerveja de Lages.

Pedro Werner: tinha uma casa muito bonita em estilo alemão e pintada de azul, chegando nos Índios. Também tinha uma olaria e uma marcenaria. Seus descendentes continuam no mesmo ramo de negócios ainda hoje.²⁴

As construções destas casas contaram com o trabalho de construtores que, por vezes, anunciavam os seus serviços, suas condições de pagamento, especialidades e endereços através da imprensa lageana. Um destes anúncios, da década de 1920, diz o seguinte:

²² Ibidem. p. 91-3.

²³ Licurgo Ramos Costa. Entrevista realizada de Florianópolis, 03 de fevereiro de 2000.

²⁴ Licurgo Ramos Costa. Entrevista realizada em Florianópolis, em 11 de maio de 1999.

Guilherme Lemerentz
*Pedreiro com longa prática oferece seus serviços
 concernentes a este trabalho.
 Trabalhos de fogão, forno, construção de casas, poços.
 Preços módicos.²⁵*

Um outro anúncio do início do século, aponta para o trabalho de um escultor dedicado à execução de trabalhos em pedra:

Clemente Hamitzsch
*Escultor e canteiro aqui estabelecido, oferece ao respeitável
 público os seus serviços prontificando obras de pedras de
 qualquer natureza, com urgência e por preços módicos;
 responsabiliza-se pelo transporte das mesmas para qualquer
 parte da região serrana.²⁶*

O projeto arquitetônico mais significativo de alemães em Lages foi, sem dúvida, o da catedral diocesana, por iniciativa dos Freis franciscanos sediados naquela cidade. Em 1907, foi formada uma comissão, sob a presidência do Frei André Noirhomme, para angariar fundos para a construção do templo. Em 1912, a coordenação dos trabalhos passou para as mãos do Frei Gabriel Zimmer, que articulou a arrecadação de fundos:

Frei Gabriel Zimmer começou a angariar, recursos, e ao saber que muitos fazendeiros tinham o habito de reservar terneiros para os seus santos de devoção, tratou de generalizar o gesto tradicional dos pecuaristas para reservar um terneiro anualmente para a construção da nova Matriz. Na época marcada, Frei Gabriel passava de fazenda em fazenda, para receber a doação, que os pecuaristas

²⁵ *Correio de Lages*, Lages, nº 8, 23 de agosto de 1924.

²⁶ *O Imparcial*, Lages, nº 21, 09 de outubro de 1901.

entregavam em valor. Assim foi conseguido os meios para angariar os fundos para a construção, através de diversos tipos de doações que provinham da comunidade.²⁷

Em 1912, a Comissão de Construção selecionou o projeto do arquiteto Augusto Scheidgen, da cidade de Bonn, Alemanha, dentre os sete projetos enviados pelo Superior da Ordem Franciscana Menor daquele país.²⁸ A construção, concluída em 1921, chegou a impressionar até o Cônsul Dittmar que, em visita a Lages em 1929, encantou-se com sua beleza e proporções no conjunto arquitetônico da cidade. Há que se considerar que esta construção, atualmente em reforma, ainda impressiona os visitantes (ver anexo IV). Segundo o cônsul:

Salta aos olhos a recém construída igreja de duas torres, sem dívida, das que conheço, a mais bonita do Estado.²⁹

O interior dos ambientes públicos e privados, em conjunto com o seu exterior, também recebeu novos olhares e novas funções. Durante o século XIX, nas casas dos fazendeiros lageanos:

Raramente havia assoalho ou teto. [...] Suas divisões comportavam uma ou duas peças maiores, uma para a sala de visitas e outra para o refeitório, alguns quartos, sempre pequenos, cozinha pequena e escura, despensa, quartinho de depósito para os urinóis. [...] Os quartos, via de regra, eram

²⁷ HILLMANN, Kátia Regina Borges. Catedral Diocesana – construção, reforma e as controvérsias de sua restauração interna. Encarte produzido pela Catedral Diocesana de Lages. 1999.

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ *Dienstreise des Konsuls Dr. Dittmar in Florianópolis über das Hochland des Staats Santa Catarina in das Tal Rio do Peixe (1929)* Bundesarchiv Berlin, R.57/474-29. Tradução do Prof. Dr. Valberto Dirksen.

internos – as alcovas – sem janelas para o exterior. [...] As janelas não tinham vidraça.³⁰

Nestas casas, a sala de visita, quando muito, possuía uma mesa pequena, em geral sem forro e com castiçal e vela de adorno; um ou dois bancos simples encostados às paredes, um ou dois tamboretas, raramente uma ou duas cadeiras toscas.³¹ Porém, durante o início do século XX, o interior das casas e prédios públicos de Lages recebeu a inserção de um mobiliário, que em alguns casos era importado da Europa³² e em outros era construído por artesãos alemães instalados na cidade:

Começaram a instalar-se em Santa Catarina excelentes marceneiros verdadeiros artistas que logo alcançaram renome no sul do País. Lages recebeu alguns deles, como João Floriani, que se tornou exímio fabricante de mobílias finas e Alfredo Rudolf, alemão, também excelente marceneiro.³³

Ou através de comerciantes que negociavam móveis mais simples, mais baratos do que aqueles oferecidos pelos reconhecidos artesãos, porém menos rústicos e desconfortáveis do que aqueles das casas dos fazendeiros:

*Max Kimmel
Rua Florianópolis (Casa José Formolo)
Fabricação de cadeiras, camas, cestas, jardineiras, mobília
completa com 8 peças desde 250\$000.
Trabalhos garantidos e prontidão na entrega.*

³⁰ COSTA. Op. cit. p. 442.

³¹ Ibidem. p. 453

³² Ibidem. p. 449-51

³³ Ibidem. p. 451

*Aceita-se quaisquer encomendas
Lages.
Tem sempre prontas: cestas de papéis, balaios, cadeiras,
cadeiras de crianças.
Entrega Imediata³⁴.*

Além das mudanças exteriores e interiores das casas, mudaram-se as práticas da vida privada. Segundo Maria Izilda Santos Matos, as transformações urbanas e a difusão de valores do capitalismo industrial do fim do século XIX trouxeram o aparecimento da noção de rentabilidade, eficácia do trabalho em todos os domínios, inclusive no espaço da vida doméstica, destacando-se a importância da limpeza e da higiene para a saúde e bem-estar da família.³⁵

A imprensa foi uma aliada das elites no combate a todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse comprometer o desejo de constituir uma sociedade civilizada, com base em padrões europeus.³⁶ Isso se dava através de editoriais sobre assuntos políticos, epigramas, sátiras e pedidos, colaborações literárias, folhetins com romances em voga, anúncios de teatro de revistas, pensamentos.

Os anúncios de venda e prestação de serviços foram, sem dúvida, um dos modos de financiamento desta imprensa. Jornais com seis páginas reservavam as duas últimas para os seus anunciantes, os quais divulgavam a venda de roupas, sapatos, ferramentas, utensílios domésticos, alimentos, remédios, serviços e assim por diante. É justamente neste setor do jornal onde se encontram representadas as atividades exercidas pelos trabalhadores e

³⁴ *Correio de Lages*, nº 143, Lages, de junho de 1927.

³⁵ MATOS, Maria Izilda Santos. Do público para o privado. In.: *Cedernos PAGU*, Campinas (SP): vol. 4, 1995, p. 99.

³⁶ *Ibidem*. p. 17.

pequenos comerciantes alemães ou de origem, que viviam em Lages (ver anexo V). Os anúncios que estes profissionais publicavam se destinavam a vender seus serviços, comunicar a chegada de novas mercadorias, mudanças de endereço, ofertas e liquidações, além de cobranças de dívidas.

Para tanto, algumas vezes os anúncios faziam apelos aos discursos da modernidade. A Ferraria Eigen, além de alardear seus préstimos, oferecia aos seus clientes uma boa diversidade de produtos de uso doméstico e pessoal. Entre estes, chama a atenção o lavatório, produto relacionado à higiene pessoal e que estava em discussão naqueles anos nos grandes centros do Mundo Ocidental:

Ferraria Eigen
Apronta-se com perfeição e brevidade todos os trabalhos da
arte como:
Fogões, lavatórios, mesinhas, gradis, machados, foices,
estribos, esporas, facões, etc e etc.
Concerta-se encanamentos d'água.
Serviço garantido.
Rua Quintino Bocayuva, próximo do Mercado.³⁷

No anúncio do hoteleiro Paulo Heidrich, a higiene aparece como um produto incluído nos serviços prestados a sua clientela:

Hotel Heidrich
Para a Rua Quinze de Novembro, sobrado do Sr. Coronel
Belizário Ramos, transferiu-se o Sr. Paulo Heidrich o hotel
que mantinha nesta cidade à Rua Rangel Pestana.

³⁷ *Correio de Lages*. Lages, nº 20, 18 de Junho de 1928.

*O Hotel Heidrich está muito bem montado em prédio amplo e muito higiênico*³⁸.

Este hotel pertenceu primeiramente Walter Walbroehl. Tratava-se de um estabelecimento modesto, de poucos quartos, que tornou-se popular na cidade devido a sua culinária alemã e ao seu *clube de Jogo de Bochas, o Kegel Club*, [que funcionava] *no quintal do seu estabelecimento, à esquina da Praça Matriz com a atual rua Frei Rogério (sic.)*³⁹ Este clube foi inaugurando em março de 1909 *com banquete e música e já contava com 20 sócios, na maioria de ascendência alemã.*⁴⁰

Diferentemente, o sapateiro Antônio Kecke usou do jornal como um meio para cobrar clientes devedores desaparecidos da sua vista e para divulgar liquidação de produtos:

*Antônio Kecke, estabelecido nesta cidade com casa de calçados, comunica a seus fregueses que está resolvido a liquidar seus calçados, por isso vende barato; assim como suplica a seus devedores a bondade de pagarem suas contas o mais brevemente possível. Comunica também que, por estar vendendo barato, não venderá a prazo a pessoa alguma.*⁴¹

Ou ainda para informar a freguesia do recebimento de novas mercadorias:

CRISTIANO BRASCHER JUNIOR

Avisa aos seus fregueses que acaba de receber para a sua casa comercial, um variado e esplendido sortimento de louças, ferragens e muitas outras miudezas, bem como

³⁸ *O Planalto*, Lages, nº 53, 16 de junho de 1918.

³⁹ COSTA. Op. cit. p. 904.

⁴⁰ *Ibidem*. p. 1439.

⁴¹ *O Imparcial*. Lages, nº 21, 09 de Outubro de 1901.

*macarrão de diversos formatos, de acreditadas fábricas de
Pelotas.
Lages – Rua Correia Pinto.⁴²*

Os estabelecimentos comerciais, por vezes, poderiam ser pontos de encontros. Em Lages, as farmácias, particularmente, atenderam a esta função. Licurgo Costa recorda que, durante os primeiros anos do século XX, havia apenas duas farmácias na cidade: uma era de propriedade de Joaquim Waltrick e atendia a clientela do Partido Republicano, enquanto que a outra pertencia a Otávio Ignácio da Silveira Filho e atendia a clientela da oposição.⁴³ Os clientes que freqüentavam este estabelecimento, além de exercitarem a oratória e o debate político, poderiam comprar remédios nacionais e estrangeiros, medicação homeopática, perfumaria, artigos de borracha, seringas, mamadeiras, farinhas alimentares e outros produtos.⁴⁴

Nas décadas seguintes, as farmácias também funcionavam como consultório para alguns médicos, como os anúncios da imprensa também indicam:

*Dr. Leo Sancott
Formado pela Universidade de Viena
Clínica Geral,
Moléstias venéreas, moléstias do pulmão e coração
Consultas: das 11 às 12 na Farmácia Popular;
Das 3 às 4 na Farmácia Flora.
Resid. Hotel Santa Catarina.⁴⁵*

*Dr. Jorge A C. Bleyer
Da Academia de Medicina do Rio de Janeiro*

⁴² *O Clarim*. Lages, nº 21, 22 de abril de 1911.

⁴³ Licurgo Ramos Costa, Entrevista realizada em Florianópolis, em 19 de janeiro de 2000.

⁴⁴ *O Planalto*. Lages, nº 53, 13 de junho de 1918.

⁴⁵ *Correio de Lages*. Lages, nº 125, 27 de janeiro de 1927.

Clinica especializada: moléstias de crianças, partos e operações obstétricas, cirurgia de acidentes causados por lesões traumáticas;
Clinica da Cruz Vermelha.
Consultas à pedido na Farmácia Flora, na Farmácia Popular e na Farmácia Waltrick.
Grátis a pessoas reconhecidamente pobres.⁴⁶

Os padres franciscanos também trabalharam com a área de saúde em Lages. Frei Rogério Neuhaus carregava uma farmácia portátil de homeopatia. Ele próprio ministrava os remédios aos que o procuravam ou àqueles aos quais interpelava. Durante o momento da consulta ele não perdia a oportunidade de rezar pelo paciente, evangelizando-o e instruindo-o de acordo com as suas convicções científicas e religiosas. Segundo Frei Hugo Baggio, este trabalho trazia *melhora para a saúde do corpo e do espírito da população.*⁴⁷

Lages também contou com um número significativo de alemães que eram médicos, dentistas ou parteiras. Alguns destes profissionais, ao se transferirem da Alemanha para Lages, publicavam uma pequena síntese do seu currículo no jornal, com o objetivo de divulgar os seus serviços:

Herminia Rudolf,
Diplomada na Alemanha,
residente em Lages á Rua Correia Pinto.
Atende chamada a qualquer hora.⁴⁸

⁴⁶ *Correio de Lages*. Lages, nº 157, 22 de setembro de 1927.

⁴⁷ BAGGIO, Frei Hugo D., OFM. *Frei Rogério Neuhaus – o missionário do Planalto Catarinense*. São Paulo: São Paulo. Edições Loyola e Vozes, 1983, p. 36.

⁴⁸ *A Notícia*. Lages, nº 11, 21 de março de 1914.

Julia Nuesser

Diplomada pela Universidade de Munich, tendo já trabalhado na Maternidade Santa Maria em São Paulo, oferece seus serviços profissionais, podendo ser procurada à qualquer hora do dia ou da noite em sua residência, à Rua Praça Cel João Ribeiro, n° 5⁴⁹

Médico – Operador – Parteiro

Dr. R. Sturmhöfel

Formado pela Universidade de Königsberg (Alemanha) com mais de 20 anos de prática na Alemanha e no Brasil.

Especialidade: doenças internas e parto.

Atende chamadas para fora.

Residência: Praça Vidal Ramos Sênior, 17, Lages.⁵⁰

Entre os profissionais da área de saúde que ofereceram seus serviços através da imprensa estão alguns dentistas como Guilherme Töper que, em 1918, assegurava aos seus pacientes *tirar dentes, fazer anestésias nos nervos sem dor, colocação de dentes artificiais e dentaduras duplas, chapas, pontes e coroas de ouro, correção de dentes tortos e cura de fistulas.*⁵¹ Estes argumentos foram usado por Ricardo Jung em 1928⁵², Frederico Struve em 1930⁵³ e Helmuth Prabst em 1945.⁵⁴

A imprensa de Lages dá conta de que estes profissionais atuaram nos mais variados campos profissionais, sendo que muitos deles trabalharam como funcionários públicos. O necrológico, escrito por ocasião da morte de um deles, em 1932, aponta para a trajetória de

⁴⁹ *O Lageano*. Lages, n° 345, 01 de abril de 1921.

⁵⁰ *O Lageano*. Lages, n° 345, 01 de abril de 1921.

⁵¹ *O Planalto*. Lages, n° 58, 18 de julho de 1918.

⁵² *Correio de Lages*. Lages, n° 177, 11 de março de 1928.

⁵³ *Correio de Lages*. Lages, n° 263, 07 de fevereiro de 1930.

⁵⁴ *Correio Lageano*. Lages, n° 316, 17 de novembro de 1945.

um alemão que ali se estabeleceu, vivendo naquela cidade por muitos anos, trabalhando e desempenhando o seu serviço de modo a atender as necessidades da referida comunidade:

Henrique Cristiano Carsten

Em avançada idade faleceu a 9 do corrente nesta cidade, o sr. Henrique Cristiano Carten. Tendo vindo da Alemanha quando ainda muito moço, fixou residência em nosso meio contraindo núpcias com D. Paulina Koeche, já há anos. Identificando-se desde logo com a nossa sociedade, exerceu diversos cargos públicos de relevo, conduzindo-se sempre com a máxima correção e lisura, sendo por todos que o conheciam, muito considerado e estimado o que justifica a grande concorrência que teve o seu enterro realizado no dia seguinte a sua morte e a grande quantidade de flores e coroas com que foi homenageado.

Aos seus dignos filhos "A Época" apresenta condolências.⁵⁵

Por traz dos anúncios de jornal existem histórias de vida, por vezes surpreendentes, que ficaram guardadas na memória desta sociedade através da oralidade e da escrita.

João Rath de Oliveira conta sobre o seu velho amigo que trabalhava com estofamento:

Frederico Schlege era um estofador excelente, muito amigo meu por sinal. Ele era um lutador. Trabalhou com Rosmar/Hosmach numa firma de móveis de Blumenau. Tinha umas idéias, era um artista. E, como todo artista, era temperamental. Então, às vezes, enquanto não se apertasse um tanto, atrasava o serviço, mas era trabalhador. Sempre lutando meio com dificuldade, com problemas. Depois tomava uns traguinhos de vez em quando. Ai, a freguesia que

⁵⁵ *A Época*. Lages, nº 253, 17 de julho de 1932.

*ele podia ter perdido a confiança. Mas os filhos trabalham até hoje no ramo de estofamento, estofaria.*⁵⁶

Otacílio Costa retomou a tradição oral para escrever sobre os técnicos existentes em Lages e se refere a uma *época em que para tudo há[via] técnicos, inclusive os técnicos em beber*.⁵⁷ O cronista quando escreveu tais palavras num dos seus artigos de *Lages de Outrora*, se referia a uma pessoa em especial:

Um tipo interessante de Lages de outrora, foi o professor Carlos Hindermann. Haverá quem por aqui se recorde dele? Há. Não faz muito tempo, o nosso amigo Manoel Domingues Arruda falou de Carlos Hildermann, falecido há talvez quase cinquenta anos. Era o que se chamava o 'professor de fazenda'. Eram, naquele tempo, de raros mestres e raríssimas escolas, os professores ambulantes que andavam de fazenda em fazenda ensinando os filhos dos fazendeiros. Três meses numa fazenda, quatro meses noutra, uns anos noutra e assim iam esses beneméritos professores particulares espalhando as luzes do céu, em regra, mingüado saber – e que preenchiam magnificamente a finalidade de ensinar a ler, escrever e fazer as quatro operações.

É bem de ver que isto se passava há mais de cinquenta anos.

O Carlos Hindermann não foi bem o que se chamaria um tipo de rua.

Todavia era muitíssimo conhecido nas ruas da pequena Lages de 1890. Passava um mês na fazenda lecionando e um belo dia chegava a passeio e ficava pelo menos trinta dias pelas ruas a caminhar e frequentar as casas de bebidas. Bebia tudo menos gengebirra por que ... não tinha álcool.

Inteligente e bom, era o alemão Hindermann, por que aquele tempo aqui apareceu vindo da longínqua e brumosa, Alemanha! Nostalgia, saudade, desta que no dizer do poeta

⁵⁶ João Rath Oliveira. Nascido em São Vicente de Paula, em 16 de junho de 1924. Entrevista realizada em Lages, em 13 de janeiro de 1998.

⁵⁷ COSTA, Otacílio. Lages de outrora. IN.: *Guia Serrano*. Lages, 04 de Fevereiro de 1945. Acervo particular gentilmente cedido por Licurgo Costa.

chora em cada canto, ele não tinha e se tinha afogava em copo de água malvada que os passarinhos não bebem. No inverno bebia porque estava com frio e no verão porque estava com calor. Não é verdade que os 'paus d'água' floresceram no inverno! Há os que tomam aperitivos durante as refeições antes, e, depois da refeição. Nesta época em que para tudo há técnicos, há também os técnicos em beber. Não bebem em lugares públicos: tomam aperitivos. Um dia o Dr. Joaquim Fiúza Carvalho, Juiz de Direito da Comarca, homem respeitável e acatado, proibiu a Hidermann o uso do álcool, 'sob pena de prisão'.

Protestou Hidermann respeitar religiosamente as ordens do Dr. Fiúza. O Dr. Fiúza, encontrou-o alcoolizado, andando pra lá e pra cá. Censurou-o fortemente. Hidermann concitou-o a prendê-lo, porém como o ato de violência, visto não ter bebido. A palavra 'bêbado' é formada do verbo beber e ele não tinha bebido, não sabia conjugar esse verbo, como se diz técnica jurídica-cumpridamente. Havia comprado uma garrafa da água malvada, comprou um bico de mamadeira e dia não mais haver bebido, porém não havia lei que proibisse de ... 'mamar uma cachacinha'. E o Dr. Fiúza achou nisso grande espírito, riu-se muito e daí em diante Hidermann, um bebê grande e barbado, continuou a mamar esse líquido que faz a delícia dos 'paus d'água' e que nele afogaram as magoas incoercíveis da vida!

E aí está, como o velho, antigo e inteligente professor de fazenda, teve direito a um cantinho em Lages de Outrora. (sic.)⁵⁸

O alcoolismo de Carlos Hidermann talvez estivesse relacionado a uma depressão ou a algum drama existencial, haja vista que ele morre em 1890, ano em que foi visto muitas vezes alcoolizado pelas ruas da cidade. Ele era natural da Prússia e morreu na casa de José Nicolau Barbosa da Silva, no distrito de Nossa Senhora do Patrocínio dos Baguais, atualmente Campo Belo, antiga freguesia de Lages. No arrolamento de seus bens, feito por

⁵⁸ COSTA, Otacilio. Lages de outrora. IN.: *Guia Serrano*. Lages, 04 de Fevereiro de 1945. Acervo particular gentilmente cedido por Licurgo Costa.

ocasião de seu falecimento, observa-se que não constam bens de raiz, apenas de alguns objetos velhos, segundo o juiz de paz, Marcos Madruga Cordova.

*2 dicionários: Português/ Francês
 1 livro de literatura, e algumas gramáticas, e muitos papéis escritos sem valor,
 1 égua mansa velha,
 1 relógio de parede,
 1 algibeira,
 1 anelão de prata
 1 chapéu,
 1 par de bruacas acanastradas,
 1 chicolateira de ferro
 1 orinol
 1 colher de prata
 1 colher de metal,
 1 faca de mesa
 e mais objetos velhos sem valor, bem como vi [?]
 1 badana de pano bordado em lã, e sobrecinho e
 1 lombinho velho. (sic.)⁵⁹*

O arrolamento dos bens de Carlos Hindermann confirma a sua vida de professor de fazenda, que no lombo de uma mula, circulou pela vastidão dos campos de Lages, carregando poucos objetos pessoais, além de algum material de trabalho. Outros professores de etnia alemã também atuaram na cidade, no final do século XIX. Seguramente entre estes últimos estão Carlos Aven, Rodolpho Schüller, Antônio Einecke e o franciscano João Chrisóstomos Adams.⁶⁰

Cinco anos após a morte de Carlos, lia-se na Gazeta de Lages:

⁵⁹ Arrolamento (1890) Carlos Hindermann. Cx M. 10.

⁶⁰ COSTA. Op. Cit. p. 1001 e 1004.

Há quase dois meses está funcionando a escola particular sob a direção do abaixo assinado, nesta cidade.

Ensina-se português, alemão, matemática, história universal, geografia e todas as matérias do ensino primário.

Mensalidade por aluno: 5\$000.

Lições noturnas conforme se convencionar.

Lages, 14 de novembro de 1895.

*O professor
Henrique Kaut.⁶¹*

Durante as primeiras décadas do século XX, começaram a difundir-se escolas primárias pelas freguesias de Lages. Segundo relatório publicado na imprensa lageana, em 1920 havia 12 escolas municipais subvencionadas, 8 estaduais e 24 particulares. Algumas vezes, as aulas eram ministradas em pontos de ensino. Fizeram parte do processo de escolarização do meio rural de Lages Edelvina César Strugo e Guilherme Ernesto Henning, os quais lecionavam em Rio Bonito e Júlio Max e Arnaldo Stephen no Cerrito.⁶²

Contudo, o trabalho mais expressivo de alemães na área de ensino se deu por parte dos padres franciscanos que, em 1896, fundaram o Colégio São José, destinado à instrução masculina. Também as Irmãs da Divina Providência, por incentivo de Frei Rogério, em 1901, fundaram o Colégio Santa Rosa de Lima, destinado à instrução feminina, como já foi mencionado anteriormente.

O colégio São José foi construído sob a responsabilidade de Frei Feliciano Schlag, de Blumenau, que trouxe consigo uma equipe de pedreiros e carpinteiros. Uma vez

⁶¹ *Gazeta de Lages*. Lages, nº 136, 01 de dezembro de 1895.

⁶² *O Lageano*. Lages, 23 de fevereiro de 1920.

concluída a obra, a instituição passou a oferecer instrução de primeiro e segundo graus para alunos internos e externos. Em 1903, o colégio São José, dirigido pelo Padre João Chrisóstomos - aquele que também foi professor de fazenda - chegou a ser equiparado com o Ginásio Nacional, do Rio de Janeiro. Anos mais tarde encerrou suas atividades para reiniciá-las em 1929.⁶³

Como se procurou demonstrar, inicialmente vieram as negociações pelas quais técnicos alemães, ou descendentes destes, estabeleceram relações comerciais, prestando serviços, depois vieram às trocas de conhecimento, as adaptações aos recursos materiais disponíveis e as necessidades específicas daquela comunidade. Desta relação frutificaram muitas alianças familiares através dos casamentos interétnicos.

Estas uniões foram observadas neste estudo inicialmente através da tradição oral e, posteriormente, através dos registros de batismo da Paróquia Nossa Senhora dos Prazeres, onde se encontram registrados os nomes dos pais e avós das crianças batizadas naquela freguesia, sobretudo no período referente ao século XIX e início do XX⁶⁴; registros de batismos, referentes ao século XX⁶⁵; processos cíveis da Comarca de Lages; colunas sociais dos jornais de Lages, onde as famílias mais abastadas mandavam publicar notas comemorativas a celebrações de noivados, casamentos, nascimento dos filhos, batizados, aniversários natalícios e de casamento, além de notificações de óbito.

Os registros de casamento e nascimento consultados indicam muitas transformações na grafia dos nomes de famílias alemãs, haja vista que os escreventes, sendo luso-

⁶³ COSTA. Op. cit. p. 1011-12.

⁶⁴ Livro nº 1, dos Registros de Batismo da Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres de Lages.

⁶⁵ Coleções de Registros de Nascimentos de Lages, referente ao início do século XX.

brasileiros, não tinham conhecimento da grafia dos nomes alemães. Outra particularidade que se verifica na documentação é que, em alguns casos, os filhos herdavam o nome da família da mãe, como aconteceu com os filhos de *Christiano Küster*, como se observa na descrição dos herdeiros, contidas no *Inventário Pobre*:

Pai: Christiano Küster + 01/10/1893
Mãe: Sebastiana d'Almeida Camargo Küster,
F1 Joaquina Kuster Camargo, com dezesseis anos, solteira,
F2 Francisco Küster Camargo, com quatorze anos, solteiro,
F3 Silvano Küster Camargo, com doze anos, solteiro,
F4 Antonio Kuster de Camargo, com dez anos, solteiro,
F5 Anna Maria Kuster de Camargo, com sete anos, solteira,
F6 João Maria Kuster Camargo, com 6 meses, solteiro.⁶⁶

Segundo o Padre Andreas Wiggers, as uniões interétnicas eram mal vistas pelos alemães e seus descendentes. Os mais velhos temiam que os mais jovens se *acaboclisassem* com tais casamentos, vindo a se afastar dos valores da cultura alemã, a qual eles tentavam preservar geração após geração.⁶⁷ No entanto, eles não percebiam que há muito tempo eles próprios já haviam se afastado de tais valores, por mais que ainda mantivessem uma ligação afetiva com a memória dos seus antepassados em sua trajetória da Alemanha para o Brasil.

Recordando Roger Chartier, *nenhum sistema normativo é de fato suficientemente estruturado para eliminar toda possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou*

⁶⁶ Inventário Pobre (1895) Christiano Küster. Cx. M8, p. 2 e 3.

⁶⁷ Padre Andreas Wiggers. Entrevista citada.

*interpretação das regras, de negociação.*⁶⁸ Os propósitos dos mais velhos muitas vezes não foram suficientemente fortes para anular os mais jovens em suas intenções de trilharem uma trajetória diferente daquela que lhes era imposta, não só no que se refere ao matrimônio como também a outros aspectos de suas vidas.⁶⁹

Na casa de Frederico Feldhaus Filho e Apolônia Pereira só se falava em alemão.⁷⁰ Eles se mudaram da área rural de Tubarão, Rio Fortuna, para a área rural de Lages, Bocaina do Sul, por recomendações médicas, em virtude do adoecimento de Frederico, como Elizabeth recorda:

*Eles fizeram uma coivara, puseram fogo no mato. Era mato virgem. Eles foram apagar o fogo para não ir para a terra dos vizinhos e antes de chegar em casa ele apanhou uma trovoada. Daí o papai foi pra cama e ficou muito tempo de cama. Ele perdeu a visão, mas a mãe não sabia que ele tinha ficado cego, que não enxergava. Então um dia a mãe disse:
- Levanta papai que o dia está bem bonito!
Daí ele chegou na porta e disse assim:
- Você disse que o dia está bonito, mas a lagoa está cheia de neblina! Vai chover de novo.
Daí a mãe viu que ele não enxergava. Aquele dia tinha um sol bonito.
Ele se tratou em Blumenau. Um irmão da mamãe, o tio João, sempre ia junto pra levar o papai até Blumenau. Daí veio um destes que consulta em casa, um médico ambulante. Este médico mandou o papai ficar uns quinze dias na região da serra. Daí ele veio pra Lages e ficou bem melhor da vista. Daí o médico mandou o papai vender tudo o que tinha lá em baixo, vir de muda serra acima, para curar a vista, que ele aqui ia ficar bom e enxergar de novo.*⁷¹

⁶⁸ CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. In.: *Estudos Históricos*: Rio de Janeiro, vol. 7, nº 13, 1994, p. 102.

⁶⁹ *Ibidem*. p. 102.

⁷⁰ Elizabeth Feldhaus Martinhago. Entrevista citada.

⁷¹ Elizabeth Feldhaus Martinhago. Entrevista citada.

Elizabeth não recorda sobre o grau de aceitação da união com o seu pai e sua mãe quando antes, ainda jovens, resolveram se casar. No entanto, pelo menos dois fatos foram importantes para que a família Feldhaus viesse a ter consideração por Apolônia: o domínio que tinha do idioma alemão e as dificuldades que enfrentou ao migrar para longe da sua família em virtude da doença do marido:

A família do meu pai, os Feldhaus, chamava a minha mãe de Pereirinha. Eles sempre elogiavam a mãe porque com aqueles filhos todos ela enfrentou a mudança para cá. Não teve medo de criar os filhos longe deles lá e enfrentar as dificuldades com o papai doente. Eles elogiavam muito a minha mãe e a coragem que ela teve.⁷²

Até onde se pode verificar, diferentemente da família Feudhaus, em Lages os casamentos interétnicos representaram o abandono do idioma alemão.

Alguns destes casamentos estavam dentro dos padrões legais e eclesiásticos, outros não. Em 1892, por ocasião da morte de João Buing, a Justiça da Comarca de Lages estabeleceu um processo para arrecadação dos bens do finado. Esta prática judiciária tinha objetivo de recolher impostos em cima dos bens dos que haviam morrido.

João Buing não tinha herdeiros e coabitava com Maria Ignácia dos Santos. Na ocasião, Jorge Knoll levantou o boato de que o falecido tinha mulher e filhos em Teresópolis. Para resolver este impasse, João Antônio Correia Lima, terceiro suplente do Juiz de Direito, primeiro interrogou judicialmente Maria Ignácia:

⁷² Elizabeth Feldhaus Martinhago. Entrevista citada.

Perguntando se ela Maria Ignacia dos Santos morou em companhia do finado João Buing e, há quanto tempo morava em companhia daquele finado?

Respondeu que morou em companhia de João Buing, desde o ano de mil oitocentos e oitenta e seis, até a data do falecimento do mesmo.

Perguntando qual a nacionalidade, o estado e profissão, assim como a residência e mais ainda a idade e o dia que faleceu o referido João Buing?

Respondeu, era natural da Alemanha, dizia ser casado, carpinteiro e negociante, neste arraial do Painel onde residia, que faleceu de trinta a quarenta anos de idade.

Perguntando se há neste arraial herdeiros daquele finado?

Respondeu que não.

Disse mais que houve engano quando disse que ele dizia ser casado; pois que ele dizia ser solteiro. Disse mais que Jorge Knoll dizia que o finado João Buing era casado e que tinha filhos.⁷³

Logo a seguir foi interrogado Jorge Knoll, com trinta e um anos de idade, casado, natural da Alemanha, empregado público, residente no distrito do Painel, em Lages:

Perguntando se sabe que João Buing tinha ou não casa neste Arraial?

Respondeu que tinha uma casa neste arraial; que João Buing vendera esta casa ainda em construção a Victor Damasceno. [...]

Disse finalmente por lhe ser perguntado que não sabe se João Buing era ou não casado, sendo certo que o finado tem pai e mãe que são residentes em Teresópolis deste Estado, com o apelido de Buing.⁷⁴

⁷³ Arrecadação de bens do finado João Buing (1892). Cx. M 9.

⁷⁴ Ibidem.

Durante o processo, Maria Ignácia relata que seu companheiro, João Buing, e Jorge Knoll *conversaram a portas fechadas, no leito de morte, poucos momentos antes do falecimento. E que ela, não tem conhecimento do conteúdo da conversa.*⁷⁵

Este processo permite tecer considerações sobre as relações que envolviam homens e mulheres nos campos de Lages. Os homens, ausentando-se por longos períodos para trabalhar ou realizar negócios, sentiam-se à vontade para manter mais de uma família. Por vezes, iam e não voltavam mais. Em 1896, Deolinda da Silva Motta solicita ao Juiz da Comarca de Lages autorização para vender uma casa, sem o consentimento de seu marido, Carlos Schetelig, já que o mesmo havia se ausentado da cidade, tendo a abandonando há muitos anos:

*Diz D. Deolinda da Silva Motta, residente nesta cidade que tendo necessidade de vender uma casa de meia água sita na rua Quintino Bocaiuva, não só para com o produto da venda ocorrer as suas despesas, como também por estar a referida casa em completa ruína, ameaçada até de desmoronamento, e não ter a suplicante meios pecuniários para repará-la, - sucede que achando-se ausente há cerca de vinte e três anos, o seu marido Carlos Schetelig de cujo paradeiro não há notícias, é impossível a suplicante obter o necessário consentimento. (sic.)*⁷⁶

Os casamentos interétnicos em Lages, no que tange o universo desta pesquisa, se deram entre pessoas de origem alemã com pessoas de origem italiana e, sobretudo

⁷⁵ Ibidem.

⁷⁶ Justificativa de Ausência (1896). Justificante: Deolinda da Silva Motta; Justificado: Carlos Schetelig. Cx D.

portuguesa. Tais uniões permitiram que valores e conceitos de vida fossem negociados com o implemento de novas práticas lingüísticas por parte de indivíduos que abandonaram o uso do idioma alemão no interior da vida cotidiana para passarem a falar o português. A Irmã Serafina Scos, filha do artesão Vitorino Scos e Benta Umbelina Scheilisting, recorda sobre os motivos que levaram os seus pais a abandonarem o idioma materno:

Ela gostava de falar alemão, mas quase não tinha ninguém que pudesse falar com ela. O pai era italiano e também não falava italiano com ninguém porque não tinha ninguém para entender ele! Então ela sempre falava em português com os filhos e com o marido ela também falava o português porque era a língua em que eles se entendiam. Assim o alemão ficou de lado e o italiano também. Só funcionou a língua brasileira.⁷⁷

Em Lages, os casamentos entre pessoas do grupo étnico germânico e pessoas de outras etnias representaram a união de material genético, valores culturais e materiais. Considerando que estes dois grupos, em boa parte do tempo, não se opuseram, e que a identidade é uma construção que se elabora entre grupos que estão em contato e se opõem, concluo que, em Lages, os conflitos não foram suficientemente fortes, ou estruturados, para que os descendentes de alemães que ali viviam dessem manutenção a um sentimento de identidade étnica.

⁷⁷ Irmã Serafina Scos. Entrevista citada.

Considerações Finais

Ao finalizar esta dissertação, não restam dúvidas de que a memória é composta por aspectos fugidios, desconexos e fragmentados, e que a história é a tentativa de estabelecer alguma ligação entre estes aspectos, a partir dos questionamentos que o historiador faz ao passado.

A memória possui uma faculdade social de reter idéias, impressões e conhecimentos anteriormente adquiridos. Simultaneamente, ela também contém uma faculdade política expressa através de um exercício dialético constante que parte dos questionamentos do presente para as recordações do passado. Estas versões sobre o passado podem ser usadas como elementos para constituírem sentimentos de identidade, tanto individual, quanto coletiva.

Considerando que memória e identidade são construções políticas e sociais, entendo que os historiadores do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina ao evocarem insistentemente os nomes de homens desbravadores e pioneiros - que, em teoria, teriam participado da construção dos estado catarinense - direcionaram a construção de um sentimento de identidade específico, onde a diversidade humana foi esquecida. Neste sentido, este trabalho buscou mostrar que, num primeiro momento, a memória foi usada

para construir uma identidade nacional, particularmente através dos discursos dos institutos históricos. Posteriormente, através de novas abordagens de investigação histórica, a memória foi usada como uma categoria de investigação para dialogar com a diversidade etno-cultural-religiosa dos indivíduos.

Os estudos da memória promoveram uma mudança na historiografia através da abordagem memória-identidade que vem instrumentalizando as discussões a respeito dos objetos de pesquisa, das noções fragmentadas e subjetivas do tempo, além da construção política do conceito de identidade dentro do saber histórico. Esta perspectiva de análise histórica viabilizou a investigação da construção de laços sociais estabelecidos por alemães e seus descendentes através de racionalidades e estratégias acionadas para mediar suas relações de tensões e conflitos, negociações e alianças dentro da sociedade lageana.

Ora confirmando, ora contradizendo, suas falas dialogam com toda uma documentação que registrou a entrada destes imigrantes nos campos de Lages como agricultores e, na cidade, como trabalhadores urbanos. Alguns destes imigrantes se afirmaram economicamente oferecendo mão-de-obra especializada para uma elite local a qual aspirava aos confortos da modernidade, mas que não contava com profissionais conhecedores das novas técnicas, usadas na construção de mobiliário, prédios, utensílios domésticos, relógios e assim por diante. Estes profissionais também encontraram um bom espaço consertando produtos importados pois eram possuidores de conhecimentos de mecânica desconhecidos pelos trabalhadores lageanos.

Contudo, há que se considerar que, além de conhecimentos técnicos especializados e de bens materiais, eles negociaram muitos valores ao se adaptarem à realidade local, estabeleceram uniões matrimoniais interétnicas e, logo a seguir, com grande frequência,

abandonaram o uso do idioma materno. Apesar desta trajetória de negociações, ainda hoje alguns deles guardam na memória a lembrança quase romântica dos seus antepassados alemães.

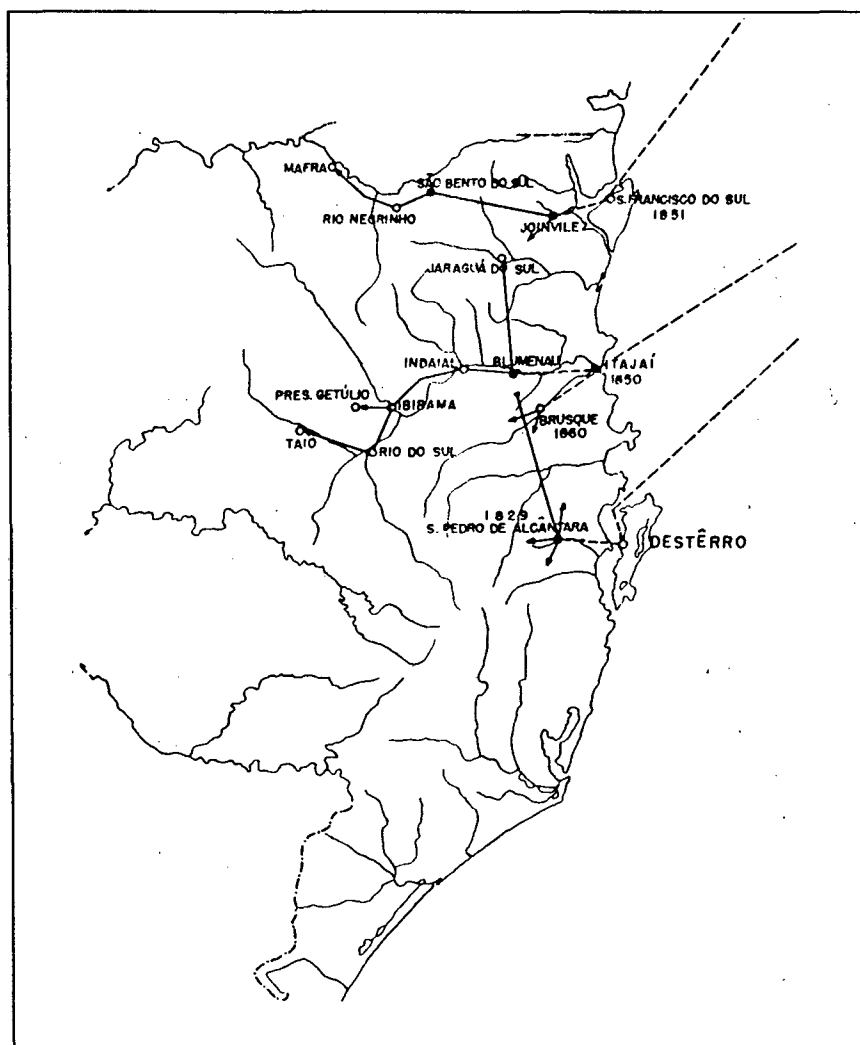
Uma vez ali estabelecidos, estes indivíduos vivenciaram toda sorte de situações desde as condições de miserabilidade e, até, de assassinatos passando também por conflitos religiosos e culturais. De qualquer forma, eles conseguiram viver e sobreviver a um modo de vida que não lhes foi dado nem na Alemanha, nem nas colônias do Sul do Brasil onde haviam estado anteriormente. Em Lages, alguns chegaram até à condição de fazendeiros e donos de escravos.

O término desta dissertação não significa um ponto final na pesquisa. Representa, antes e apenas, algumas conclusões possíveis, a partir da perspectiva da memória, sobre a construção dos laços sociais estabelecidos pelos alemães e seus descendentes com a sociedade lageana.

Anexo I

Mapas da colonização do estado de Santa Catarina contidos na publicação de 1982 do autor Walter Fernando Piazza, intitulada *A colonização de Santa Catarina*.

Colonização Alemã



Anexo II

Índice de Solicitadores de Títulos de Concessão de Terras do Estado de Santa Catarina, referente à cidade de Lages. Coleção do Arquivo Público de Santa Catarina

Bernardo Assinke	Rio Bonito	1922
Miguel Francisco Driesen	Rio Canoas	1921
Carlos Einecke	Fazenda do Cardoso	1924
Manoel Siebert Calistro	Fazenda dos Cardoso	1924
Pedro Werner	Fazenda dos Cardoso	1924
Antônio Ricken de Amorin	Serra do Canoas	1881
Christiano Schlickting	Serra da Barroca	1922
Fritz Gofferje	Serra da Barroca	1920
Adolfo Konder	Invernadinha da Caneleira	1923
Bernardo Hemkemeyer	Fazenda do Figueiredo	1923
	Faxinal do Pessegueiro	1923
Germano Hemkemeyer	Faxinal do Figueiredo	1923
Humberto Kauling	Fazenda do Figueiredo	1923
Jacob Wiggers	Fazenda do Figueiredo	1923
Jorge Schlemm Sobrinho	Fazenda do Figueiredo	1922
Mathilde Schlemm	Fazenda do Figueiredo	1922
Miguel Tertskitsch	Fazenda do Figueiredo	1922
Victor Conde de Westerp	Fazenda do Figueiredo	1922
Antônio Gaspar Schlickting	Fazenda Santo Antônio do Caveiras	1923
Arbues Gaspar Schlickting	Fazenda Santo Antônio do Caveiras	1923
Alfredo Bernardo Schlichting	Matador	1922
	Ponte do Rio Matador	1921
	Faxinal da Água Branca	1921
Hugo Groettner	Rio Matador	1920
Bernardo Böell	Bom Retiro	1919
Carlos Mayer	Bom Retiro	1919
Eugênio Dahne	Campos Novos do Sul	1920
	Barreirinho	1920
	Furua	1920
Emílio Huntze	Mato dos Índios	1922
Leopoldo Knoblauch	Alto Serra do Ilhéu	1923
Augusto Schmam	Faxinal do Pessegueiro	1923

Cristiano Likmam	Faxinal do Pessegueiro	1923
Henrique Wiggers	Faxinal do Pessegueiro	1923
	Faxinal do Tanque	1920
Oliverio Ribeiro Lippermann	Lambedor	1929
Jorge Schulmacker	Macacos	1865
Manoel Werlich	Cortume Velho	1921
Walter Hoschl	Posse dos Albanos	1926
Carlos Meyer	Rio de Traz	1920
Nicolau Antônio Ketzner	Riosinho	1923
Antônio Hemkemeyer	Rio Gabiroba	1921

Anexo III

Os dados abaixo indicados representam um cruzamento de informações levantadas, por amostragem, pelo Professor Beat Richard Meier com as informações contidas na publicação de Aderbal João Philippi, referente a colônia de São Pedro de Alcântara.

Família Backes (Philippi, p. 349)

Livro 35	Cecília Pai: Jacob Backes	Folha 149
----------	-------------------------------------	-----------

Família Bergmann (Philippi, p. 349)

Livro 20	Henrique	Folha 24
Livro 20	Maria Eva Pai: Henrique Bergmann	Folha 79
Livro 31	Carícia Pai: Fernando Henrique Bergmann	Folha 118

Família Conradi¹ (Philippi, p. 139)

Livro 24	Emilio	Folha 83
Livro 26	Amelia Pai: Nicolau Conrad	Folha 90
Livro 28	Bernardina	Folha 42
Livro 28	Maximiana Pai: Miguel Nicolau Conrad	Folha 156

Família Köche² (Philippi, p. 197)

¹ Ibidem, p. 139. Família CONRADI – nome grafado com erro.

² Ibidem, p. 197. Família KÖCHE – nome grafado com erro.

Livro 16	Carolina	Folha 88
Livro 19	Josefina	Folha 39
Livro 22	Maria Paulina	Folha 31
Livro 25	Izidoro	Folha 2
Livro 25	Virgilio	Folha 14
Livro 27	Juvencio	Folha 48
	Pai: Leonardo Koeche	
Livro 29	Basilissa	Folha 63
	Pai: Leonardo Koeche Júnior	

Família Neckel³ e Becker⁴ (Philippi p. 129)

Livro 1 / nº 5	Mathias * 12/01/1841 (registro realizado em 13/08/1853)	Folha 8
Livro 1 / nº 8	Jorge * 25/08/1847	Folha 21
	Pais: Antonio Neckel e Anna Becker	
Livro 1 / nº 6	Antonio *09/02/1838 (registro de 10/02/1838)	Folha 2
	- Pais: João Nekel e Anna Barbara;	
Livro 1 / nº 7	Deogsacia *11/10/1846	Folha 47
	Pais: João Nacle (estrangeiro) e Anna Alves (estrangeira)	

Família Ostermann⁵ (Philippi p. 240)

Livro 1 / nº 7	Anna * 09/10/1845	Folha 25
	Pais: Luis Ostermann e Catharina Poni	
Livro 1 / nº 8	Mathias * 12/03/1848	Folha 46
	Pais: Luiz Ostermann e Catharina Ostermann	

Família Reuter (Philippe p. 267)

³ Ibidem. p. 238 Família NECKEL - avós paternos Jacob Nekel e Maria Gerturdes; avós maternos João Alfen e Catharina Me(?)a.

⁴ Ibidem p. 129.

⁵ Ibidem, p. 240 Família OSTERMANN – possível erro com o nome da esposa de Luiz Ostermann.

Livro 22	Cristina	Folha 10
Livro 22	Maria Maximimana	Folha 128
Livro 24	Carolina	Folha 28
Livro 26	Anaelita	Folha 15
Livro 29	Jorge	Folha ?
	Pai: Nicolau Reuter	

Família Schmidt (Philippi pp. 278-293 e 337)

Livro 13	Felippe Pais: Felippe Schmidte Felisbina Maria Michaels⁶	Folha 145
Livro 17	Rita Pai: Carlos Schmidt	Folha 30
Livro 31	Amelia Pai: Carlos Schmidt Junior	Folha 39
Livro 31	Julia Mãe: Emma Alves Schmidt	Folha 52
Livro 35	Frederico Pai: Valentino Vieira Schmidt	Folha 72
Livro 28	Adolpho	Folha 68 v
Livro 34	Sebastião	Folha 169
	Pais: Rudolpho Schmidt e Maria Clara de Oliveira Ramos	
Livro 31	Juvenal Pais: Luiz Schmidt	Folha 107

Através desta pesquisa verifica-se que a família da mãe do Governador *Felipe Schmidt*, *Felisbina Michels⁷* casada com *Johann Philipp Schmidt*, era de São Pedro de Alcântara e mudou-se para o Planalto Lageano em meados do século XIX.

⁶ Ibidem. p. 226-32. Família MICHELS.

⁷ Ibidem. p. 227. Família MICHELS.

Família Schneider (Philippi p. 295)

Livro 1 / nº 8	Catharina * 05/06/1847	Folha 12
	Candida * 03/12/1848	Folha 74
	Pais: Pedro José Schenaider e Anna Maria Bona	
Livro 30	Lourenço	Folha 39
	Pai: Carlos Elias Schneider	
Livro 31	Mauricio	Folha 20
	Pai: Alberto Elias Schneider	

Família Schuhmacher⁸ (Philippi p. 296)

Livro 12	Marien (?)	Folha 51
Livro 13	Manoela	Folha 83
Livro 15	Carolina	Folha 11
Livro 16	Felipe	Folha 46
Livro 16	Umbelina	Folha 4
Livro 18	Manoel	Folha 13
Livro 22	Honorato	Folha 28
Livro 27	João	Folha 59
Livro 28	Estancio	Folha 64
Livro 31	Isolina	Folha 39
	Pai: Jorge (?) Schuhmacher	

Família Waldrich⁹ (Philippi p. 315)

Livro 1 / nº 6	Maria * 26/05/ 1838	Folha 10
Livro 1 / nº 6	Ignacio * 07/04/1844 ¹⁰	Folha 52
Livro 1 / nº 6	Ignacio * 02/01/1843 ¹¹	Folha 53 v
Livro 10	João	Folha 1
Livro 11	Lourenço	Folha 17
Livro 21	Benvinda	Folha 47
Livro 22	Felisberta ¹²	Folha 60
Livro 22	José	Folha 166
Livro 22	Virginia	Folha 4

⁸ Ibidem, p. 296. Família SCHUHMACHER.

⁹ Ibidem, p. 314-5, Família WALDRICH – esta listagem pode apresentar confusões em decorrência dos numerosos filhos e da repetição de nomes com as sucessivas descendências. O nome desta família pode ser encontrado com Waltrich, Waltrick, Valtrique.

¹⁰ Não consta no testamento de Lourenço Waltrich. Cx. N5, p. 7. Acervo do Judiciário Catarinense.

¹¹ Não consta no testamento de Lourenço Waltrich. Cx. N5, p. 7. Acervo do Judiciário Catarinense.

¹² Não consta no testamento de Lourenço Waltrich. Cx. N5, p. 7. Acervo do Judiciário Catarinense.

Livro 24	Julia	Folha 32
Livro 25	Maria Custodia	Folha 50
Livro 27	Antonio	Folha 15
Livro 27	Guilherme	Folha 117
Livro 28	Ignez ¹³	Folha 4
	Pai: Lourenço Waltrich	
Livro 13	Felicidade	Folha 77
Livro 13	Pedro	Folha 3v
Livro 14	João	Folha 34
Livro 16	Luiza	Folha 32v
Livro 18	Manoel	Folha 60 (?)
Livro 20	Francisco	Folha 64
Livro 20	Manoel	Folha 23
Livro 22	Candido	Folha 35
Livro 22	Sergio	Folha 146
Livro 24	Maurilho	Folha 64
Livro 26	João	Folha 6
Livro 29	Antonio	Folha 144
	Pai: Antonio Waltrich	
Livro 29	Firmino	Folha 44
	Pai: Antonio Waltrich Junior	
Livro 14	Anastacia	Folha 30
Livro 16	Clara	Folha 31
	João	Folha 12 v
	Pai: Pedro José Waltrich	
Livro 16	José	Folha 72 v
	Pai: Sebastião Waltrich	
Livro 22	Emília	Folha 116
Livro 24	Bernardina	Folha 71
Livro 26	Paulina	Folha 48
Livro 28	Joaquim	Folha 109
	Pai: João Severiano Waltrich	
Livro 22	Joaquina	Folha 77
	Pai: João S. Waltrich	

¹³ Não consta no testamento de Lourenço Waltrich. Cx. N5, p. 7. Acervo do Judiciário Catarinense.

Livro 22	João	Folha 77
Livro 24	Francisco	Folha 26
Livro 25	Galvinda	Folha 10 (?) 18
Livro 27	Ignez	Folha 63
Livro 28	Maria	Folha 2

Pai: Lourenço José Theodoro Waltrich

Livro 27	José	Folha 90
----------	------	----------

Pai: Carlos José Waltrich

Família Werner (Philippi p. 320)

Livro 31	Edmundo	Folha 48
Livro 35	Luiza	Folha 106 v

Pai: José Pedro Werner¹⁴

¹⁴ Ibidem. p. 3120 Família WEBER.

Anexo IV



Catedral N. Srª dos Prazeres Prefeitura Municipal junto à Praça João Ribeiro

Anexo V

Levantamento realizado a partir de anúncios de jornais da cidade de Lages, referentes ao período de 1889 a 1945, depositados na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. Observo que as coleções consultadas estão incompletas.

Comerciantes

Armazém de Mário Grant

Banco de Lages de Mário Grant, Álvaro Ramos Vieira, Ataliba da Costa Ávila, Walter Hoeschel, Tito Bianchini, João Cruz Júnior, Estácio Neves:

Bilhar e Botequim de José Beller

Café Esperança de Roberto H. Beller

Casa de artigos masculinos e femininos de Francisco May

Casa de calçados de Antônio Keche

Casa de sapatos de Schwahn

Casa de secos e molhados de Antônio Schlischting Filho

Casa de secos molhados Wolff

Casa de sementes de Carlos Schuwahn

Casa de tecidos de Jacques Schweidzon

Casa de variedades Shwahn

Casa ferragens e sortimentos domésticos de Christiano Brascher Júnior

Comerciante de João Burger

Compra leite e vende manteiga e queijo de Guilherme Lewerentz

Comprador de couro na Casa Schmidt por Werner Gosch

Comprador de ouro: Henrique Olinger

Hotel Heidrich de Paulo Heidrich

Importação e Exportação de André Wendhausen

Loja de calçados de Altino Schmidt

Loja de materiais de construção de Valente Werner

Loja de sementes José Schweitzer

Padaria de Emílio Burger

Papelaria de Ewaldo Chaefer
 Pomar Esperança de C. Roberto Stüpp:
 Procurador da Firma Antunes & Mohrmam: João José Rath
 Relojoaria e Casa de jóias e óculos de Paulo Baier
 Relojoaria Ervin
 Representante da Fábrica Wallig & Cia de Porto Alegre Ewaldo Chaefer
 Representante da Hoepche de Walter Hoeschel
 Restaurante do Comércio de Theodoro Wehrmann
 Restaurante Estrela de Henrique Walbröhl
 Salsicharia de Theodor Wehrmann
 Tabacaria de Celso Schmidt
 Venda de fumo e bebida de Federico Rehl e Pedro Nicolau Schmitt

Trabalhadores urbanos e industriais

Agrimensor e Advogado João José Rath
 Agrimensor e engenheiro Roberto M. Grothe
 Agrimensor Hugo von Mörss
 Agrimensor João S. Waltrick:
 Agrimensor Lourenço Waltrick
 Alfaiataria de João Dias Bräscher
 Alfaiataria de João Naschenweg
 Cirurgião dentista Frederico Struve
 Cirurgião dentista Helmuth Prabst
 Clínica dentária de Guilherme Töpker
 Gabinete dentário Ricardo Jung:
 Clínico geral Leo Sancott:
 Construtor Paulino Schaidt
 Engenheiro agrônomo Hans Walter Taggesell, escritório na casa de João Felipe Kirchner
 Escultor e canteiro Clemente Hamitzsch:
 Fabrica de brinquedos de Waltrick e Klinger
 Fábrica de Cerveja de Roberto Beller & Cia
 Fábrica de macarrão de Antônio Adolpho Waltrich
 Fábrica de manteiga de sebo de Guilherme Lewerentz
 Fábrica de móveis de madeira: Alfredo Rudolf
 Fábrica de móveis de vime de Max Kimmel
 Farmacêutico Eduardo Rambusch
 Farmacêutico Joaquim Oliveira Waltrick
 Farmácia Waltrick
 Fotografo de Henrique Walbröech

Indústria de móveis de vime de Conrado Thomsen

Industriais e profissionais: F. G. Busch, José Stupp, João Felipe Kühner, Max Kadisch,
João Alexandre Schmidt, Maurilio Waltrick, Germano Henkomeyer, Frederico Bohl:

Marcenaria de José Stanczyk & Marchwa

Mecânico Guilherme Karl

Médico Berger

Médico Edmundo Wiering:

Médico Fernando Wendhausen:

Médico Grant Dr. Jorge Bleyer

Médico Jorge A. C. Bleyer

Médico Theodoro Batz:

Médico, operador e parteiro R. Sturmhöfel Dr. Berger:

Moinho S. Mathar de Busch Costa & Cia

Motorista de táxi Edgard Fischer

Oficina de consertos de produtos domésticos, em geral: Ferreira Eigen:

Parteira Hermina Rudolf

Parteira Julia Nuesser

Parteira Nathalia Thiel

Pedreiro Guilherme Lewerentz

Serraria de Maurilio Waltrick

Fontes consultadas

1. Processos cíveis da Comarca de Lages, referente ao século XIX, depositados no Museu no Judiciário Catarinense, Florianópolis, Santa Catarina:

Ação Cível (1893). João José Rath. Cx. I.

Ação de Custas (1898). Antônio Waltrick. Cx. F.

Arrecadação de bens. (1892). João Buing. Cx.M9.

Arrolamento de bens. (1890). Carlos Hinderman. Cx M10.

Arrolamento de bens. (1896). Luiz Mattos Weller: falecido / Emília Weller: inventariante.

Cx M7.

Arrolamento de bens. (1899). Umbelina Ribeiro Koech. Cx M5.

Auto de Embargo (1896). Lourenço José Theodoro Waltich. Cx D.

Cobrança de Dívida (1899). Eduardo Deuscher. Cx. E1.

Cobrança de Dívida (1900). Antônio Einecke. Cx. A2.

Conformação de sentença de divórcio (1897). Eduardo Rambuch. Cx. E1.

Inventário (1862) Saturnino Gutter. Cx. O5.

Inventário (1865) André Goss. Cx. O3

Inventário (1867) José Waltrich Coelho. Cx. O2.

Inventário (1868) Jorge Trueter. Cx. O1

- Inventário (1874). Margarida Scheit. Cx. N8.
- Inventário (1875) João Carlos Brisman. Cx. N8
- Inventário (1881) Lourenço Waltrich. Cx. N5.
- Inventário (1885) Maria Waltrich. Cx. N3.
- Inventário (1885). João José Rodrigues Júnior: falecido / Maria Waltrick: viúva. Cx N3.
- Inventário (1887). Pedro Arnos Shait. Cx. N2.
- Inventário (1888) Antônio Waltrich. Cx. 5/6
- Inventário (1892) Pedro Henrique Doem. Cx. 7/8.
- Inventário (1896) Frederico Straubel. Cx. M7.
- Inventário (1896) Maria Cristina Lohre Schumacher. Cx. 7/8.
- Inventário (1896) Maria Emília Schumacher e Antonio Benting. Cx. 7/8.
- Inventário (1897) José Candido de Góss. Cx. M7.
- Inventário (1899) Cap. Antônio Richen de Amorim. Cx. M5.
- Inventário Judicial (1894). Cristiano Brascher Junior. Cx. M8.
- Inventário Pobre (1880). Leonardo Keche Junior. Cx. N5.
- Inventário Pobre (1882). Carlos José Waltrick. Cx. N5.
- Inventário Pobre (1884). Luís Mascheck. Cx. N4.
- Inventário Pobre (1895) Christiano Küster. Cx. M8.
- Inventário Pobre (1895) Luiz Wolff. Cx. M8.
- Inventário Pobre (1895). Bernardino Luiz Wolff: falecido. Emília Xavier Leite:
inventariante. Cx. M8.
- Inventário Pobre (1897) Manoela Schumacher. Cx. M7.
- Justificação de Ausência (1896). Carlos Scheteliz. Cx. D.

Liquidação de Bens (1883). Cristiano Krister. Cx K.

Rescisão de Contrato (1890). Pedro Waltrich. Cx. H.

2. Coleções de documentos, referente ao século XIX, depositados no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, SC:

Coleções de Registros de Nascimentos de Lages, referente ao início do século XX.

Índice de Solicitadores de Títulos de Concessão de Terras do Estado de Santa Catarina, referente à cidade de Lages. Coleção do Arquivo Público de Santa Catarina.

Ofício do Delegado de Polícia de Lages Guilherme Ricken para o Presidente da Província de Santa Catarina João José Coutinho, de 1853. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Florianópolis / SC.

Registro de Vigário Livro 1, Ano 1850-57, p. 37-8 e Livro 5, Ano 1854-56, p. 179 e 181. Acervo do Arquivo Público de Santa Catarina – Florianópolis- SC.

Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial de Santa Catarina, na sessão ordinária pelo Presidente Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque, no ano de 1867, Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1867.

Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Lages, em 01 de janeiro de 1899, pelo Superintendente Major Vidal de Oliveira Ramos Júnior. São Leopoldo: Typ. Rothermund, 1899, p. 11-12.

Relatório de 1917, apresentado à Diretoria de Viação, Terras e Obras Públicas Coronel Antônio Maria Barroso Pereira pelo Engenheiro Constâncio A. Krummel, da Agencia do IV Distrito do Comissariado Geral do Estado, sediada em Lages. Código: 4ºDist. C.G. Lages r.1917 2-30-1. Acervo do Arquivo Público do Estado de Santa.

3. Documentos avulsos depositados nas igrejas católica, luterana e presbiteriana de Lages, SC:

Documentação da Sociedade Auxiliadora Feminina da Igreja Presbiteriana de Lages, década de 1930;

Registros retroativos de batismo da Igreja Luterana de Lages, década de 1950;

Índice de Batismos 1838-1851 Livro 5 a 9; Índice de Batismos 1840-1903, Livro 10 a 35; Índice de Batismos 1884-1889 (1253586), Livro 30 A; Índice de Batismos 1885 (1253586), Livro 33; Índice de Batismos 1895-1899 (1253586), Livro 34 e 35. Livro de Batismo nº 6, folha 53 v. Acervo da Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres da Catedral Diocesana de Lages.

4. Jornais e periódicos, referentes ao período 1889-1945, depositados na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, SC:

O Lageano, 1887

República, 1891

Lageano, 1891

Gazeta de Lages, 1895

O Imparcial, 1901

Cruzeiro do Sul, 1902

O Imparcial, 1902 a 1903

Cruzeiro do Sul, 1904 a 1905

A Evolução, 1905 a 1907

O Clarim, 1908 a 1909,

Região Serrana, 1910;

O Clarim, 1911;

A Notícia, 1912 a 1915;

O Planalto, 1918;

O Lageano, 1919 a 1922,

Correio de Lages, 1924 a 1926;

A Época, 1926 a 1927;

Correio de Lages, 1927 a 1930.

Guia Serrano, 1941 a 1944.

5. Documentação avulsa:

DACHS, Walter. Histórico da Vila de Nossa Senhora dos Prazeres das Lages. Guia Serrano. Lages. Coleção particular, com 198 artigos, depositados no Museu Thiago de Castro, Lages, SC.

Catarina Deschamps Steffen. Carta datada de 1944, gentilmente cedida por Iza Viera da Rosa Grizard, O texto escrito em alemão foi traduzido por Atilia (Tilinha), mãe de Iza Viera da Rosa Grizard.

Censo do Império do Brasil de 1872. Arquivo Nacional (micro filme).

6. Entrevistas

Alice Mendonça. Nascida em Jaraguá do Sul, em 1931. Entrevista realizada em Lages, em 16 de janeiro de 1998.

Andreas Wiggers (Padre). Nascido em Cambará, Bom Retiro, em 20 de maio de 1933, Entrevista realizada em 13 de Fevereiro de 1997.

Danilo de Castro. Nascido em Lages, em 02 de fevereiro de 1919. Entrevistas realizadas em 13, 14 e 16 de janeiro de 1998, e, em 12 de janeiro de 2001.

Elizabeth Feldhaus Martinhago. Nascida em Rio Fortuna, em 1935. Entrevista realizada em Lages, em 12 de fevereiro de 1997.

Hilma Holler. Nascida em Alfredo Wagner, em 1934. Entrevista realizada em Lages, em 27 de Fevereiro de 1998.

João Rath Oliveira Nascido em São Francisco de Paula (RS), em 1924. Entrevista Realiza em Lages, em 13 de janeiro de 1998.

Licurgo Ramos Costa. Nascido Lages, em 1904. Entrevista realizada em 12 de maio e 22 de novembro de 1999, 12 e 19 de janeiro, 03 de fevereiro e 06 de julho de 2000.

Maria Luiza Suiter Aquino. Nascida em Lages, em 1927. Entrevista realizada em Lages, em 15 de janeiro de 1998.

Serafina Scoz (Religiosa). Nascida em São José do Cerrito, em 1916. Entrevista realizada em 16 de outubro de 1996, em Florianópolis.

Waltrud Hoechel Marques. Nascida em Blumenau, em 1920. Entrevista realizada em Lages, em 27 de fevereiro de 1998.

Bibliografia Consultada

Artigos

AMADO, Janáina. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral.

In.: *História*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, vol. 14, 1995.

AZZI, Riolando. O episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular. In.: *Revista*

Eclesiástica Brasileira: Vozes, 1976. Vol. 36, fasc. 141

BESEN, José Artulino. Duas Formas de Catolicismo – O processo da Romanização em

Santa Catarina. In.: *Encontros Teológicos*. Ano 9, nº 2, 1994.

BRANCO. Juçara de Souza Castello. O Esquecimento do grupo étnico de Lages. In.:

Blumenau em Cadernos. Tomo XL, nº 02, fevereiro/1999, p. 44-49.

De São Pedro de Alcântara para o Planalto

Catarinense. In.: JOCHEM, Toni Vidal (org.) *São Pedro de Alcântara (1829-1999)*.

São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999, p. 131-145.

Robert Avé-Lallemant em Lages. In.: Blumenau em

Cadernos. Tomo XXXIX, nº 01, setembro/1998, p. 45- 53.

O grupo étnico germânico de Lages. In.: Blumenau

em Cadernos. Tomo XXXIX, nº 01, janeiro/1998, p. 13- 21.

-
- Alemães em Lages uma página da história que não foi contada. p. 237-250.
-
- Abrasileiramento alemão nos campos de Lages. In.: Blumenau em Cadernos. Tomo XXXVIII, nº 07, julho/1997, p. 15-22.
- CÂMARA, Lourival. In.: *Separata da Revista Imigração e Colonização*. Florianópolis: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Departamento de Estatística. Ano I, nº 4, Outubro de 1940.
- CHARTIER. Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. In.: *Estudos Históricos*: Rio de Janeiro, vol. 7, nº 13, 1994.
- COSTA, Otacílio. *História de Lages (Apontamentos)*. Lages: Edição do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. 1944.
- CUNHA, Jorge Luiz da. Alemães emigrantes: as causas. In.: *São Pedro de Alcântara 1829-1999: aspectos de sua história*. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999.
- GUINZBURB, Carlo. O inquisidor como antropólogo. In.: *Revista Brasileira de História*. São Paulo. vol. 11, nº 21, Set. 90. Fev. 91.
- KLUG, João. As razões da imigração. In.: *São Pedro de Alcântara 1829-1999: aspectos de sua história*. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999.
- MATOS, Maria Izilda Santos. Do público para o privado. In.: *Cadernos PAGU*, Campinas (SP): vol. 4, 1995.
- MEIER, Beat Richard. *A análise da obra de Jacinto Antônio de Mattos*. Texto digitado, 1998.

NEIVA, Frei Sebastião da Silva, OFM. *Vida Franciscana*, ano XXIV (XLIV), junho, 1967, nº 34, p. 20

NORRA, Pierre. Entre memória e história – a problemática dos lugares. In: *Projeto História: Revista do Programa de Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, nº 10, São Paulo, 1993.

PHILIPPI, Aderbal João. Migração dos colonos alemães de São Pedro de Alcântara em direção ao Sul do Estado de Santa Catarina até 1900. In.: JOCHEM, Toni Vidal (org.) *São Pedro de Alcântara (1829-1999)*. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In.: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC/ Fundação Getúlio Vargas, vol. 2, nº 3, 1989.

_____. Memória e Identidade Social. In.: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC/ Fundação Getúlio Vargas, vol. 5, nº 10, 1992.

Revista da Memória. Fundação Cultural de Lages: Lages, 1996, Ano 1, nº 1.

SCOTT, Joan W. Experiência. In.: *Falas de Gênero: Teorias, análises, leituras*. (Org.)

SILVA, Alcione Leite, LAGO, Mara Coelho de Souza e RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Florianópolis, Editora Mulheres, 1999.

SERPA, Élio Cantalício. A identidade catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. In: *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis, 1996, vol. 14, nº 20.

_____. Os indômitos povos de que ella a Villa de Lagens se compõe pela maior parte. In. *Revista Catarinense de História*. Florianópolis. Nº 2, 1994.

SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania – A imigração alemã e o Estado brasileiro. In.: *Trabalho apresentado no XVII Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu, MG: 22-25 de outubro de 1993.

THEMANS, Irmão Humberto. Viagem ao Brasil e começo da missão. In.: *Vida Franciscana*. Rio de Janeiro: Coleção centenário, 1992, nº 3

Vida Franciscana, Ano XXIV (XLIV). Junho /1967, n. 34, p. 21-24..

VOIGT, André Fabiano. A migração de alemães da Colônia São Pedro de Alcântara para o Vale do Itajaí: uma questão histórica; In.: JOCHEM, Toni Vidal (org.) *São Pedro de Alcântara (1829-1999)*. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999.

Teses e Dissertações

CAMPOS, Cynthia Machado. *A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil*. Campinas: Tese de Doutorado em História pela UNICAMP, 1998.

LENZI, Carlos Alberto Silveira. *Poder Político e Mudança Social – Estudo sobre poder político oligárquico no município de Lages – SC*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado em Direito pela UFSC, 1977.

MARCON, Frank Nilton. *Visibilidade e resistência negra em Lages*. São Leopoldo: Dissertação de Mestrado em História pela UNISINOS, 1999.

- SERPA, Élio Cantalício. *Igreja, elites dirigentes e catolicismo popular em Desterro/Florianópolis, Laguna e Lages – 1889-1920*. São Paulo: USP, Tese de Doutorado, 1993.
- VOIGT, André Fabiano. *Imigrantes entre a cruz e a espada: imigração alemã, confissão religiosa e cidadania no Vale do Itajaí (1847-1863)*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.
- WOLFF, Cristina Scheibe. *As mulheres da Colônia Blumenau – cotidiano e trabalho (1850-1900)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado, 1991.

Referência Bibliográfica

- AUED, Bernadete Wrublewski. *História de profissões em Santa Catarina: ondas largas civilizadoras*. Florianópolis: Ed. do Autor, 1999.
- AVÉ-LALLEMANT, Robert, (1812-1884). *Viagens pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)*; tradução Teodoro Cabral. - Belo Horizonte: Ed. Itatiaia: São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- BAGGIO, Frei Hugo D., OFM. *Frei Rogério Neuhaus – o missionário do Planalto Catarinense*. São Paulo: São Paulo. Edições Loyola e Vozes, 1983.
- BINZER, Ina von. *Alegrias e Tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. Editora Anhembi: São Paulo, 1956.

- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, p. 91.
- CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. 2ª ed. Florianópolis 1970.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- _____ *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- CORRÊA, Nereu. *Paulo Setubal em Santa Catarina*. Florianópolis: UDESC, 1978.
- COSTA, Licurgo. *O continente das Lagens – sua história e influência no sertão de terra firma*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSP, 1999
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, 277 p.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 5. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1997.
- FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Alemães na Guerra dos Farrapos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1991.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HOBSBAWM, Eric J. *A era do Capital: 1848-1875*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 3ª ed., 1982.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- JANOTI, Maria de Lourdes M. *O coronelismo – uma política de compromisso*. São Paulo : Brasiliense, Coleção Tudo é História, 1981.
- LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. 2. Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.
- LE MOS, Juvêncio Saldanha. *Os mercenários do Imperador – A primeira corrente imigratória alemã no Brasil (1824-1830)*. Porto Alegre: Palmarinca, 1993.
- _____. *Os mercenários do Imperador. A primeira corrente imigratória alemã no Brasil (1824-1830)*. Palmarinca: Porto Alegre, 1993, p. 436
- MACHADO, Paulo Pinheiro. *A política de colonização do Império*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.
- MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MAUCH, Cláudia, VASCONCELLOS, Naira (org.) *Os alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. da ULBRA, 1994
- MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século – um estudo sobre o surto milenalista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- PELUSO JÚNIOR, Victor Antônio. *Estudos da geografia urbana de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC: secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1991.
- PESAVENTO, Sandra. Um novo olhar sobre a cidade: a nova história cultural e as representações do urbano. In.: *Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade*. Porto Alegre, Canoas, São Leopoldo. Ed. Universidade, UFRGS, ULBRA, UNISINOS, 1994.
- PIAZZA, Walter Fernando. *A colonização de Santa Catarina*. Porto Alegre: BRDE, 1982.
- ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969, vol. I.
- SANTOS, Sílvio Coelho dos. *Índios e brancos no sul do Brasil; a dramática experiência dos Xokleng*. Porto Alegre, Movimento; Brasília, Minc / Pró-Memória/ INL, 1987.

- SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SERPA, Élio Cantalício. *Igreja e Poder em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1997.
- TEIXEIRA, Francisco Maria Pires. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Global, 1993.
- TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana - 1*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- VIDAL, Ramos. *Notas para a história da fundação de Lages(1766-1783)*. Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Florianópolis: Vol. XII, 1º Semestre, 1944.
- WILLEMS, Emílio. *Assimilação e Populações Marginais no Brasil*. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1940
- _____. *Aculturação dos alemães no Brasil - estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1946.